

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

NÚMERO AVULSO: UM
EDITOR — J. CHRISOS

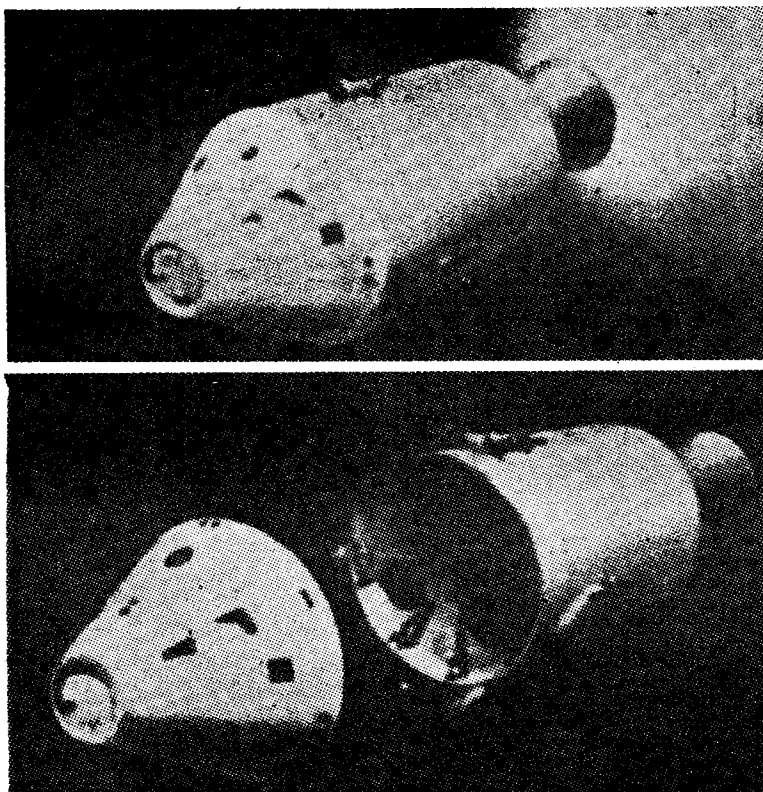
COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRAG

A CHINA E A RÚSSIA

São mais acentuadas as diferenças entre a revolução comunista na China e na Rússia do que os traços que as identificam. Para além da invocação ritual das mesmas fontes e da mesma inspiração, Marx e Lenine, o marxismo-leninismo, a ditadura do proletariado e a luta antiburguesa para criar uma sociedade sem classes e sem taras que os comunistas atribuem ao capitalismo e imperialismo, há a variada gama de divergências que separam os regimes de Moscovo e Pequim. Essas divergências vão desde as ideias aos temperamentos que as servem. A lua-de-mel sino-soviética foi curta, e não tardou que os antagonismos nacionais e imperiais, que tradicionalmente opuseram aquelas nações, se sobrepusessem à desejada unidade ideológica artificialmente alimentada para retardar um rompimento inevitável. Quando o exército comunista chinês, após a prolongada travessia do deserto, entrou triunfalmente em Pequim e desfilou nesta cidade, em 1 de Outubro de 1949, os dirigentes chineses acusavam com fundamento os dirigentes de Moscovo de não respeitarem a solidariedade das nações proletárias, e mesmo de a atreparem.

Estaline nunca acreditou na revolução comunista na China. Não apelou para o auxílio dos comunistas chineses quando receava o ataque dos militares nipónicos. O seu realismo era incompatível com as concepções do comunismo agrário. Quando a vitória coroou o esforço militar do seu país, assinou, em Setembro de 1945, os acordos com Chang Kai Chek que lhe deram Dairen e Porto Artur, além de valiosas concessões e facilidades na Manchúria. Seria incompreensível num homem da sua experiência, desconfiado por natureza e avisado por cálculo, a pressa que manifestou em se entender com os nacionalistas chineses, se contasse com a vitória próxima dos comunistas. Se alguma vez ele se mostrou confiante e seguro de si, foi quando negociou com Chang Kai Chek os acordos que, pouco depois, eram letra morta.

VISADO PELA CENSURA



Kenneth Kaunda não assistirá à conferência da Commonwealth

LUSAKA, 30 — (R.) — O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia disse hoje que não assistiria à conferência dos «leaders» da Commonwealth, que se realiza na próxima semana em Londres. O dr. Kaunda declarou numa conferência de Imprensa, que tinha decidido não comparecer porque se encontrava desgostoso com a forma como o Governo britânico estava a tratar da crise provocada pela independência da Rodésia. O presidente acrescentou que o delegação da Zâmbia à conferência, que se inicia na próxima terça-feira, será chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Simon Kapwepwe, agora em visita de boa vontade à Dinamarca.

WILSON REGRESSOU DE FÉRIAS

LONDRES, 30. — (F. P.) — Com a cara tostada pelo sol e em excelente forma física, passados quinze dias de férias na sua casa das ilhas Sorlingas, Harold Wilson regressa hoje ao seu gabinete no n.º 10 da Downing Street. Na mesa de trabalho, esperam-no duas pesadas pastas: documentos sobre a situação na Rodésia e o tabelamento dos salários, que marcarão, no recomeço da actividade política, em Setembro, a conferência dos primeiros-ministros da Comunidade Britânica e o congresso do T. U. C., a central sindical da Grã-Bretanha.

Esta manhã, o primeiro-ministro recebe Duncan Watson e Olivier Wright, os seus dois enviados especiais a Salisbury, mandados retirar, a semana passada, em consequência da decisão de Ian Smith de alterar a Constituição rodésiana em detrimento dos direitos da população africana. Comentando esta iniciativa do primeiro-ministro rodésiano, Harold Wilson qualificou-a de «acto absolutamente ilegal e sem qualquer valor jurídico».

ALASTRA A GREVE NA ZÂMBIA

LUSAKA, 30. — (R.) — Uma greve de mineiros africanos numa mina da «cintura do cobre» da Zâmbia alastrou hoje a duas outras, elevando o total dos grevistas para cerca de 12 mil.

COMO SE EFECTUARA a separação em órbita da nave americana «Apolo» — de três lugares — do último andar do foguetão transportador. Os E. U. A. projectam utilizar a cápsula «Apolo» para o envio de astronautas à Lua

De Gaulle receberá provavelmente amanhã o representante de Hanói no Cambodja —anuncia-se em Pnom Penh

PNOM PENH, 30 — (F. P.) — Anuncia-se nesta cidade, de fonte cambodjana, bem informada, que o general de Gaulle receberá, muito provavelmente amanhã Nguyen Thuong, representante da Republica Democrática do Vietnam no Cambodja. Em contrapartida, seria de excluir que o chefe do Estado francês venha a ter contactos com personalidades da Frente de Libertação Nacional sul-vietnamiana.

PARTIDA DE DJIBUTI

DJIBUTI, 30 — (R.) — O presidente de Gaulle partiu hoje, às 2 horas e 15 minutos (T. M. G.) desta cidade para Pnom Penh, capital do Cambodja, na terceira etapa

da sua viagem pelo Mundo.

O general chegara ontem a Djibuti para passar a noite, a seguir à sua visita de três dias à Etiópia, onde teve conversações com o imperador Haile Selassie.

A viagem do presidente ao Cambodja, pegado ao Vietnam em guerra, é considerado como a parte mais significativa a sua visita de três semanas a Africa. Sueste da Asia e Pacifico.

Espera-se que, em Pnom Penh, de Gaulle pronuncie um importante discurso, o qual, segundo fontes bem informadas, sublinhará o perigo da guerra no Vietnam se transformar num conflito global.

CHEGADA A PNOM PENH

PNOM PENH, 30 — (F. P.) — O «DC-8» transportando o general de Gaulle e sua esposa pousou às 17 horas e 30 minutos (10 e 30, T. M. G.), no aeroporto de Pnom Penh — Pochentong.

O chefe de Estado francês era esperado pela rainha Sisowath Kossomak e o chefe de estado e de Governo, príncipe Norodom Sihanouk.

BANDOS DE REBELDES INFILTRAM-SE NO CAMBODJA

PNOM PENH, 30 — (F. P.) — Quatro grupos de rebeldes «Khmers livres» — movimento dirigido por Son Ngoc Teane —, provenientes da Tailândia, infiltraram-se nos últimos dias, no Cambodja, com o propósito de praticarem sabotagens e atentados durante a visita do general de Gaulle — anunciou a imprensa o príncipe Sihanouk, citando um relatório do general Lon Nol, chefe do Estado-Maior do Exército do Cambodja.

28 PÁGINAS

JUVENIL

QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

VIDA CIENTÍFICA
GUIA TURÍSTICO

Da terceira à quarta guerra mundial

por ANDRÉ FONTAINE

(Serviço combinado «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

A guerra do Vietnam não é fundamentalmente uma guerra por causa do Vietnam. Se os americanos pretendessem lançar-se em

quaisquer tentativas de conquista ou colonização, poderiam encontrar

(Continua na 20.ª página)

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • •

De ontem para hoje

O TERRÍVEL ALCOOLISMO

É dos terríveis males que atacam a humanidade o do alcoolismo e desde o patriarca Noé que, saindo da Arca, deu em entrar demasiado no sumo da uva a ponto de se descompor em publico e até diante dos filhos aparecia de maneira pouco digna, segundo relata a Bíblia. Em Noé deve ter sido feito da longa permanência na Arca, em companhia de toda aquela bicharia; precisava de espreitar e esquecer a tragédia por que passara. Mas nem todos os que imitam aquele patriarca no abuso do álcool passaram por tragédias, mas muitos as provocam por causa do mesmo álcool. Ainda ontem, no lugar de Valverde, concelho de Oliveira de Azemeis, houve dupla cena de sangue e um casal que desapareceu em silêncio e para sempre. Lá viviam a sr.^a Rosa Borges Leite, de 71 anos, e seu marido, o barbeiro Manuel de Almeida e Silva, de 65. Este entrava-lhe de mais no brio, o que originava a desarmonia no lar. Mas o barbeiro sentia-o e jurou que havia de acabar com tal desgosto. Ora ontem, depois do jantar, o barbeiro dirigiu-se para a loja e lá o encontraram morto os vizinhos, pouco depois. Os vizinhos foram então a casa e encontraram também a sr.^a Rosa Borges Leite já sem vida. Mais para o Norte, nas Caldas da Saúde, também o Manuel Pereira Dinis, sapateiro, entra no vinho sem conta nem medida e optou a mulher, ameaçada por ele, fugiu para casa de um vizinho, o sr. Armando de Carvalho. O bêbado, de facha em punho, perseguiu-a e não a conseguiu alcançar, mas depararam-se-lhe no caminho as filhas do sr. Carvalho, Laura Fernanda e Laurinda. Esfregou-as e o mesmo fez ao pai que acorrera em auxílio das filhas. No hospital de Santo Tirso ficaram internados o sr. Armando de Carvalho e uma das filhas, enquanto o agressor fugia.

DO COMBOIO A LINHA

La no comboio para além de Vila Velha de Ródão o sr. Joaquim Patrio, de 40 anos, de Lourical do Campo, casado, pedreiro da C. P. e que trabalhava em Lisboa. Trabalhava. Perto do Tostão, ia a mudar de carruagem, abriu-se inesperadamente uma porta e ele caiu á linha. Ficou horrorosamente mutilado e de cabeça decepada. Para examinar o acidente desceu á linha o sr. Tomás Pires dos Santos, de 60 anos, continuo do Banco da Agricultura, morador na Rua da Quintinha. Caiu também e, muito ferido na cabeça, veio para Lisboa ficando hospitalizado.

A MOTORIZADA CONTRA A CAMIONETA

Morava em Vale de Cavalos o sr. Rui Justino Godinho. Em Alpiarça a sua motorizada foi embater com uma camioneta de carga conduzida pelo sr. Alvaro de Oliveira Francisco. Ao entrar no hospital de Santarém era cadáver.

RUSGA DAS POLÍCIAS

A Polícia Judiciária e a Polícia Militar realizaram esta madrugada uma rusga, nas zonas do Rossio e Saldanha. Finalidade: encontrar indivíduos que não tenham regulada a sua situação militar e muitos «arrebentados». Detidos para ser averiguado o seu modo de vida, uns 40 indivíduos.

OPERAÇÃO «STOP»

Houve esta madrugada em Lisboa uma operação stop, efectuada pela P. S. P., a fim de apagar nas malhas, viaturas roubadas e condutores em infracção. Funcionaram quatro portões de fiscalização: nos cruzamentos de Go-

mes Freire e Joaquim Bonifácio, Saldanha de Carvalho e Ferreira Borges, Estados Unidos e Roma, e Berna e Republica. Foram presos três indivíduos por não se acharem habilitados com carta de condução.

A opinião pública brasileira e o problema do divórcio proibido naquele país

(Especial para o «DIÁRIO DE LISBOA»)

RIO DE JANEIRO, Agosto — Permitir ou não o divórcio, neste país, é um problema em que se debatem muitos legisladores e funcionários públicos. E isto, certamente, por se tratar da nação onde existe grande numero de católicos.

O Brasil, na verdade, é um dos países que proíbem, constitucionalmente, a dissolução legal do matrimónio. Os legisladores federais, no entanto, estudam uma proposta de lei tendente a modificar esta situação. Tal facto, como se supõe, provocou grande furor nos grupos de católicos laicos e deu azo a muitas conjecturas.

Edson Arantes do Nascimento, o celeberrimo «Pelé», foi uma das muitas pessoas que assinaram uma petição contra o divórcio, patrocinada por uma organização católica laica. Os homens de negócios e comerciantes do centro da cidade, no próprio local onde exercem as suas actividades, são instados para que apoiem, também, a tal petição. Se recusam, ouvem uma torrente de frases publicitárias, mais próprias para anunciar um produto comercial.

«O divórcio destruirá a família brasileira» — afirmam. E o clero concorda em absoluto. Um artigo publicado recentemente numa revista, no entanto, calcula que, mesmo sem dissolução legal, pelo menos cinco casais se separam diariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo — as duas cidades mais populares do país. Desde 1949 que existe uma cláusula de separação, no código civil. As pessoas separadas, porém, não podem voltar a contrair matrimónio. Assim, os que desejam casar-se de novo, na sua maioria, pedem o divórcio noutro país ou, por meio de algumas manobras legais, resolvem a sua situação com o auxílio de uma embaixada estrangeira. Caso contrário, têm de mudar-se para outra terra, com a nova esposa ou esposo, debaixo de uma fachada de falsa respeitabilidade.

O segundo consorte não tem quaisquer direitos á face da lei brasileira, enquanto o primeiro for vivo. Mal este morra, no entanto, pode voltar a casar-se.

Milhares de famílias brasileiras, entre as quais se conta gente famosa na política e na arte, compõem-se de casais em que um dos cônjuges se encontra na situação de segundo consorte. E isto é aceite pela imprensa e o mesmo faz a maioria do publico.

O prof. Ataliba Nogueira, que colaborou na redacção da cláusula do matrimónio indissolúvel, da constituição brasileira, afirmou:

— Sou contra o divórcio, mas declaro-me a favor da separação legal, na medida em que esta cria uma situação horrível para o casal. Este, por isso, decide continuar a viver em conjunto, e isto salva a família. Os filhos crescem, assim, na presença dos pais.

O deputado Nelson Carneiro, presidente da comissão encarregada de examinar o projecto da nova lei, admite que o divórcio não é uma situação universalmente favorecida, mas diz:

— A meu ver, a dissolução legal do casamento, como solução, não é uma má separação e torna-se, sem duvida, muito mais humana.

Para este politico, uma solução viável, por agora, seria a anulação do matrimónio, com base no «equívoco das qualidades morais do consorte». Apresenta-a como uma boa posição intermediária, entre a situação presente e a legalização do divórcio no Brasil. «O ideal» — afirma Nelson Carneiro — «é a felicidade conjugal, mas isso não pode ser decretado pelo legislador. A família, porém, sofre a incompreensão que torna impossível uma vida em comum. E, nesse momento, surge um problema: se-

paração ou divórcio. Quase todas as nações civilizadas optaram pela segunda solução, e algumas delas são católicas, como a França, o México e o Perú. Quanto a mim, a dissolução legal do matrimónio é bem melhor do que a separação, na medida em que protege a mulher e os filhos».

O ponto principal, surgido em ambos os casos, nesta questão, é a família. Os brasileiros partidários do divórcio fazem ver, no entanto, que o agregado familiar se encontra desprotegido, precisamente por não haver leis nesse sentido. Os homens continuam a abandonar as esposas e vice-versa. Não existindo dissolução do matrimónio, uma pessoa casada, que seja jovem e se encontre nesta situação, tem de encerrar a hipótese de levar uma vida solitária, rodear a lei ou, então, aceitar as críticas da sociedade.

Também há quem diga o seguinte: desde o momento em que o amor deixa de existir entre duas pessoas casadas, o bem-estar familiar pode ser mais prejudicado que beneficiado com o facto dos esposos continuarem a viver juntos.

Uma rapariga de Copacabana, por exemplo, espera que exista o divórcio para resolver a sua situação. O seu problema é este: não pode deixar o marido, que, por sua vez, se recusa a abandonar a casa materna e a assumir as responsabilidades de um chefe de família.

— Acontece que temos uma filha — afirma a jovem — e, se eu me divorciar fora do país, tenho de renunciar a ela, uma vez que não me encontro em condições de sustentá-la. Pensei em ir viver com a minha mãe, mas parece-me uma solução bastante forçada. Assim, resta-me implorar para que surja uma lei de divórcio no Brasil.

ABRIU O SEGUNDO CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR DA FORÇA AÉREA

Com a presença do secretário de Estado da Aeronáutica, sr. general Francisco Chagas, efectuou-se na Base Aérea n.º 1, em Sintra, a sessão de abertura do segundo Curso de Promoção a Oficial Superior da Força Aérea do ano de 1966.

A chegada àquela unidade, o secretário de Estado foi recebido pelo subdirector do Serviço de Instrução, sr. coronel tirocinado Brás de Oliveira, pelos 1.º e 2.º comandantes da Base Aérea n.º 1, srs. coronel Costa Maia e tenente-coronel Soares Pires, e por outros oficiais.

Depois de passar revista á guarda de honra e de assistir ao desfile em continência, dirigiu-se, acompanhado pelos oficiais presentes, para a sala onde decorreu a sessão. Falou em primeiro lugar o director do curso, sr. coronel Costa Maia, que, depois de agradecer a presença do secretário de Estado, teve algumas considerações sobre a forma como têm decorrido os cursos e das alterações julgadas oportunas introduzir á luz da experiência adquirida.

A encerrar a sessão, o sr. general Francisco Chagas, depois de saudar os professores e alunos presentes, congratulou-se com os bons resultados obtidos nos cursos anteriores — resultados que, estava certo — disse — se iriam alcançar, também, no novo curso.

Serviços de estatística das províncias ultramarinas

A folha oficial publicou agora o decreto do ministro do Ultramar, que há dias anunciámos, que modifica a organica dos serviços de estatística das províncias ultramarinas e revoga determinadas disposições legislativas.

DIÁRIO escolar

Perguntas de examinadores

Uma nossa leitora ficou muito interessada nos comentários que aqui formulámos, relativos a perguntas que se fizeram este ano, nos exames de admissão, e pedem-nos que acrescentemos mais estas, para pasmo nosso e das crianças:

— Qual o navegador português que fez a passagem do Sudeste?

— Relaciona Santo António com o Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra?

— Diz-me de que estilo é esta ponte? (e, a senhora professora apresentava uma gravura).

Estas e outras perguntas congêneres foram dirigidas a meninas que completaram há pouco os dez anos.

AS MATRÍCULAS

NA «VOZ DO OPERÁRIO»

Encontram-se abertas, na secretaria da benemérita Sociedade «A Voz do Operário», as matrículas para as aulas de instrução primária diurna (ambos os sexos), instrução primária nocturna para o sexo masculino, ciclo preparatório e geral do Comércio para o sexo feminino.

Exames de aptidão em Angola e Moçambique

Os profs. José Dias Marques, da Faculdade de Direito de Lisboa, e Alvaro Júlio da Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra, foram nomeados para presidir aos juris de fiscalização das provas dos exames de aptidão para a matrícula nas Universidades e escolas de Belas-Artes e no Instituto Nacional de Educação Física, que vão efectuar-se, respectivamente, em Luanda e Lourenço Marques.

REITORA DO LICEU de D. Filipa de Lencastre

A sr.^a D. Maria Emília de Sousa e Castro, professora efectiva do quadro do Liceu de D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, foi nomeada reitora daquele liceu, na vaga resultante da aposentação da professora sr.^a D. Ana Joaquina Mendes da Silva.

Ensino primário

A folha oficial publicou hoje o mapa de provimentos de professores no quadro geral do ensino primário.

ARTES PLÁSTICAS

Félix Rodrigues expõe na Caparica

Inaugura-se na quinta-feira, na sala do Turismo da Praia do Sol, na Caparica, uma exposição de quadros a óleo do artista Félix Rodrigues constituída por paisagens.

A exposição estará patente ao publico, das 10 às 24 horas, pelo período de 15 dias.

A exposição de Maria do Amparo no Casino da Figueira da Foz

Tem obtido assinalável êxito a artista Maria do Amparo com a sua exposição de esmaltes e pinturas no Casino Peninsular da Figueira da Foz. Muitas das obras expostas pela artista, em particular os esmaltes, foram já vendidas, algumas a turistas estrangeiros.

A exposição continuará aberta nos primeiros dias de Setembro.

Funcionários louvados

Pelo secretário de Estado da Agricultura, foram publicamente louvados os engenheiros agrónomos António Lopes Ribeiro e Luís Maria Carrapatoso Lopes da Fonseca, o primeiro, na qualidade de delegado permanente de Portugal na Comissão Europeia de Agricultura da F. A. O. e o segundo, como subdirector da Estação Agronómica Nacional, «pela grande dedicação e zelo inextinguível com que colaboraram na organização e decurso da conferência sobre forragens e pastagens que, sob a égide da F. A. O., se realizou em Portugal em Maio do ano corrente».

O INTERESSE PELO ESTADO DO DR. NORBERTO LOPES

Não foi apenas no nosso País que o grave desastre de viação sofrido pelo sr. dr. Norberto Lopes e esposa causou profunda emoção, determinando um invulgar movimento de interesse de que, na medida do possível, nos temos feito eco. Também do estrangeiro, e particularmente onde existem colónias portuguesas, temos recebido os ecos de idênticos sentimentos de estima e de admiração pelo nosso director.

Assim, por exemplo, recebemos de Montreal, assinada pelo sr. Henrique Tavares Bello, director do jornal «Luso-Canadiano», que se publica naquela cidade, a seguinte carta:

«Causou profunda emoção entre numerosos portugueses radicados no Canadá a notícia do grave desastre de que foram vítimas o sr. dr. Norberto Lopes, ilustre director do «Diário de Lisboa», e sua esposa.

«O «Luso-Canadiano» vem, por este meio, apresentar os seus sinceros votos de um breve restabelecimento».

Além disso, aquele jornal publicou, no seu numero de 26 do corrente, uma desenvolvida notícia do desastre, terminando por lamentar o acidente e fazer «sinceros votos de um breve restabelecimento» do nosso director e esposa. Votos semelhantes formularam os jornais «Brados do Alentejo», de Estremoz; «Linhas de Elvas»; «Jornal da Madeira», do Funchal; «A Nossa Terra», de Cascais; e «Notícias de Guimarães».

Também se interessaram pelo estado de saúde do dr. Norberto Lopes e esposa, fazendo votos pelo seu restabelecimento os srs. dr. António Guardiola, secretário-geral da Corporação da Imprensa; juiz desembargador dr. José Manuel da Cunha Ferreira; drs. António Corrêa Caldeira Coelho, Izidoro Toscano Rico, Francisco António Garcia e António Caetano de Carvalho; eng.^o Bernardino Machado e Eurico Liberal; escritores Felix Cucurrull e Erna Warntje da Cal; actor Raul Solnado; pintor José Rodrigues; rev. padre Joaquim Manuel Rebelo; Manuel Joaquim Tavares, correspondente do «Diário de Lisboa» em Freixo de Espada à Cinta; Vidigal Salgueiro, pela Direcção da Associação de Natação de Lisboa; Joaquim Rodrigues Valente, Higino César de Campos, João Moreira, Alberto Baptista, Amadeu Gaudêncio, Patrício Alvares e Fernando Cardoso Pinto Ferreira.

COZINHA VELHA QUELUZ

Informamos os nossos Ex.^{as} Clientes que os habituais serviços de Almoços, Chás e Jantares, serão servidos na «SALA DE BANQUETES» e no «TERRAÇO», depois de amanhã, quinta-feira, dia 1, por a nossa «SALA COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

Nos restantes dias agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

Ora, diga-nos...

— Qual a doença que mais teme? —



• Formulámos a nossa pergunta, em primeiro lugar, a sr.^a D. Urbana de Jesus, dona de casa. Respondeu-nos: — Temo-as todas, que tenho muitas! As que mais receio, contudo, são as do coração. Isto não quer dizer que a epilepsia e os «bicos de papagaio», por exemplo, não me infundam respeito, pois são doenças bastante terríveis. Se tivesse uma maleita muito grave, porém, faria o possível por não desanimar.



• E, por ultimo, a sr.^a D. Odete Estefania Sousa Correia Costa Viana, doméstica, afirmou-nos: — Receio muito a cegueira, e o cancro também. Preferia a morte a ter a primeira destas doenças. Sem vista, não podemos trabalhar. O cancro é, igualmente, dos males mais terríveis, até porque não tem cura, pelo menos por enquanto. Com as demais doenças, sempre se consegue ir vivendo.

• O sr. António Faria da Costa Viana, funcionário publico, disse-nos:



— Não falando da falta de dinheiro, o coração e o cancro! Quanto a mim, são os dois maiores males. Para o segundo, como se sabe, ainda não há cura possível. Pode-se padecer dessa doença durante anos, em constante sofrimento. Nem aos nossos maiores inimigos a devemos desejar! As primeiras também são muito perigosas, pois, parando o coração, a máquina segue-lhe o exemplo. De resto, já há soluções para quase todos os outros males que nos podem afligir.

O corpo que apareceu a boiar no Tejo pode ser o de um inglês desaparecido há tempo

Parece levantar-se o véu de certo mistério que envolve o aparecimento do corpo de um homem, encontrado pela tripulação de um barco dos Pilotos da Barra, e levado para o cemitério do Monte da Caparica, como noticiámos.

Apesar de o corpo estar ali já há dias, ainda não compareceu ninguém a identificá-lo. A Polícia Marítima não tinha, na verdade, que efectuar investigações, dado que o assunto havia sido remetido à Polícia Judiciária.

Nos arquivos daquela corporação foi porém encontrado, pelo agente Desidério, um documento pelo qual se verificou que, no dia 25 de Abril deste ano, desapareceu de bordo do cargueiro inglês «Gianton» o tripulante George Henry Blackmore, de 50 anos. O homem não voltou a aparecer. O corpo não foi encontrado a boiar nas águas do Tejo. Em face destes elementos, a Polícia Marítima comunicou à Polícia Judiciária e ao consulado britânico em Lisboa o que se lhe oferecia informar.

O consulado britânico, informado do caso, vai dar conta do sucedido às autoridades inglesas, em Londres, a fim de se proceder a confrontações dentárias, talvez a única maneira de esclarecer o assunto, a não ser que a família de George Blackmore tenha possibilidade de reconhecer as roupas ou a fotografia do rosto do homem cujo corpo está na casa mortuária do cemitério do Monte da Caparica.

O CENTENÁRIO de D. Thomaz de Mello Breyner

Para comemorar o centenário do nascimento do prof. D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, é mandada rezar, pelos Serviços do Hospital do Desterro, no dia 2 de Setembro, pelas 11 horas, na capela do referido hospital, uma missa, seguida de uma sessão de homenagem a que presidirá o administrador dos Hospitais, em representação do enfermeiro-mor, usando da palavra o antigo assistente do saudoso mestre, dr. Maciel Chaves, o prof. Juvenal Esteves e o dr. Cruz Sobral.

A elaboração da Carta Escolar da Metrópole

Decorre com regularidade a elaboração da Carta Escolar Metropolitana, confiada pelo Ministério da Educação Nacional, através do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, a equipa de técnicos da CODEP (Centro de Orientação e Documentação de Ensino Particular).

Terminados o ficheiro e o inventário de todos os estabelecimentos do Ensino Primário (oficial e particular), foi já entregue a direcção do referido Gabinete de Estudos a carta geral da base e a certificação-piloto, referentes ao distrito de Aveiro.

Entretanto, prossegue a organização do ficheiro dos estabelecimentos de Ensino Ligeiro, Técnico e Superior, com o objectivo de inventariar os meios existentes na Metrópole para a instrução e educação, e, com base nesse inventário geral, projectar e programar a satisfação das novas necessidades, tanto em edifícios como em equipamento.

A Carta Escolar é um trabalho de grande interesse, impondo-se como condição essencial para o conhecimento exacto da situação actual da Metrópole em matéria de ensino e base de programação do futuro. Iniciativa do actual ministro da Educação Nacional, ela é expressão do novo espírito de colaboração e fecundo entendimento que anima os sectores publico e particular do ensino, para bem da educação dos portugueses.

Terrenos para vivendas a mais de 600 escudos o metro quadrado em Monte Gordo

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 30 — Com a base de licitação de 200 escudos por metro quadrado foram vendidos pela Camara Municipal desta vila, nove talhões de terrenos, em Monte Gordo, com a área de 300 metros cada talhão.

O preço máximo alcançado foi de 680 escudos e o mínimo 620 por metro. Tratase de terrenos para vivendas de dois pisos e um só fogo com a área aproveitável de 80 metros quadrados e projecto fornecido pela Camara.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): grande quantia de dinheiro; um saco de papel com a cédula marítima e mais documentos dos srs. Cristiano Vicente da Silva e João Amaro Lomba de Jesus; duas carteiras com documentos do sr. Joaquim Ferreira dos Santos e da sr.^a D. Rosa de Jesus da Silva Oliveira Ferreira; o cartão sindical do sr. António Dias Melrinho; um sobrescrito com fotografias; uma camisola de malha; um livro de estudo; um sapato de criança e argolas com chaves.

LIGA DOS AMIGOS DE SÃO JOÃO DE AREIAS

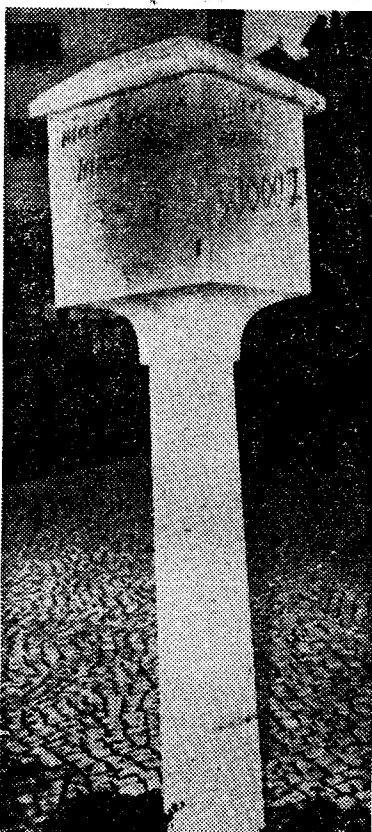
A Liga dos Amigos da Freguesia de São João de Areias, cujos estatutos foram recentemente aprovados oficialmente, reuniu-se em assembleia geral, para proceder à eleição dos seus primeiros corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, dr. José Antunes Pimenta; vice-presidente, eng.^o António Afonso de Sousa Galvão Lucas; secretários, António Rodrigues Miranda e Joaquim Pinto de Oliveira.

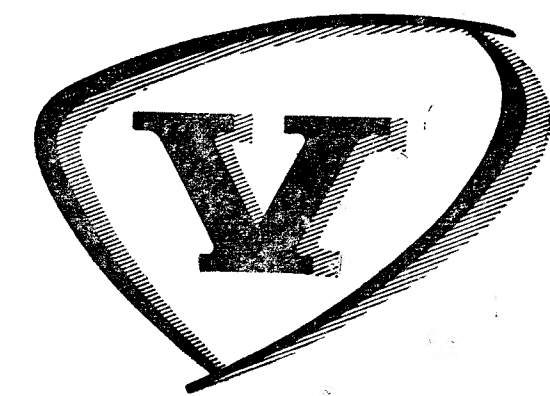
Direcção — presidente, Mário Rodrigues Matias; vice-presidente, Zacarias Miranda Neves; tesoureiro, Manuel Sales; secretários, Fernando Levezinho de Almeida e José Vieira; vogais, José António da Silva Correia e António Homem.

Conselho fiscal — presidente, dr. José Camilo da Trindade; secretário, Aurélio Soares Calçada; relator, António José Henriques.

A nova colectividade, cujo objectivo principal é o de trabalhar pela união de todos os conterrâneos, organizando excursões, festas, etc., e, se possível, de desenvolvimento da própria vila de São João de Areias, vai brevemente dispor em Lisboa de uma sede, que será um centro de convívio dos seus naturais residentes na capital.



Há cerca de um ano que a praça de táxis existente na Rua da Bica do Sapato, espera dispor de um telefone. Tal sucedia quando aqueles carros de praça estacionavam na Rua Vale Santo António, e houve o cuidado de transportar, para o novo local, a cabina telefónica. Como se pode ver na gravura, o caso até já se presta a chalaças...



VALADARES

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE EM CERÂMICA

Diário do 1.º de Agosto

COIMBRA

Professores estrangeiros preleccionaram hoje nos cursos internacionais de Direito Comparado

Na Faculdade de Letras prosseguiram hoje os trabalhos do curso da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, que despertam o maior interesse. Deram aulas, no primeiro ciclo, em língua francesa, os srs. prof. P. H. Teigen, «Introdução ao Direito constitucional comparado»; prof. J. A. Weir, «O sistema «common law» — I»; prof. R. David, «Os direitos romanistas — I e II»; prof. P. A. Crepeau, «Introdução ao direito internacional privado comparado». O sr. prof. M. G. Horsmans dirigiu um seminário de direito comparado.

Em língua inglesa, deram lições sobre «Introdução ao direito internacional privado comparado» e pelos srs. profs. J. A. Weir, «O sistema da «common law» — I», e H. C. Ficker, «Introdução ao direito alemão — Direitos romanistas».

Em língua alemã, os srs. profs. Ficker, «Introdução ao Direito Comparado»; R. David, «O sistema da «common law» — I»; H. Moller, «Os direitos romanistas — I e II»; E. Kaden, «Direitos romanistas — Introdução ao direito alemão — I».

OS 800 ANOS DA VILA DE MARVÃO

MARVÃO, 30 — Integrada nos actos comemorativos do 8.º centenário da tomada desta vila aos mouros, por D. Afonso Henriques, efectua-se no próximo dia 8 de Setembro uma sessão, durante a qual o sr. Possidónio Laranjo Coelho fará uma conferência sobre o passado histórico de Marvão.

Posto de socorros dos bombeiros do Dafundo

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Dafundo pôs agora, ao serviço do publico, um posto de socorros, cujas instalações e apetrechamento são verdadeiramente modelares.

No novo posto, que será mantido com as exiguas receitas da benemérita instituição, trabalha, sobre orientação médica, um enfermeiro-chefe, reformado, dos Hospitais Cívicos de Lisboa, com longa prática da profissão.

e H. C. Ficker, «Introdução ao Direito Comparado».

No segundo ciclo, deram lições, em Direito Privado, os srs. profs. Kaden, «A noção e os limites da propriedade privada em Direito Comparado»; o prof. R. Houin, «Os estabelecimentos comerciais em Direito Comparado — II, III e IV».

Em Direito Público, preleccionaram os srs. profs. J. F. Thery, «O contencioso administrativo em Direito Comparado»; P. H. Teigen, «A responsabilidade do poder público em Direito Comparado», e B. T. Blagojevic, «As empresas públicas em Direito Comparado».

As obras na cidade universitária

O sr. eng.^o Louisa Viana, da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária, principiou esta manhã uma visita às obras em curso na zona da cidade universitária, acompanhado pelo delegado da comissão nesta cidade, sr. eng.^o José Reis Gonçalves.

Entre as obras que são visitadas, incluem-se o pavilhão ginno-desportivo, junto ao Estádio Universitário, em Santa Clara, cuja inauguração está prevista para o começo do próximo ano lectivo, em Outubro; os trabalhos de construção dos edifícios para as secções de Matemática e Física e Química da Faculdade de Ciências. O primeiro está quase concluído na sua estrutura geral e os pavimentos do segundo elevam-se já até à altura da antiga Rua Larga, em frente da Faculdade de Medicina.

O sr. eng.^o Louisa Viana trocará impressões com os técnicos quanto ao arranjo da zona junto ao Instituto Botânico e respectivo jardim, obra que se impõe depois do restauro das bases dos Arcos do Aqueduto, quase concluído.

Exames de aptidão á Universidade

No Porta Férrea foi afixada a relação dos alunos que faltaram aos exames de aptidão na época de Julho e agora, por despacho ministerial, foram autorizados a fazê-los na próxima época de Outubro.

Biblioteca Municipal

Depois de amanhã, reabre a Biblioteca Municipal, que tem estado encerrada para efeitos de limpeza e conferência de livros.

Comandante distrital da P. S. P.

Vai seguir para o Ultramar, em missão de serviço, o sr. capitão Rosa Carvalhal, comandante distrital da P. S. P., cargo no qual será substituído pelo sr. major Octávio Pimentel, segundo comandante daquela corporação no Porto.

Queda fatal

Numa enfermaria dos Hospitais da Universidade faleceu o sr. Manuel Marques, de 80 anos, casado, agricultor, natural de Matos, Carriço (Pombal), que, há dias, ali dera entrada, gravemente ferido, por ter caído de cima da carga de um carro.

REUNIÃO EUROPEIA DE ESTATICISTAS

A convite do Instituto Internacional de Estatística, parte para Londres, a fim de participar nos trabalhos da Reunião Europeia de Estaticistas, que se realiza naquela cidade, o economista macaense sr. dr. Armando de Oliveira Hagatong, «fellow» da Royal Statistical Society e da American Statistical Association.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

Uma farsa admirável

No Teatro Villaret, um dos locais mais frescos de Lisboa, mercê do ar refrigerado, Raul Solnado e a sua companhia «fabrilcom», todas as noites, milhares de gargalhadas, que saem de centenas de alegres espectadores que assistem ao desenrolar da peça «Quando é que tu casarás com a minha mulher?», um espectáculo com a «Comité Internacional do Riso» recomenda e que está em cena, em duas sessões, às 21 e às 23 horas. Além de Solnado, nesta farsa que Francisco Nicholson encenou estão Maria Paula, Cortês, Glória de Matos, Nicholson, Maria Laurent e Angela Ribeiro.

CAPITÓLIO

Uma excelente comédia

O Capitólio está a registar, todos os dias, grande presença de público, para ver e aplaudir a magnífica comédia «A Mulher do Roupaço», original de Ted Willis, adaptado por R. Lobato de Faria, a qual conta a história de um amor ilícito de duas mulheres pelo mesmo homem, de xan-

do no critério do público — o seu juiz — o desfecho do enredo. Laura Alves, em mais uma interpretação de grande mérito artístico é a protagonista Rui de Carvalho o homem que as duas mulheres disputam, tem também interpretação de grande relevo, ao lado de Alina Vaz, a vizinha e Manuela de Freitas, a rival, também em papéis de grande relevo Rolando Alves, Leonor Poeira e ainda a revelação deste espectáculo, Vasco Morgado Junior, têm igualmente magníficas interpretações. Todas as noites em espectáculos às 21 e 45, e, aos domingos e feriados também às 16 horas, «A Mulher do Roupaço» representa-se para adultos.

MONUMENTAL

A próxima estreia

Um dos numeros musicais da fantasia «Esta Lisboa que eu amo», a subir à cena no Monumental, é exactamente uma marcha com aquele título, do autor de Frederico Valério. No dia da estreia, Vasco Morgado organiza um concurso para bandas civis, atribuindo valiosos prémios às que melhor executarem a referida marcha. A exibição das bandas será no Parque Mayer, perante um júri constituído pelos mestres Frederico Valério, António

Luís Gomes, Fernando de Carvalho e Eduardo Loureiro, sendo contados prémios de 5000\$00, 3000\$00 e 2000\$00 aos três primeiros lugares, respectivamente. Depois da exibição, as bandas desfilam do Parque Mayer ao Saldanha, onde, em

(Continua na 6.ª página)

GOSTA DE TEATRO?
GOSTA DE TEMAS EMOCIONANTES?
GOSTA DE JULGAR PESSOAS
PELAS SUAS ACÇÕES?

Então não deixe de ver

A MULHER DO ROUPÃO

o excepcional espectáculo de Vasco Morgado e não divulgue o seu desfecho!

no TEATRO Tel. 327493

CAPITÓLIO

As 21.45 h. (ADULTOS)

MAGISTRAL DESEMPENHO DE

LAURA ALVES
RUI DE CARVALHO

ALINA VAZ
MANUELA DE FREITAS
ROLANDO ALVES
LEONOR POEIRA
VASCO MORGADO J.º



RUI e VASCO

num dos momentos da peça original de TED WILLIS, tradução de R. LOBATO DE FÁRIA

COLISEU

AMANHÃ, AS 21.30

(Maiores de 12 anos)

ESTREIA DO GRANDE
FILME EM TECNICOLOUR
AS MELHORES HORAS
DE UMA VIDA

A HISTÓRIA
DE WINSTON CHURCHILL
O MAIOR ESTADISTA
DE TODOS OS TEMPOS

BREVEMENTE
NOVA TEMPORADA
DE CIRCO



NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Crucio Max, actor cómico inglês, será provavelmente um dos intérpretes principais do novo filme de Federico Fellini «A Viagem de G. Mastorna». O produtor conta ainda com a colaboração de alguns comediantes napolitanos, entre os quais Vico e Beniamino Maggio. Os interiores desta película começarão a ser filmados em Setembro, contando o elenco com Marcello Mastroianni, Vittorio de Sica, Totó, Macario, Dapporto, Franchi e Ingrassia. A ficha artística poderá ainda ser enriquecida com Shirley McLaine, Anouk Aimé e Maggie Smith.

■ Intitula-se «Os Jogos da Solidão» um filme para o qual Pascal Jardin está a escrever os diálogos e em que devem intervir Gert Froeb, Robert Stack e Mireille Darc.

FESTAS e ROMARIAS

Na Charneca do Lumiar

Prosseguiram hoje e terminam amanhã as festas a S. Bartolomeu, na Charneca do Lumiar.

Hoje, houve alvorada e missa rezada. Às 19 horas, será celebrada missa vespertina, chegando depois a banda de música da Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivense. Haverá continuação do arraial, feira franca e concerto.

Amanhã, além das costumadas cerimónias haverá às 0 e 30, uma sessão de fogo de artifício de ar e preso.

«PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?» — Em Agosto de 1944, poucos dias após a libertação de Paris, foi plantada uma árvore comemorativa na capital francesa (foto acima). Jean-Pierre Cassel, um dos muitos actores que participaram no filme de René Clément e Paul Graetz, foi visitar o local vinte e dois anos depois. A estreia de «Paris já está a arder?» será em Lisboa o grande acontecimento do próximo Natal

SIDNEY
POITIER

ANNE
BANCROFT



DOIS ARTISTAS
GALARDOADOS
PELA ACADEMIA DE CINEMA,
NO MELHOR
FILME DAS
SUAS VIDAS

PARAMOUNT
apresenta

CHAMADA PARA A VIDA

(THE SLENDER THREAD)

UMA EXPERIÊNCIA DE
CINEMA RARAMENTE OU
TALVEZ NUNCA ULTRAPASSADA
EM MATÉRIA DE "SUSPENSE"!

COM TELY SAVALAS · STEVEN HILL · ADULTOS

PRODUÇÃO DE STEPHEN ALEXANDER
REALIZAÇÃO DE ARMANDO DE SYDNEY POLLACK · STIRLING SILLIPHANT · MÚSICA QUINCY JONES

AMANHÃ EMOCIONANTE
ESTREIA NO

IMPERIO

HOJE, AS 21.30 HORAS, NO
TEATRO CARLOS MANUEL, EM SINTRA
ESTREIA NACIONAL DE
O DIÁRIO DE UM LOUCO
DE GOGOL

com
JACINTO RAMOS

NO ENCERRAMENTO DO

X FESTIVAL DE SINTRA

SENHORAS, CAVALHEIROS OU CRIANÇAS...
TODOS ANSEIAM POR SE DIVERTIR NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

(A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»)
O GRANDE LUNA-PARQUE DA CAPITAL

— PAVILHÕES DE EXPOSIÇÃO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA
— RESTAURANTES, RETIROS, ESPANADAS, CERVEJARIAS
— CAFÉS, ACEPISES, PETISCOS E BONS VINHOS
— DIVERTIMENTOS E ATRACÇÕES DE TODOS OS GÊNEROS
— PAVILHÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O MAIOR ESPECTÁCULO DA CIDADE

ABERTURA AS 19 HORAS

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

JUVENTUDE NO MUNDO — Deixemos passar o golfinho dos milionários de Miami. Deixemo-lo entregue às suas aventuras mal enjorçadas, com uma evidente falta de imaginação e de sal...

Paremos, breve instante que seja, no «batido» de documentários para a juventude. Ai veremos como dois rapazinhos, quando perseguiram um perdigoto, foram ter à gruta de Santo António, com 5 metros de altura e 80 de comprimento, na Serra de Candeeiros, junto a Porto de Mós. Dizem-me, aqui ao lado, que a gruta se encontra praticamente ao abandono, mas longe de mim acreditar em todos os boatos! Pois na gruta, como se comprovou, as pedras têm música. Tudo tem música, ó impios!

Outro comentário demonstrativo de várias coisas e mais uma foi aquele que nos apresentou cerca de cinquenta bambinos japoneses a praticar no raguebi americano. Numa cidade com 12 milhões de habitantes (mais quimono, menos quimono) cinco dezenas de galafarros na «me-lée» talvez signifiquem coisa pouca. Mas eu só queria que vocês depois vissem um dos miudos, com o irmão mais velho, a tocar guitarra e a cantar em americano a serenata pintada ao luar do oeste! Pareceu-me até (pareceu-me...) vê-los a mascar pastilha elástica para maior glória de tio Sam nas terras encantadas do Sol Nascente!

MOMENTO DESPORTIVO

— Que não haveria futebol, desta vez. Por causa do «defeso», ou qualquer coisa do género. Aproveitavase para tratar da saúde a outros desportos, que bem merecem!

... Mas, o homem põe e as circunstâncias dispõem! O futebol acabou por aparecer — aí não! — em forma de entrevista vinda dos estudos do Porto, principiada em condições dramáticas de som e de imagem, como vai sendo habitual. A entrevista com o internacional Miguel Arcanjo, que vai ser homenageado, decorreu em clima de câmara ardente, sem o menor interesse, a banalidade mais confrangedora.

Ponto final aí. Fora isso, aconteceram duas entrevistas curiosas. Na primeira, depois José Joaquim Chagas, orientador técnico da equipa de handebol do Sporting, que mostrou o seu desacordo com os moldes em que decorrem actualmente os campeonatos nacionais da modalidade, e que terminaram agora mesmo, em fins de Agosto! Incrível, na verdade! Aquilo é desporto — ou castigo?

Ficámos, também, a saber que o Sporting contratou para dirigir as suas equipas de handebol um técnico alemão.

O outro entrevistado foi o prof. Robalo Gouveia. Tema: os campeonatos mundiais de ginástica, aos quais enviamos quatro concorrentes: três femininos (Maria Edite Rodrigues, Maria Manuel Fradinho e Lubélia da Fonseca) e um masculino: José Filipe Abreu. Classificação honrosa? Sim, claro. Há essa esperança. Ganhar ou perder, etc. Mesmo que seja o último, não interessa, alguém terá de ser o primeiro (claro!), alguém terá de ser o último (claríssimo também). Só não entendo muito bem a afirmação do prof. Robalo Gouveia, segundo a qual o último pode ser tão bom como o primeiro.

Bem... pode, sim senhor. Até pode coincidir — no caso de haver só um concorrente... Mas para quê, minhas senhoras e meus senhores, estar a alimentar funestas esperanças? Portugal não é potência ginástica escolar.

Aliás, o próprio prof. Robalo Gouveia, em maré de maior realismo,

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a C. P. que além do serviço regular, no período de 9 de Agosto a 30 de Setembro, e apenas às 3.ª e 6.ª feiras, é estabelecido entre LISBOA, PORTO e PARIS, para transporte de passageiros de serviço internacional um comboio com o seguinte horário:

	Cheg.	Part.
Lisboa (Santa Apolónia)		7-00
Pampilhosa	10-07	
Porto (São Bento)		7-12
Pampilhosa	9-38	
Guarda	13-30	
Castelo Branco		10-35
Guarda	13-29	10-00
Vilar Formoso		13-53
Paris (Austerlitz)	14-40	15-22
	16-05	

não deixou de reconhecer que a ginástica desportiva ainda não está implantada, como devia, na ginástica escolar. Além disso, verificou com amargura que não estão criadas condições para o amplo desenvolvimento dos mais aptos.

E relatou o caso de José Filipe Abreu, nosso representante nos Mundiais: entra no emprego às 9, sai do emprego às 7 da tarde. Só começa a praticar daí em diante, com o sacrifício que se imagina. Praticar de manhã, com os benefícios que o facto traduziria, nem pensar nisso...

Matéria para meditação há aqui muita, não lhes parece?

... E que diferença na condução das entrevistas entre os responsáveis de Lisboa e do Porto! A diferença, afinal, que há entre um profissional, conhecedor do seu ofício, e um amador. A prática é importante, já lá dizia o amigo Banana. Na ginástica... e no resto.

TÍTULOS DE CAIXA ALTA

— A primeira ruizra do serão foi «títulos de caixa alta».

Desta vez, abandonou o figurino político para trazer à primeira página, em caixa alta, o magno problema da água. Documentário copioso da importância dela e da luta para a obter. Tanta, que russos e americanos se reuniram à mesma mesa para estudar a utilização da energia atómica na sua obtenção, a partir da dessalinização da água do mar.

A título de curiosidade, saiba-se que a água do mar, assim obtida, ficar-nos-ia ao preço de 1/4 de dólar, ou seja, 7 escudos o metro cúbico.

MUSEU DE CINEMA —

Em «Museu do Cinema» continua — e continuará... — o folhetim dos «Fidalgos da Casa Mourisca», produzido em 1918.

Por este simples facto se pode ver que os portugueses não são nada os improvisadores de que os acusam. Ora essa! Produzir para o futuro, a distância de 48 anos, é obra!

E obra asseada, pode-se dizer. Com todas as limitações que se queiram apontar — e são bastantes, como é óbvio, num caminho tão pouco ainda desbravado — a verdade é que estes «fidalgos» estão apresentados com louvável critério. O que se realça aqui não é a fidalguia, mas o esforço popular, o trabalho no duro, o estudo das condições de actividade no campo. As personagens surgem-nos esca-recidas, segundo princípios que definem uma posição perante a vida. Tomé da Póvoa não é o boçal que amarinhou a custa do esforço braçal, dos dias e noites perdidos a regar a terra com o suor do rosto: é o camponês esclarecido, que faz contas, que projecta, que planifica. O fidalgo D. Luís desceu, por completo, do seu pedestal fidalgo. É um pobre homem, atrado para a falência, mais digno da compaixão do que de fêvor aristocrático. E o frei Januário é tratado com um realismo que denota bem a antiguidade do filme...

Esgotados os pormenores técnicos da produção e localização do filme, António Lopes Ribeiro falou-nos do romancista Júlio Dinis. Fez bem. Nenhuma oportunidade deve ser perdida para falar ao grande público daqueles que ele deve realmente amar.

... Ainda me falta assistir a uma tenebrosa, ridícula, aventura do «Santo», apresentado pastosamente, demoradamente, inutilmente. Para quê tanta cera com tal defunto?

Não. A auréola não me apanha. Vou até à estrada onde passam grupos juvenis a cantar, a despedirem-se do Verão. Por mim, e melancolicamente, terei, clara e firme no céu, a Urça Maior para ouvir minhas ternuras e minhas queixas. Ter alguém a quem possa fazer isso, mesmo longe e ursa, nestes tempos difíceis de «santos» e demónios — já é uma grande sorte. M. C.

HO'E PODE VER...

• As 22: «Encontro com a vida»

A película apresentada hoje, por Fernando Garcia, no programa 7.ª Arte, é interpretada por alguns nomes famosos do cinema, tais como James Stewart, Charles Coburn, Benlah Bondie e Walter Huston. A realização pertence a Clarence Brown e a acção tem por fulcro um filho que, embriagado pelo sucesso, abandona a mãe, a quem deve a posição atingida.

O X FESTIVAL DE SINTRA TERMINA HOJE

COM A PEÇA DE GOGOL «DIÁRIO DE UM LOUCO»

O êxito assistiu a todos os espectáculos do X Festival de Sintra, organizado pela Camara Municipal e suas Comissões de Turismo e de Arte e Arqueologia com o patrocínio do S. N. I. e do Comissariado de Turismo.

A sessão desta noite, que encerra

o Festival, realiza-se no Cine-Teatro Carlos Manuel, às 21 e 30, e é preenchida com a peça de Gogol «O diário de um louco», em estreia nacional interpretada por Jacinto Ramos, um actor que tem sabido honrar com rara eloquência o historial do nosso teatro.

EXPLOSIVO! ESPECTACULAR! AUTÊNTICO!



os mais extraordinários dias da Segunda Guerra Mundial num filme diferente de tudo o que se viu até hoje!

70^m/m

HENRY FONDA · ROBERT SHAW · ROBERT RYAN · DANA ANDREWS · PIER ANGELI
BARBARA WERLE · GEORGE MONTGOMERY · TY HARDIN · CHARLES BRONSON · HANS CHRISTIAN BLECH · WERNER PETERS · JAMES MACARTHUR e TELLY SAVALAS
um exclusivo ASTORIA FILMES

(MAIORES DE 12 ANOS)

O PRIMEIRO FILME WARNER BROS. DA NOVA TEMPORADA

HOJE EM ESTREIA ÀS 21.30 NO «ÉCRAN» GIGANTE DO

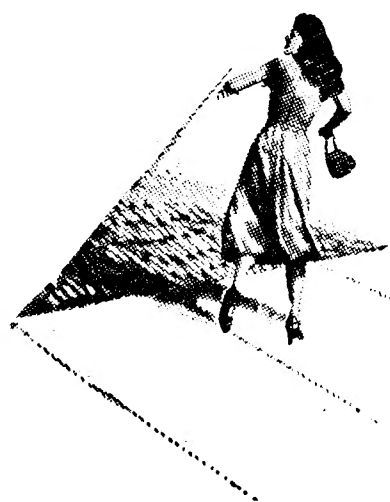
MONUMENTAL



«FOGE DA RUA, ANGELA VETTO!»
— E NESTE GRITO SE CONDENSE TODA UMA
ATMOSFERA DE «SUSPENSE» E EMOÇÃO!

**HUMPHREY
BOGART**

RENASCE E VIVE NUMA DAS SUAS MAIS VINCADAS INTERPRETAÇÕES, AQUELA QUE A JUVENTUDE AMERICANA, NO SEU CULTO POR «BOGEY», CONSIDEROU A SUA ELEITA E VÊ VEZES E VEZES SEGUIDAS!



SEM CONSCIÊNCIA

Um filme de BRETAGNE WINDUST

com ZERO MOSTEL • TED DE CORSIA • PATRICIA JOINER

HOJE, ÀS 21.45

AVIS

NOITE DE PERMANENTE
«SUSPENSE»

NEM BELO, NEM GENIAL, NEM HERÓICO,
MAS AUTÊNTICO, TAL COMO ELE PRÓPRIO,
FORMIDAVELMENTE VIRIL, COMBATIVO,
INSUBMISSO!

EM BUSCA DA VERDADE, NUMA ALTURA
EM QUE DESAPARECE A ESPERANÇA COM
A MORTE DA ÚLTIMA TESTEMUNHA.

Excl. «OCIDENTE»

(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

Cinco mil cinemas «drive-in» preocupados com a hora do anoitecer...

NOVA YORK, 30 — (R.) — Para os 5000 donos dos cinemas «drive-in» dos Estados Unidos (cinemas em que o público assiste dentro do automóvel), o sol nunca se põe cedo de mais. O crepúsculo traz-lhes os espectadores e o tilintar dos dólares. Porém, surgiu agora uma forte preocupação. O Governo propõe-se promulgar uma lei sobre um atraso na hora legal do pôr do Sol, com o fim de poupar a electricidade.

Na Primavera, este plano atrasará o crepúsculo legal em certas regiões dos Estados Unidos para

as 10 horas. Este facto terá uma influência nefasta nos cinemas «drive-in».

Para passar o tempo, enquanto o filme principal não é projectado, os espectadores do «drive-in» jogam loto e outros jogos semelhantes e os filhos brincam em parques infantis, cuidadosamente vigiados.

A Associação Americana dos Proprietários dos Teatros, em que estão filiados 16000 donos de todos os tipos de cinemas, observa sombriamente o efeito que a nova lei sobre o pôr do Sol possa vir a ter. Apenas os estados que criem legislação específica local, que os isente desta nova legislação, até Abril próximo, ficarão dentro da hora antiga.

A Associação tem envidado todos os esforços para que o maior número possível de estados publique tais leis. Milton London, director daquela associação, afirma que se o pôr do Sol for às nove ou dez horas da noite, tendo os pais de família de se levantar para o tra-

balho às 6 da manhã, a maior parte das famílias não poderá frequentar os «drive-in». Segundo London, o filme principal começaria então às 11.30, demasiado tarde para a maioria das pessoas.

O cinema «drive-in» é o ideal para a família. Os pais podem ver o filme sem se preocuparem com o problema dos filhos pequenos. Levam-nos com eles no carro, porque mesmo um bebé pode dormir descansadamente dentro do automóvel. London afirma que o novo horário é uma profunda ameaça para os casais de namorados que são os frequentadores tradicionais dos cinemas «drive-in». Para eles, o enredo é de importância secundária, o que interessa é poderem estar a sós.

As experiências para o aperfeiçoamento de «ecrans» e sistemas de projecção que permitam cinemas «drive-in» com luz do dia não têm a aprovação de Milton London, que diz: «Ninguém se sentiria bem sentado em pleno dia num carro a ver cinema».

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

frontera do Teatro Monumental, tocando, em conjunto, a marcha «Esta Lisboa que eu amo».

ESTÚDIO 444

Um documentário empolgante

Em 19.ª semana de êxito, sempre crescente, o famoso e discutido filme de Maleno Menelotti, «As escravas ainda existem», continua a ser o cartaz cinematográfico mais sugestivo da capital, entrando agora no quinto mês de ininterrupta exibição na nova e confortável sala do Estúdio 444, a maior sala-estúdio do País. Documento inédito e ousado sobre uma viagem alucinante através da África, do Médio Oriente e da Índia, em busca de mercados de escravos que ainda existem, mau grado o progresso da civilização, esta empolgante reportagem revela, com realismo cruel, os bastidores de uma chaga que enche de vergonha os homens dos nossos dias. «As escravas ainda existem», apresentado em rigoroso exclusivo pela Talma, resulta, assim, num espectáculo absolutamente inédito, pleno de interesse e emoção, obra de repórteres com garra, que arriscaram, tudo por tudo, para criar algo de empolgante e estranho. O filme foi fotografado em eastmancolor por Aldo Tonfi, considerado actualmente como o maior operador do cinema europeu.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «A Batalha das Ardenas»
Título original — «Battle of the bulges»
Produção — Norte-americana
Realização — Ken Annakin
Interpretes — Henry Fonda, Robert Shaw, Robert Ryan, Dana Andrews e Pier Angeli.
Gênero — Histórico
Distribuição — Astória Filmes
Processo — Ultra-Panavision e Technicolor
Classificação — 12 anos

O voo das aves

Um pombo-correio que tem uma anilha onde está inscrito «Portugal—U. G. A. B.—61—981820» foi parar a casa do sr. Paredes Alves, residente na Rua B, n.º 8, r/c. esq., Olival Basto, Loures. Este senhor entregará o pombo ao seu legítimo dono.

A HISTÓRIA
DE UM HOMEM
QUE FICARÁ
COMO SÍMBOLO
VIVO DO
INCONFORMISMO
PERANTE
A
DERROTA

A vida extraordinária de Sir WINSTON CHURCHILL baseada nas suas memórias da segunda guerra mundial

UM FILME EMPOLGANTE QUE REVIVE DIAS DESEMPERADOS

O homem do destino...
O homem da acção...
O homem da determinação

Um documento histórico que imortaliza a figura mais extraordinária do nosso tempo

COLUMBIA FILMES
apresenta
A PRODUÇÃO DE
JACK LE VIEU
AS MELHORES HORAS DE UMA VIDA
(The finest hours)
COLOR

AMANHÃ, ESTREIA
COLISEU

Maiores de 12 anos

Narrado por
DICKSON WELLES
Música de
RON GRANGER
Argumento de
VICTOR WOLFSON
Realizado por
PETER BAYLIS
Prod. de
JACK LE VIEU
Baseadas nas memórias
de THE RT HON SIR
WINSTON CHURCHILL
da segunda guerra mundial

3.º MÊS • 2 SESSÕES

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa

AS 21 E AS 23 HORAS
AR REFRIGERADO
BILHETES DESDE 15\$00

QUANDO É QUE TU CASAS
COM A MINHA MULHER?

ESTA É A MINHA MULHER,
FUTURA EX-MULHER,
QUANDO EU ME CASAR
COM A MINHA NOIVA E
MINHA FUTURA MULHER,
ISTO É UMA CONFUSÃO
DE MULHERES!

RAUL SOLNADO
PAULA • CORTEZ • NICHOLSON • LAURENT • ANGELA • GLÓRIA

O terramoto na Turquia provocou um movimento de solidariedade por parte do Lions Clube de Lisboa

Os abalos sísmicos que devastaram a região oriental da Turquia e, em especial a cidade de Varto, suscitaram, no meio do Lions Clube de Lisboa, e por proposta do «líon» sr. Sam Levy, um belo movimento de solidariedade, tendente a socorrer as vítimas em tudo quanto estivesse ao alcance daquela agremiação, proposta que, aliás, obteve imediato apoio do presidente, sr. dr. José Jaime Neves, e dos numerosos sócios presentes ao almoço habitual.

A reunião começou pelo içar da bandeira nacional, pelo sr. eng. Vicente Mesquita Martins, «post-presidente» do Lions Clube de S. Salvador da Baía (Oeste). Respondendo ao presidente, o sr. eng. Mesquita Martins disse do prazer que sentia em visitar Lisboa, entregando ao presidente a flâmula do seu clube e recebendo a do de Lisboa. Também o «líon» sr. Romero Duarte afirmou sentir-se em Portugal como na sua própria casa, sentimento aliás comum a todos os brasileiros, na medida em que a influência de Portugal se mantém viva em todos os aspectos da vida do seu próprio país. O «líon» sr. José Rodrigues Pablo entregou, então, a flâmula do Lions Clube de Appingedam — Delfzijl (Holanda), que visitou recentemente, e transmitiu as saudações do respectivo vice-presidente, sr. Van Erp.

O sr. Sam Levy, invocando o facto, de embora português, ter nascido em Esmirna, pôs em relevo todo o drama por que passa agora a nação turca e propôs que fosse constituída uma comissão de «líons», com o fim de angariar socorros destinados aos milhares de vítimas dos sismos que devastaram Varto. Assim, e com o emocionado apoio de todos os presentes, foi designada essa comissão, que começou imediatamente a trabalhar. Compõem-na os srs. Sam Levy, como presidente, e Maurício Vieira de Brito, padre Correia da Cunha, Mário Fialho, Gaudência Costa e Baptista de Almeida.

O sr. Gaudência Costa, que se seguiu no uso da palavra, fez uma objectiva apreciação do que se passa no campo desportivo, designadamente no universitário, e formulou votos para que cada vez maior numero de portugueses participem na actividade desportiva, como amadores entusiásticos e dedicados. Falou ainda, o sr. Luís Colação, acerca da participação das mulheres dos «líons» na campanha de angariação de fundos para as vítimas daqueles sismos.

O sr. José Jaime Neves, comunicou que no dia 8 de Outubro próximo, será entregue a carta constitutiva ao Lions Clube do Funchal, cerimónia a que deverão comparecer, decerto, numerosos «líons» do continente. Referiu-se, também, ao «forum» europeu dos Lions Clubs, que se efectua em Londres, de 28 de Setembro a 2 de Outubro.

Usaram também da palavra, acer-

ca de assuntos relativos á vida do clube, os srs. eng. Palma de Vilhena, John de Mascarenhas e dr. António Matrone, que evocou a excepcional figura, recentemente desaparecida, de António Pedro. Por fim, o crítico, jornalista Morais Cabral, disse que se sentia completamente solidário, com a iniciativa do clube, pois que se habituou a ver na Turquia um país profundamente amigo de Portugal. Pôs em foco alguns dos aspectos da reunião, designadamente a presença amiga de Lions do Brasil, congratulou-se pelo facto de ver numerosa assistência de sócios e tão elevado numero de convidados.

Dizem os leitores...

O monumento que falta no Largo de Arroios

Escreve-nos o sr. Adolfo G. Fagundes a seguinte carta da qual reproduzimos os passos seguintes, com vista ás entidades interessadas no problema citado:

«Sr. director — Tudo que seja valorizar as ruas e largos desta cidade com monumentos — é uma obra meritória. Bem haja o Município pela sua acção neste sentido.

«Temos que o Largo de Arroios é talvez o sítio mais antigo da freguesia, com a sua aura de movimento e boémia, e expressão alfa-

cinha do século passado. Era por onde, em tempos, através da tradicional Calçada de Arroios, se seguia para o Arco do Cego e, mais além, para o Lumiar e Odivelas.

«No topo, ao lado da igreja paroquial, está o palácio dos condes da Guarda, hoje o Registo Civil; ao sul, existia o antigo palácio dos Panceas, hoje demolido. Houve no mesmo largo um monumento, embora singelo, de grande valor histórico, que jaz agora recolhido, quase por caridade, a um canto da igreja de São Jorge. É uma obra tocada de espírito artístico e religioso, ingénua e austera, a um tempo, e da

qual, só na contemplação, ressuma uma certa poesia antiga, que canta em ritmos que parecem do nosso tempo, no dizer de Norberto de Araújo.

«O cruzeiro, em pedra lioz, tem duas faces: numa, Cristo crucificado; na outra, a mais bela, a imagem de São Vicente, tendo na mão esquerda as armas de Lisboa — a nau com os dois corvos. É um admirável conjunto quinhentista.

«Porque não há-de ser colocado este admirável monumento no centro do Largo, como aliás foi o

(Continua na 20.ª página)

A SOLUÇÃO ESTÁ NA SUA MÃO!



Para qualquer empreendimento que implique a necessidade de ajuda financeira poderá encontrar uma solução nos folhetos do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

CHEGOU A LISBOA

O PRESIDENTE

DA ASSOCIAÇÃO FISCAL

INTERNACIONAL

Vindo de Nova York, por via marítima, chegou a Lisboa o prof. Mitchell B. Carrol, antigo presidente da comissão fiscal da Sociedade das Nações, fundador da Associação Fiscal Internacional e seu actual presidente. O prof. Carrol deslocou-se ao nosso País para participar no XX Congresso Internacional do Direito Financeiro e Fiscal, que será inaugurado no próximo dia 5 de Setembro, devendo as suas sessões realizar-se no anfiteatro da aula magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa.

Ministério da Marinha

Uma portaria do ministro da Marinha, hoje publicada, fixa as condições de admissão ao curso de engenheiro construtor naval.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta





POSTAL DE FÉRIAS

Minha senhora: — Tem uma certa graça esta de eu escrever um postal de férias. Eu estou em férias, lá isso é verdade, pois há uma semana que não vou ao emprego, mas quanto a férias... viu-as? Eu não!

Tinha feito «grandes» projectos: ir todas as tardes com os garotos até à Cruz Quebrada, ficava barato e eles apanhavam um bocadinho de ar, de que bem precisam, tão descoradinhos andam os pobres petizes! Sabe o que me aconteceu? A minha criada resolveu ir ela para férias. Queria quinze dias para ir às festas lá da sua parvónia já «que a senhora agora fica estas dias em casa!» Bem lhe fiz ver que após um ano de trabalho intenso — sou enfermeira — precisava de descansar, mas ela tanto quis saber como nada! Lá foi a sua terrinha ver o namorado e as dias festas.

Quanto às minhas férias, passo-as na cozinha a preparar as refeições, no tanque, a lavar a roupa dos três garotos, a olhar por eles, a encerrar a casa, a fazer tudo!... Serve-lhe isto para o seu «Postal de Férias»? — Maria Augusta.

Mulheres de ontem e de hoje

Marie de Flavigny, condessa D'Agout, foi uma escritora francesa que nasceu em 1805 e faleceu em 1876. As suas obras, onde expressou firmes convicções, foram publicadas sob o nome de Daniel Stern. «Lettres republicaines» e «Histoire de la Révolution» vieram a público respectivamente em 1848 e 1851.

Não é, contudo, a sua fama de escritora, nem ao seu brilhante salão, que reuniu os nomes mais célebres do seu tempo, que Marie de Flavigny, pelo casamento condessa D'Agout, sobrevive na memória dos homens. Um grande amor ligou-a a Liszt, de quem teve duas filhas, uma das quais viria a casar com Richard Wagner.

Dulcineia-1966

Aquela que foi amada por D. Quixote, com tão impetuosa paixão platónica, surge agora na serena beleza idealizada pelo Cavaleiro da Triste Figura.

A Dulcineia-1966, proclamada em Benicarló (Castellón), é uma jovem formosa e sedutora, nascida, porém, em Paris e que, desde há cinco anos, passa as férias de Verão em Espanha. Chama-se Maria Rosa Lamert. Dizem os espanhóis que esta Dulcineia representa, de facto, a mulher sonhada pelo herói imortalizado por Cervantes.

A MULHER E O DESPORTO

Os «records» atingidos pelas campeãs femininas ultrapassam os da maioria dos homens: em 1896, J. E. Burke ganhou os 100 m em 12 segundos; em 1952, Miss Jackson corria a mesma distância em 11,5 segundos. Há uma diferença de cinquenta anos entre a altura em que os homens e as mulheres procuraram estabelecer «records» desportivos.

Aumentou a escala da idade das finalistas olímpicas femininas. Nos grupos que se treinam em ritmo contínuo, o declínio dos êxitos durante o período da reprodução é menor nas mulheres do que nos homens.

SEJA DO SEU TEMPO!

LEIA

motor

SAI AS QUINTAS-FEIRAS

Pequeno romance

Quando o carteiro apareceu ao fundo da rua, a rapariga abandonou imediatamente a janela e gritou:

— Mãe, ele aí vem!
Atirou-se depois pelas escadas abaixo e ficou, apertando as mãos, no patamar, os olhos fixos no receptáculo postal, toda numa ansiedade, tremendo. Os segundos decorriam lentos e o bater do seu coração tumultuava-lhe no peito. Finalmente a sombra do carteiro recortou-se no vidro fosco da porta, ouviu-se um estalido e uma carta se lhe apresentou diante dos seus olhos. A sombra do carteiro desapareceu.

A mãe, no cimo das escadas, limpava lentamente as mãos no avental, e, com o pé esquerdo levemente erguido, coçava levemente a barriga da perna direita:

— É dele? — perguntou.
Mas a filha já se encontrava a seu lado, quase sem fôlego, um brilho nos olhos, a carta na mão:

— É!
Correram para a sala.
— Guilhermina, cuidado!
A coluna estremeceu, a jarra escacou-se no soalho, as flores ficaram espalhadas...

Abriam a carta. Os dedos da rapariga desdobravam o papel, nervosos, desatinados, uma expressão de sede no olhar, os lábios seccamente entreabertos. A mãe espremia os olhos, curvava o pescoço, inclinava a cabeça:

— Mãe, primeiro eu!
E Guilhermina já lia, devorava.

— Filha...
Guilhermina soluçava desesperadamente, toda tombada sobre a mesa, as mãos na nuca, os cabelos castanhos todos desfeitos, o corpo num contínuo arfar, a carta separada do envelope...

A música espalhava-se ao ritmo do choro e tudo se arredondava, tudo ficava pleno duma angustia, tudo se enchia, tudo se embrulhava, á roda, redondo, redondamente... O calor pairava, salgado de suor, tinha um arfar tumultuoso, um soluço abafado e quente... O rosto da rapariga esborrachava-se na tábua da mesa, o queixo já mostrava um pequeno lenho e um fio de sangue arrebitou-lhe dum lábio... Erguia a cabeça como um animal ferido de morte, num relâmpago humido de desespero, e deixava-a tombar outra vez, e mais uma vez e outra vez ainda... Saía-lhe um som rouco da garganta, que a música levava nas suas voltas e o calor desfazia em suor e lágrimas.

A mãe suspirou. Levava as mãos ao cabelo, mas não arranjava o cabelo. Olhou a carta, aberta, separada das duas partes, ali na mesa. Sentiu um gosto seco na garganta e, por instantes, transfigurou-se. Mas voltou a ser a mesma.

Lentamente, aproximou-se da cozinha. Agarrou na faca, agarrou nas couves. A máquina a petróleo desabrochava numa chama azul-amarelada, atirada para os lados, um ligeiro estrépito... A água ao cimo ganhava borbulhas, uma espuma branca. Por vezes a fervura escorria ao longo da panela e a trempe, aquecida, protestava. Mas a água escorria sempre, levantava a tampa, teimava. E o fogo, ora roxo, ora azul, apoderava-se dela toda, tirava-lhe o último gemido, secava-a. E quando a carne foi colocada na grelha ainda com sangue queimado de outras refeições, e a grelha colocada sobre a buraca mais pequena do fogão, o calor estremeceu-a levemente, enrugou-a, desenrugou-a, tirou-lhe o suco. A mãe de Guilhermina limpava o suor da fronte enrugada. Ia da máquina para o fogão e do fogão para a máquina. Lançava sal na panela, mexia as couves, fazia saltar a carne. Depois torrou dois pães na grelha. O pão encarquilhava-se, enegrecia, tornava-se duro. E a flor de fogo da máquina a petróleo alargava-se para os lados, com um zunido constante e abafado. E a água vinha, fora. E o almoço ficou pronto.

— Guilhermina...
O zunzum da máquina entontece-lhe os ouvidos.

— Guilhermina... tenho que pôr a mesa... o teu pai está a chegar... O pai chegou.

Fra um homem alto, cabelo cortado á escovinha, ombros largos — Que há por aqui? — Tinha a voz segura e uns olhos limpidos.

A mulher suspirou. Com um gesto de cabeça apontou-lhe a carta.
— Hum... — fez o marido.
A máquina estrepitava na cozinha.

Olhou a filha, fitou a mãe:
— Bem... Pega na vassoura e varre esses cacos e essas flores. E abre aquela janela. Ouve, Guilhermina...



A peixeira amanhã uma bela pescada, que não era de Vigo, mas parecia! O homem é hoje, também no nosso País, um assíduo frequentador do mercado.

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

NO MERCADO... DO BOLHÃO!

Oh! Minhas amigas, a dona de casa deu uma escapada, saiu de Lisboa, foi passar umas breves «férias» ao Porto! Mas isto de ser dona de casa é um mau emprego. Nunca nos libertamos dele. A respeito do Tio Goriot, o jovem médico Bianchon exclamou, mais ou menos, depois de lhe ter examinado as bocas, que ele era «todo pai», ou «pai eterno». Balzac que me desculpe por não reproduzir textualmente a graciosa frase do médico que a sua imaginação criou e que, dizem, antes de morrer, chamava como o único clínico que o podia salvar.

Se a cabeça da mulher fosse examinada indicaria, em primeiro lugar, naturalmente, a maternidade como vocação e, depois... a de dona de casa.

Eis-nos no Porto, no Mercado do Bolhão. Que diferente de outros dos nossos mercados! É bastante bom, vamos lá. Se fossemos a comprar, só o de 24 de Julho lhe levava á palma, nas linhas arquitectónicas exteriores, que são mais majestosas, e em ser totalmente coberto, quanto ao mais. O Mercado do Bolhão é muito bem abastecido... e pode comprar-se mais em conta. No Porto ganha quem melhor souber regatear. Pedem 10\$00 para dar a 2\$50... Tanto que as mulherzinhas que não têm bancada alugada e vendem isoladas ao longo da praça chamam... as regateiras. Nós, aqui, compramos mais barato aos fazendeiros de lá... A designação é significativa. E sabem, vim maravilhada; as donas de casa têm uma vantagem sobre as de Lisboa. A facilidade de todas poderem adquirir o que de mais belo nos oferece a Natureza: flores, muitas e lindas flores. Porque? Porque são baratas, tão baratas que pensamos para nós mesmas que as floristas lisboetas devem estar ricas. Senão, vejamos...

MUITAS E BELAS FLORES A PREÇO ACESSÍVEL

Só para as nossas leitoras fazerem a comparação, vamos dizer-lhes alguns dos preços que registámos a semana passada no Mercado da Praça do Chile, um dos que vendem as flores mais baratas, e as cotações que verificámos, agora, no Mercado do Bolhão. Os preços entre parêntesis são referentes a Lisboa. Os outros, ao Porto: molhos de sécias, de 2\$00 a 2\$50 (10\$00 a 15\$00); a duzia das dalias, grandes, lindas, 3\$00 (7\$50, 12\$50 e 15\$00); a mesma quantidade de cravos, bem agradáveis, de 2\$50 a 3\$00 (7\$50); os cravos espanhóis, a 1\$00. Não continuamos com a comparação dos preços, porque no Bolhão vimos outras qualidades, que nem sempre aparecem por cá, ou, pelo menos, na semana transacta não havia no Chile.

Mas vimos, ainda, molhos dos veludos, a 2\$00 e a 2\$50; os das perpétuas ou sempre-vivas, como lhe queiram chamar, a

2\$00; os dos delfins, a 4\$00; os dos lilazes, a 1\$50 e a 2\$50; a duzia das givéstas, a 1\$50; dos nardos, a 10\$00 e a 15\$00; e a dos gladiolos, a 25\$00.

A florista que nos informou do preço dos gladiolos, observou-nos, quando percebeu que não éramos compradora: «O senhora, nós pedimos 25\$00, mas se derem 15\$00, a gente vende!».

NA SECÇÃO DO PEIXE

A famosa pescada de Vigo, que se vendia, no Porto, a preços elevados, mas era uma delícia, só a vimos congelada, e a 18\$00, como cá! Que desilusão.

Havia, porém, boa pescada, e nisso a dona de casa lisboeta não tem nada que invejar a do Porto. Vejam só que estava a 4\$00 e 4\$50, inteira, e partida a 52\$50, 55\$00 e 58\$00. E de pôr os cabelos em pé, ou de fugir! A marmota vendia-se de 14\$00 a 20\$00 (24\$00 e 28\$00 em Lisboa); o goraz, a 15\$00 e a 16\$40 (20\$00); os robalinhos, a 20\$00 (26\$00);

as enguias ou eirores, como lhe chamam aqui em Lisboa, estavam a 18\$00 (28\$00); a faneça pequenina, a 12\$00 (12\$60); o polvo, a 10\$00 (11\$00); as lulas, a 22\$00 (de 20\$ a 23\$00); a corvina, a 25\$00; os linguados, a 50\$00 (48\$00); o safio, ou congro, conforme o nome que dão ao mesmo peixe nas duas cidades, de 17\$00 a 20\$00 (24\$00); a chaputa, a 7\$00 (8\$90); o badejo, a 28\$00; o robalo, a 30\$00; a lagosta, a 125\$00; o camarão, a 150\$00; os buzios grandes, a 1\$50 cada; e a tainha, 10\$00.

HORTALIÇA E LEGUMES

O molho das nabikas vendia-se a 3\$00 (5\$00); o dos espinafres, de 2\$50 a 3\$00 (4\$50); o dos agriões, 1\$00 (1\$50 e dois 2\$50); uma alface, 1\$00 e 1\$50 (de 50 a 2\$00); o molho da beterraba, 1\$50; o quilo das ervilhas de grão, 14\$00; a couve-flor, de 3\$00 a 8\$00; as couves de olhos, 2\$00 e 3\$00; o repolho, a 1\$50; o quilo dos pimentos, 6\$00; o do feijão verde, 4\$00 (4\$00 a 5\$00); o do tomate, de 1\$50 a 2\$50 (1\$50 a 2\$00); cada beringela, 2\$00; e a unidade do pepino, 50 a 1\$50.

QUANTO À FRUTA...

Quanto á fruta, vimos o quilo das uvas, de 5\$00 a 6\$00 (4\$00 a 5\$00); o dos pêssegos, de 10\$00, 15\$00 a 17\$00 (17\$00); o melão casca de carvalho, a 8\$00 o quilo; o de Almeirim, a 4\$00 (em Lisboa o melão regula a 2\$50); as bananas, a 9\$00, preço único (6\$00 a 9\$50); as peras, de 6\$00, 10\$00, 15\$00 e 16\$50, conforme a qualidade (10\$00 a 12\$00); a maçã riscadinha, a 7\$00; as laranjas, a 13\$00, de Moçambique, claro; as laranjas metropolitanas estavam a 25\$00 o quilo; figos, 5\$00 (5\$00); as rainhas-cláudias, 8\$00 e 9\$00; o pêssego mulato, a 7\$80; e os limões, a 10\$00.

MOLDES DIFERENTES NA VENDA DA CRIAÇÃO

A criação, no Porto, é, em geral, vendida «a olho». A freguesa compra a ave viva, toma-a nas mãos, sopesa-a, e depois pergunta:

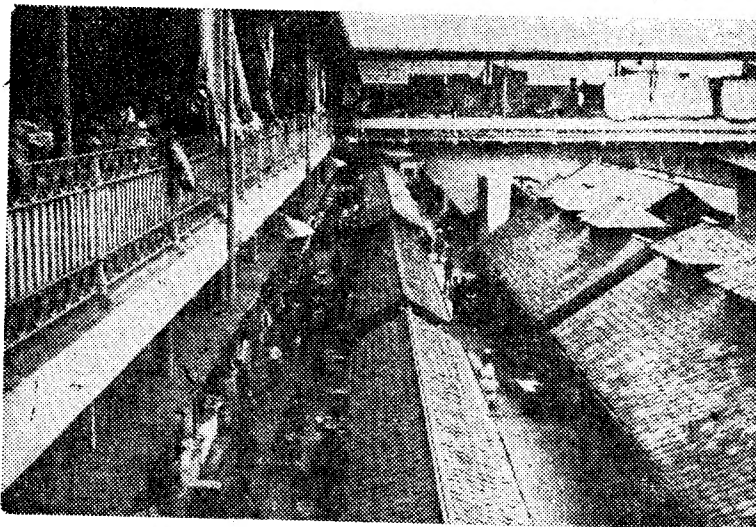
— Quanto quer por este franginho?

A galinheira responde, e ela oferece metade, ou três quartos, até que chegam ao preço conveniente a ambas. Isto corresponde a um «jogo» conhecido de ambas as partes. A freguesa retira-se, depois volta, oferece mais um tanto... E engraçado!

Portanto, «a olho», um frango custa 25\$00; uma galinha, 40\$00; os galos, 60\$00 e 70\$00; os patos, 25\$00 e 30\$00; os borrachos, 6\$00, 7\$50 e 9\$00; e o coelho, 30\$00, «jeitosos» — afirmam-nos a vendedeira.

Também começa a estar em voga a criação morta, de aviário. Por exemplo, a galinha, morta e limpa, é a 31\$00 o quilo, e o frango, a 30\$00; o coelho morto, inteiro, a 32\$00.

DONA DE CASA



Um aspecto do Mercado do Bolhão, no Porto

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

Silves (a fabulosa Chelb) evoca nas terras do Algarve a soberba e fulgurante cidade célebre no mundo árabe por CÉSAR DOS SANTOS

— «Um paraíso de beleza infinda pôs Deus aqui!» — exclamava o famoso Ibn-Ammar, nascido nestes lugares, ao celebrar em magníficos versos a maravilhosa paisagem, onde se erguia a sua aldeia, ainda hoje, sugerindo grandezas passadas e então orgulhosa e arrogante, coroada de muralhas num cabeço sobranceiro ao porto aberto na espelhança miragem, o rio plácido e formoso que, mais além, para montante, reflectia os esplendores orientais da fabulosa Chelb. Do mesmo modo, aqueles outros poetas refinados que vieram da Arábia Feliz

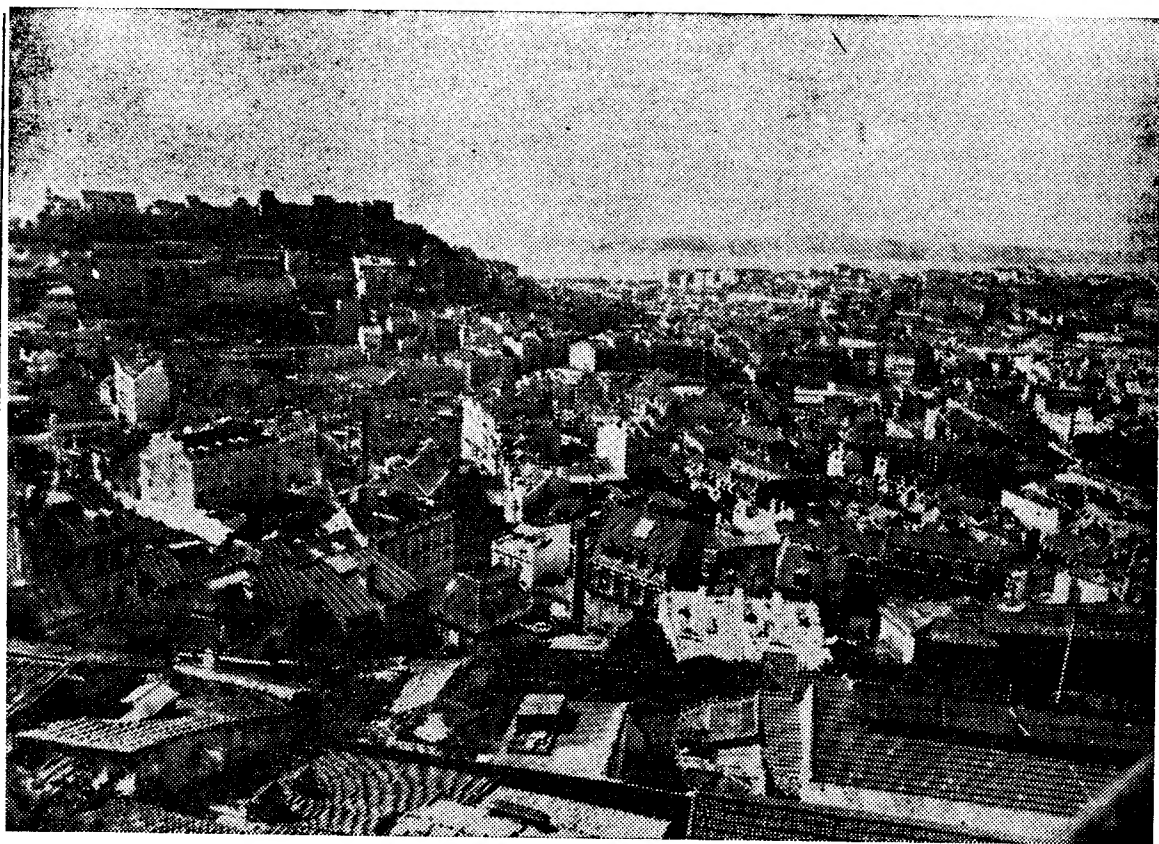
viver neste pedaço do Gharb enlanguescendo às carícias do Sol e embalado pelo mar em cuja grandeza aquele via a imagem de Deus poderoso, do mesmo modo, esses e os não menos afamados de todo o império muçulmano que tiveram a dita de conhecer, embora de passagem, o Al-gharb.

No tempo em que Camões fala dela em «Os Lusíadas», tinha a mourisca Silves, a fabulosa Chelb, entre vinte e cinco a trinta mil habitantes — testemunha Alexandre Herculano nos «Opusculos» e na «História de Portugal» —, enquanto Lisboa contava apenas quinze mil. Segundo o historiador, «Rádufo de Diceto eleva só o número dos combatentes que defendiam Silves a 60 000, número por certo exagerado, posto que a população rural se tivesse acolhido ali».

«Silves — recorda Herculano — era das mais importantes povoações da Península. A almedina ou cidade antiga, coroada da sua kassba ou castelo tomava a coroa de um monte, em cuja raiz se estendia uma planície pela margem direita do rio, na qual estava assentada a parte mais vasta da povoação, o arrabalde que por si só representava uma grande cidade. Comparada com Lisboa, Silves era muito mais forte, e em opulência e sumptuosidade de edifícios dez vezes mais notável. A abundância dos seus mercados e a elegância das habitações e do trato dos moradores condiziam com o esmero da cultura dos arredores cobertos de hortas e jardins deliciosos».

«Na época da colonização sarracena, aquele distrito fora repartido entre os Árabes do Yemen, raça a que pertenciam não só os habitantes da cidade, mas também as gentes das alcarias ou aldeias circunvizinhas. Ainda no tempo de Edrisi se conhecia, tanto nuns como noutros, essa origem comum». Do burgo, que era um dos lugares mais importantes da Espanha muçulmana, diz o referido geógrafo árabe: «A cidade de Silves é bonita. Vêem-se ali elegantes edifícios e mercados bem fornecidos. A sua população e a das aldeias do dis-

(Continua na página seguinte)



A cidade das sete colinas é naturalmente pródiga em miradouros, de onde se desfrutam soberbas paisagens que abarcam o estuário e a outra margem do rio. Esta bela panorâmica pode ser observada da Senhora do Monte — um passeio a aproveitar nestas manhãs de intensa luminosidade

MUNICH

«CIDADE OLÍMPICA»

EM 1972

A Associação de Turismo alemã criou uma comissão especial para cooperar com os dirigentes da «Cidade Olímpica» de Munich em todas as questões relacionadas com a recepção dos forasteiros. Este agrupamento será orientado pelo primeiro vice-presidente daquela instituição, sr. dr. J. Eberhard, antigo ministro das Finanças da Baviera e actual presidente do banco daquele Estado.

Entretanto, a Associação de Turismo da Baviera, que reelegueu o sr. dr. J. Eberhard no posto de primeiro presidente, congratulou-se com a decisão do sector central do turismo alemão e encarregou todos os seus núcleos especializados de apoiarem a nova comissão, com vista à intensificação dos preparativos que há-o de transformar Munich na «Cidade Olímpica» de 1972. Todos os problemas respeitantes a alojamento desfrutam de prioridade.

112 aeródromos italianos de turismo

A Itália dispõe de 112 aeródromos e 22 «heliportos» (destinados a helicópteros), que se encontram, geralmente, na proximidade dos centros e localidades de maior interesse turístico.

Sendo cada vez maior o número de turistas que chegam à Itália em aviões ligeiros, os organismos oficiais estão a estudar a conveniência de modernizar os aeródromos existentes e de utilizar novos terrenos para aumentar sensivelmente o seu número.

Vai efectuar-se na cidade de Hannover a 17.ª Exposição Federal Especializada em Hotelaria

Com o objectivo de proporcionar «Tudo para o hóspede», efectua-se em Hannover, de 1 a 9 de Outubro, no recinto da respectiva feira, a 17.ª Exposição Federal Especializada em Hotelaria. Segundo as inscrições já registadas, participarão naquele importante certame mais de quatrocentas firmas, ocupando, com os seus «stands», uma área expositiva de, aproximadamente, trinta e cinco mil metros quadrados. A oferta, vasta e variada, é dividida por sectores de produção, abrangendo desde novidades na ementa de comidas e bebidas, a quartos mobiliados, de harmonia com a linha decorativa mais moderna, até máquinas e instalações de cozinha para empresas de todas as dimensões económicas.

O grupo de expositores mais importantes é constituído pelos fabricantes de máquinas, aparelhos e equipamentos. Segue-se o sector da indústria de produtos alimentares. Pretendem os organizadores desta exposição especializada — o Grémio Alemão de Hotelaria e Similares e a Sociedade Alemã de Feiras e Exposições — facultar aos visitantes a panorâmica da situação actual das indústrias relacionadas com a hotelaria, bem como a evolução dos processos culinários, a fim de se corresponder às crescentes exigências quer dos gastrónomos, quer dos turistas em geral — e proporcionar uma verdadeira hospitalidade.

Exibições especiais

Assumem, também, o maior interesse as demonstrações especiais que se integram no referido certame federal, nomeadamente a «Exposição de travesseiros», «A mesa posta», o «Museu de ementas» e «A estalagem moderna», esta última promovida pela Associação Alemã de Feiras e Exposições. «A estalagem moderna» dispõe de um recinto com quatrocentos lugares sentados e divide-se em quatro secções: estalagem do tipo «self-service»; restaurante de estilo francês; sala rústica da Baixa-Saxónia e restaurante dinamar-

ques para especialistas. O visitante terá oportunidade de observar, através de envidraçados, a preparação dos diversos pratos nos restaurantes referidos.

Outras promoções do maior interesse e significado, integradas nos nove dias da Exposição Federal Especializada em Hotelaria, serão constituídas pelos congressos de diferentes ramos interligados naquela actividade industrial, nos quais os técnicos ou os simples visitantes do certame tomarão contacto com problemas actuais relacionados com a indústria hoteleira.

Alguns dos temas que vão ser abordados: «...Assim o meu hóspede terá vontade de voltar», «A gastronomia de hoje e de amanhã», «Racionalização na indústria hoteleira» e «Em que ponto nos encontramos actualmente? — situação económica na Alemanha».

Novos planos

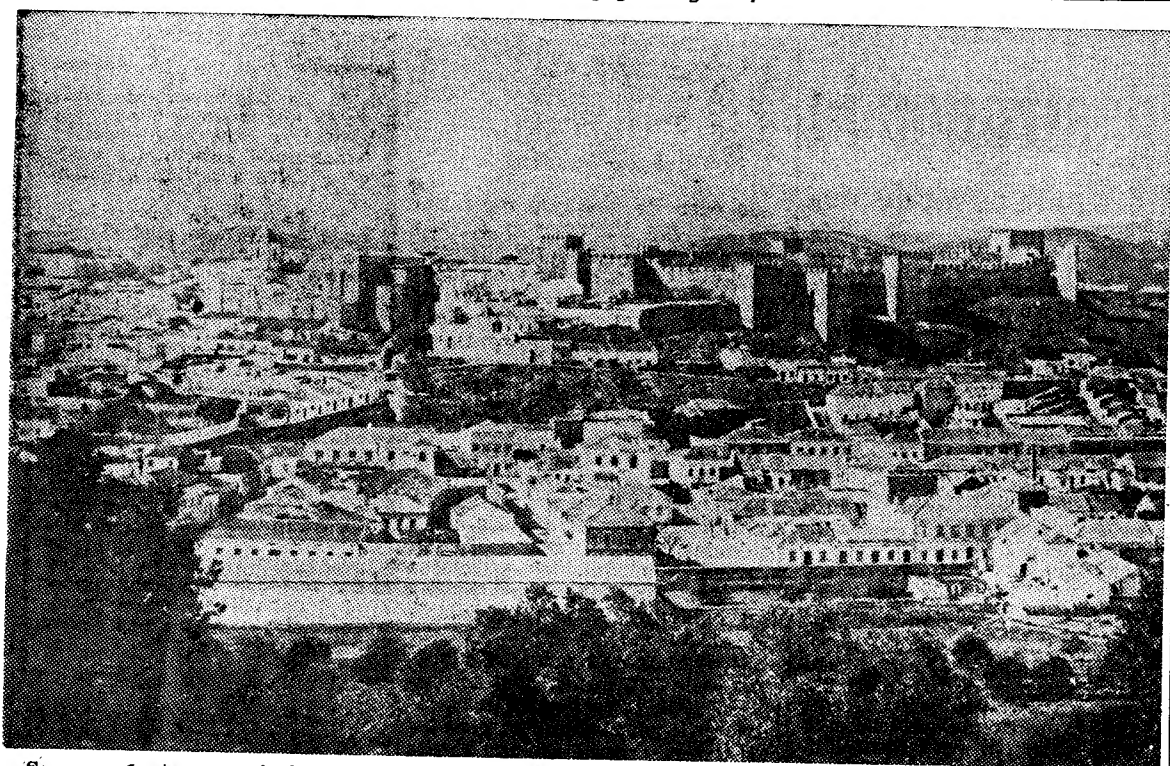
Merece, ainda, especial referência o curso, de âmbito federal, visando a aprendizagem de criado e cozinheiro, tendo em vista a pro-

(Continua na página seguinte)

Aumentaram as receitas na Itália

Durante os primeiros cinco meses deste ano entraram na Itália 6241 mil turistas, enquanto que, em igual período de 1965 apenas se haviam registado 5336 mil. Deste modo, o aumento verificado foi de 905 mil visitantes, correspondendo a um incremento de 16,9 por cento.

A respectiva receita, no período indicado de 1966, atingiu 238,3 bilhões de liras, ou seja mais 37 bilhões de liras — 18,3 por cento de aumento em relação ao ano passado.



Surpreendente panorâmica da Silves actual, que foi das mais nobres e fulgurantes cidades muçulmanas, ilustrada por célebres letrados e grandes poetas árabes, reis e príncipes, os quais ali viveram sonhos e aventuras de amor e nos palácios, tão esplendorosos como os das «Mil e Uma Noites», cantaram a saudade, ainda antes da fundação de Portugal

A cidade de Silves à beira do poético Arade evoca a fabulosa Chelb

(Continuação da página anterior)

trito é constituída por gente do Yemen, que fala um dialecto árabe puríssimo. As montanhas próximas produzem grande quantidade de madeiras.

Olivera Martins também celebra a singular beleza, as graças peculiares e os enlevos dessa verdadeira cidade oriental, povoada pelos requintados oriundos da Arábia Feiz:

«Era opulenta em tesouros e formosa em construções. Davam-lhe a primazia entre as cidades da Espanha árabe. Vestida de palácios coroados pelos terraços de mármore, cortada de ruas com bazarões recheados de preciosidades orientais, cercada de pomares vívidos e jardins, Chelb era a pérola do Chenchir, onde os príncipes da Mauritania vinham gozar com as mulheres formosas, de puro sangue árabe, os seus ócios luxuosos. Era ao mesmo tempo uma praça temivelmente fortificada».

Era não só mansão de luxo e de prazer, habitada por aristocratas e fidalgos do espírito, mas brilhante e famoso centro de irradiação da cultura, onde atingiam esplendores máximos as manifestações artísticas e literárias. Sabese como no tempo de Al-Motamid e Ibn-Amarr, magníficos poetas, homens de fina sensibilidade e bom gosto, que viviam em meio de requintado luxo, rodeados de lindas mulheres, num ambiente de refinamentos intelectuais, a famosa cidade adquiriu os maiores fulgores do espírito e se engrandeceu a tal ponto que, apesar do obscurecimento no período dos místicos Almorávidas, aos quais se seguiram os Almôadas, com a preocupação dominante do regresso à filosofia, apesar de tudo o que se opunha à radiosa floração poética e outras manifestações superiores de arte, Chelb ainda oferecia aqueles deslumbramentos aos conquistadores cristãos, no declinar do século XII.

O que nos fala a imaginação do passado de Silves são os esplendores da cidade árabe. Remontam, contudo, a tempos muito antigos as suas origens, atribuindo-lhes alguns historiadores a fundação aos Cynetes, referidos por José Leite de Vasconcelos, que alude à denominação aplicada, muitos séculos antes de Cristo, ao Cabo de São Vicente: *Cyneticum ingum*, ou aos Fenícios, marinheiros e mercadores, atraídos, como se diz, a esta região pela sua riqueza mineira.

Dos Romanos ficaram muitos vestígios, e teria havido nos arredores do burgo um templo votado a Neptuno. Restam, igualmente, relíquias da época dos Cartagineses e de outros primitivos povoadores, os mais antigos dos quais já aqui viviam desde a última idade da Pedra, até à do Bronze e do Ferro. Assim o demonstram descobertas arqueológicas de Estácio da Veiga, Pedro Paulo de Mascarenhas Judice e outros investigadores. As escavações no castelo revelaram peças neolíticas além de vários objectos de uso utilitário e adorno, nos quais se incluem contas de ágata, pertencentes a um colar (outro mais vistoso foi encontrado em Bensafim). A isso se refere Estácio da Veiga na sua obra «Antiguidades Monumentais do Algarve». Investigações posteriores têm permitido achados que assumem grande interesse no campo dos estudos arqueológicos sobre as origens de Silves, que se perdem na névoa dos tempos passados.

Há qualquer coisa de inexplicável que vem do fundo de nós próprios, e será o misterioso poder da influência hereditária persistindo no evoluir das gerações, que nos toca a alma, e não é ainda a imaginação a fantasiar, mas uma profunda emoção, quando se contempla de longe, na volta da estrada a descer para o rio, a cidade coroada de muralhas de pedra ruiva, enrubescidas, com refulgências de ouro ao clarão do poente. Depois, na intimidade do burgo, apesar da decepçante ausência de vulgares pormenores evocadores, das expressões vivas, palpitantes que venham ao nosso encontro, do lamentável efeito do pobre casario estreitando ruas empinadas, tortuosas, entra em nós uma vaga turbacão, amargurada e

desalentadora, uma penetrante tristura que oprime... Mas logo tudo se transforma por mágico efeito das lembranças que trazemos nos recessos do ser, as quais, acudindo ao espírito, reerguem, diante de nós, a esboçar-se no recortado perfil das ameias, a empolgante visão daquela cidade fantástica dos deslumbramentos orientais. São momentos de sonho num encantamento que nenhum outro lugar permite — pois só aqui há a magia de um tão poderoso e extasiante ficcionismo.

A realidade, contudo, despertamos do devaneio... Em Sevilha, onde Motamid e Ibn-Amarr também cantaram a vida e o amor em radiosa fulguração espiritual, ostentam-se, por exemplo, a *Torre del Oro*, o alcácer com suas preciosidades; e subsistem os monumentos de Córdova, de Granada, de outras cidades da Espanha muçulmana, que foram, contudo, teatro de lutas e guerras demolidoras, principalmente no declínio da dominação sarracena... Mas aqui, onde está o maravilhoso *Charadib*, de refulgente imponência, com suas varandas floridas, os rutilantes salões, cheios de refinamentos artísticos, o harém povoado das mais lindas mulheres? E os belos jardins e outros fabulosos palácios onde, igualmente, versejavam os reis e príncipes, que viviam no luxo, entregues ao amor e aos prazeres da existência idealizada e foram dos maiores poetas do mundo árabe? Que ficou dessa cidade que rivalizava em formosura e opulência tesouros, em esplendores indescrevíveis, com a Bagdad das narrativas maravilhosas?

Não era Nínive, nem Gomorra, nem Sodoma!... Porque, apenas além do soberbo castelo e um ou outro pormenor sugestivo, não restam, então, vestígios desses palácios e dos monumentos da urbe, que era assombrosa, mas não lendária? Talvez que um terrível augúrio se cumprisse fazendo desaparecer os lugares profanados pelos assaltantes vindos das nevoentas e longínquas terras do Norte, cenário da tragédia que alcançou a alma muçulmana!

Basta, contudo, para nos comunicar tão empolgantes sensações a visão fugidia de uma imagem da lenda, a vaga sugestão de uma ruína medieval, olhar o castelo, ou espriar os olhos em enternecido contemplativismo pela paisagem fecunda — e vive-se este sonho maravilhoso. E há-de sentir quem quer que seja que por aqui passe, apesar da decadência da velha cidade, *chispas-lhe na alma uma faísca de poesia, por mais prosaico que seja o seu espírito, por mais decepções que lhe hajam dessecado e endurecido o coração.*

(Do livro «TERRA MORENA — Algarve do Sonho e da Realidade»).

A indústria hoteleira e a moderna gastronomia

• Novas sugestões válidas para os modernos gastrónomos

(Continuação da página anterior)

gramação especial deste labor, de influência decisiva na rentabilidade das unidades hoteleiras.

A propósito, deve citar-se que, na indústria hoteleira, observando

Centro de Turismo Alemão em Madrid

Foi inaugurada em Madrid a 18.ª Delegação Oficial do Centro Nacional de Turismo Alemão (Deutsche Zentrale für Fremdenverkehr), que tem a sua sede em Frankfurt/Meno. O novo órgão de propagação a funcionar em prol do turismo da Alemanha — com uma situação privilegiada no centro da capital espanhola, Calle S. Agustín, 2, junto à Plaza de las Cortes — é dirigido pelo sr. Franz B. Gier, que, até 1964, assumiu a chefia da Delegação do Turismo Alemão em Lisboa.



A zona do bairro do Arco do Cego e os sectores urbanísticos mais próximos, vistos do ar, proporcionam-nos esta magnífica perspectiva

TURISMO COMPETITIVO NA ITÁLIA

Do manual (Prontuário Económico do Turista) elaborado no Centro de Estatística de Florença, deduz-se que o custo dos serviços turísticos na Itália é competitivo e, por vezes, até mesmo mais barato que o de vários outros países.

Foi feita a classificação de duas categorias de despesas: uma superior, em hotéis de luxo, com todo o conforto e refeições em locais de primeira ordem; outra, normal, em hotéis de tipo económico e com refeições de categorias semelhantes. Chegou-se, assim, à conclusão de que a Itália figura em 8.º lugar no custo da primeira categoria e em 7.º no da classe média.

No que se refere, muito em especial, aos preços de alojamento, a Itália fica em 11.º lugar entre 15 países examinados. Deste modo, constata-se que o custo de vida do turista torna-se na Itália cada vez mais competitivo, não sofrendo já sensíveis inflações.

O Seguro Turístico Espanhol — disposição eficaz ao serviço dos forasteiros

O Seguro Turístico Espanhol é uma nova modalidade seguradora, por meio da qual se oferecem ao visitante do país vizinho diversos serviços que lhe permitem desfrutar de total segurança durante a sua estada. Este tipo de seguro foi instituído com carácter voluntário e exercem-no mais de 180 entidades seguradoras, integradas na Associação para o Seguro Turístico Espanhol — A. S. T. E. S.

A referida modalidade abrange um amplo campo de riscos possíveis, que podem ser definidos total ou parcialmente pelo turista. Alguns aspectos mais comuns: assistência médica e cirúrgica nas doenças de carácter grave e nos acidentes; meios auxiliares de diagnóstico; deslocação do doente, numa ambulância, para a clínica; internamento para tratamentos cirúrgicos, incluindo lugar para o acompanhante do doente; produtos farmacêuticos, bem como transfusões de sangue ou plasma, enquanto estiver hospitalizado; prolongamento da permanência no hotel devido a acidente ou doença.

Neste esquema de «riscos garantidos» podem ainda ser incluídos outros serviços, até quinze mil pesetas: repatriação do doente por indicação do médico, no caso de ferimento grave ou doença; repatriação do cadáver. Assume ainda o maior interesse saber-se da tabela de indemnizações, quando se trate de acidente individual. Assim, por exemplo: invalidez total, 200 mil pesetas; invalidez parcial, 100 mil; morte, 100 mil.

Defesa jurídica

No caso de acidente de trânsito em que intervier o veículo segurado no âmbito da modalidade em causa, podem os interessados contar com fianças por liberdade ou custas jurídicas, até 100 mil pesetas; honorários e despesas de advogados, procuradores, etc., até 25 mil; despesas judiciais (custas e taxas penais), até 25 mil.

O veículo que faça parte integrante do Seguro Turístico será repatriado para o lugar fixado pelo seu utente, até um limite de despesas no valor de 25 mil pesetas, e ainda nos casos de: prejuízos por acidente ou incêndio; acidente, doença ou falecimento do motorista.

As pessoas que ocupem o veículo e de harmonia com os casos citados anteriormente, também serão repatriadas para os locais determinados, até um limite de 15 mil pesetas por pessoa. No que respeita às bagagens, garante-se até 10 mil pesetas por

passageiro e bagagem a perda ou deterioração em consequência de incêndio ou roubo.

Prémios de seguro

O Seguro Turístico Espanhol prevê diversos prémios consoante a modalidade escolhida, tendo sido estabelecidos períodos de duração de 8, 15 e 30 dias, conforme as necessidades mais usuais do veraneante. O seguro total sem veículo, correspondente a 8, 15 e 30 dias, estabelece os seguintes prémios, respectivamente: 105, 155 e 250 pesetas; o seguro total com veículo, com os mesmos limites de duração, importa em 135, 201 e 333 pesetas, de harmonia com cada contrato.

Existem dois tipos de apólice: individual, que pode ser contratada por qualquer turista; e colectiva, destinada a grupos de mais de quatro pessoas. Esta última goza de um desconto sobre os prémios de riscos de acidentes individuais, assistência sanitária e bagagens calculado em cinco por cento, quando o grupo for de quatro a sete pessoas, e de dez por cento quando ascender a mais de sete.

Serviços

Para atender os serviços derivados do Seguro Turístico Espanhol, a A. S. T. E. S. dispõe:

- da colaboração de mais de 38 mil médicos em todo o território espanhol, podendo o segurado solicitar a qualquer deles a devida assistência;
- de mais de 500 clínicas, onde o segurado será atendido em instalações de primeira ordem;
- das organizações de todas as entidades associadas, nas quais se resolverão quaisquer dificuldades que possam ocorrer ao segurado;
- de representações em todas as províncias espanholas, postas ao serviço do segurado;
- de contratos estabelecidos com as organizações de médicos, pessoal de enfermagem, clínicas e outros departamentos de saúde, de modo que o segurado não precisa de efectuar qualquer pagamento imediato pelos serviços compreendidos nos riscos cobertos pelo seguro.

O Seguro Turístico Espanhol pode ser solicitado nas entidades seguradoras, agências de viagens, hotéis, postos de fronteiras e escritórios centrais e provinciais da A. S. T. E. S.

Em CAMARATE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

DOIS BANDIDOS
ROUBARAM
UM COMBOIO

FLORENCE (Arizona), 30 — (F. P.) — Dois bandidos que se evadiram, forçaram os maquinistas de um comboio de mercadorias a conduzi-los através do Arizona, por uma linha que se tornou célebre no século passado pelos assaltos aos comboios.

Os dois meliantes, Wilham McLister, de 21 anos, e Edward Schiffauer, de 28, haviam fugido ontem da colônia penal onde trabalhavam. Tendo abandonado o carro em que se puseram ao fresco, ameaçaram, com uma espingarda roubada, os empregados dum comboio que transportava minério. No meio da viagem, a formação esteve em riscos de embater noutro comboio e parou numa estação onde os dois evadidos se entregaram às autoridades.

PRESOS NA ARGENTINA
23 ESTUDANTES

BUENOS AIRES, 30 — (F. P.) — A Polícia argentina anunciou que os vinte e três estudantes presos anteontem em La Plata, quando tentavam apoderar-se de uma igreja, são peruanos e bolivianos pertencentes a uma organização da extrema esquerda.

O «apartheid» condenado
pela delegação brasileira
na reunião de Brasília

BRASÍLIA, 30 — (F. P.) — A ideia da criação de um «cordão sanitário» em volta da África do Sul vai tomando forma na conferência sobre o «apartheid», cujos trabalhos estão a decorrer em Brasília. A maioria das delegações considera, com efeito, que a O. N. U. poderia impor aos países membros uma boicotagem económica «seletiva» da República Sul-Africana. Este seria, até, na opinião dos delegados dos países mais moderados — isto é, as nações não africanas — a última disposição «pacífica» a tentar para se pôr termo ao regime de «apartheid» de Verwoerd.

A surpresa do dia foi a tomada

A admissão de Pequim
proposta de novo
nas Nações Unidas

NOVA YORK, 30 — (F. P.) — A Assembleia Geral da O. N. U. foi de novo abordada acerca da representação chinesa. O processo oficial para fazer inscrever a questão na ordem do dia da sessão que abre no dia 20 do próximo mês foi apresentado ontem por nove países membros: a Albânia, a Argélia, o Camboja, o Congo (Brazzaville), Cuba, a Guiné, Mali, Roménia e Síria — que empregam a fórmula: «Restabelecimento dos direitos legítimos da República Popular da China nas Nações Unidas».

Esta fórmula já tinha sido utilizada o ano passado quando foi pedida a inscrição da questão chinesa na vigésima sessão da Assembleia Geral. O pedido foi apadrinhado pelos mesmos países, com excepção da Síria, do Burundi e do Ghana.

No passado Outono, os países autores do pedido apresentaram, com o Paquistão e a Síria, um projecto de resolução pedindo simultaneamente a admissão de Pequim e a exclusão da Formosa.

Este texto obteve 47 votos contra 47 e 20 abstenções e foi rejeitado. Anteriormente, a assembleia tinha adoptado por 56 votos contra 49, com 11 abstenções, uma resolução preliminar afirmando que a questão da representação da China na O. N. U. entrava na categoria das questões fundamentais e toda a decisão modificando a situa-

ção existente exigia, para ser adoptada, a maioria de dois terços. Esta resolução de procedimento fazia malograr a tese segundo a qual se tratava de facto de um simples ponto de verificação de poderes, que devia ser regularizado por uma maioria simples.

A questão da representação chinesa é submetida todos os anos à Assembleia Geral, desde 1950, mas desde 1961 não é objecto de unico debate.

Segundo dia
da manifestação
contra
o «revisonismo»

PEQUIM, 30 — (R.) — No decurso do segundo dia de uma manifestação contra o «revisonismo», milhares de chineses gritaram «slogans», rufaram tambores e gongues e tocaram timbales, junto à embaixada desta cidade.

Tal como ontem, os manifestantes marchavam num caudal contínuo ao longo da avenida principal, onde tinha sido erguida uma tribuna para oradores. Também como ontem, mantiveram-se bem afastados da própria embaixada, a qual estava guardada por polícia e soldados chineses. A manifestação tem sido disciplinada.

Os manifestantes deixaram vazia a rua que conduz aos portões da entrada principal da embaixada — a qual foi recentemente denominada Rua da Luta contra o Revisonismo.

Revisonismo é o termo depreciativo com que a China se refere à actual condução comunista da União Soviética.

A manifestação — que até agora não foi mencionada pela Imprensa chinesa — é patrocinada pela «guarda vermelha», cruzada dos jovens chineses que conduzem a revolução social tendo por objectivo afastar as coisas velhas ou estrangeiras da vida chinesa.

Auxílio chinês
a Hanói
«que não terá
de ser pago»

TÓQUIO, 30 — (A. N. I.) — O Governo do Vietnam do Norte anunciou hoje, oficialmente, que assinara um acordo com a China Comunista ao abrigo do qual receberá auxílio técnico, «que não terá de ser pago», a fim de permitir ao país prosseguir a luta.

O acordo foi anunciado oficialmente por Rádio Hanói, em emissão escutada esta manhã em Tóquio.

A emissora de Hanói não deu pormenores do acordo assinado, nem da natureza exacta do «auxílio técnico» que o Vietnam do Norte receberá.

Os observadores de Tóquio manifestam a opinião de que não deve haver modificação sensível na situação: A China Continental há muito que fornece grandes quantidades de armas, munições e outro material aos norte-vietnamitas.

Em BELVER o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na AGENCIA DO SR. FRANCISCO DA ROSA GRILO CHAMBEL.

DIA A DIA
A DOCTRINA RUSK

O senador Fullbright, presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, causou extraordinária sensação ao declarar que existe uma doutrina Rusk para a Ásia a qual, segundo a versão que dela deu, é a adaptação da doutrina de Monroe ao Extremo Oriente. Nos termos dessa doutrina de Monroe asiática, a Ásia faz parte da esfera de influência dos Estados Unidos e, como tal, estes são obrigados a intervir nos problemas que lhe dizem respeito e mesmo nos que lhe são peculiares. A Casa Branca negou que assim fosse e contestou que haja uma tal doutrina, renovando a interpretação da intervenção americana no Sueste asiático, segundo a qual esta visa a defender um povo que repudia a dominação comunista e para conseguir esse fim não dispõe dos meios e recursos indispensáveis. Esta fórmula oficial estereotipada não tem o condão de convencer os governos que, nos restantes continentes, seguem com desagrado a guerra do Sueste asiático e desconfiam dos objectivos americanos.

Estava o assunto quase esquecido, quando o secretário de Estado voltou a dar que falar com uma declaração mais retumbante do que aquela a que nos referimos. Disse ele que «nenhum agressor deve convencer-se de que a falta de um tratado, em devida forma ou de uma autorização do Congresso dos Estados Unidos, são razões para que os americanos deixem de estar presentes onde quer que a agressão se manifeste». Anteriormente dissera



SENADOR FULLBRIGHT — categorizado adversário do secretário de Estado, Rusk, e da sua doutrina asiática

ele que o seu país se julgava na obrigação de intervir militarmente em defesa de quarenta países com os quais está ligado por compromissos escritos. Essa concepção foi agora alargada a todos os países ameaçados, ou vítimas, de agressão comunista. Trata-se de uma revolução pois sempre se entendeu que a intervenção americana apenas se daria quando o país vítima de agressão fosse aliado ou amigo dos Estados Unidos e a solicitasse. Dificilmente se encontraria melhor definição da política global que os americanos são acusados de praticar do que aquela que foi exposta no Senado pelo secretário de Estado.

Tentativa de cientistas
para «domar» um furacão

MIAMI, 30 — (R.) — Cientistas planeiam para hoje a sua primeira tentativa em grande escala para domar um furacão. Aviãos vão «bombardear» o furacão «Faith» com iodato de prata, na esperança de reduzi-lo a sua fúria.

A noite passada, o «Faith», com ventos de 192 quilómetros por hora, encontrava-se a cerca de 900 quilómetros a leste de Miami, no meio do Atlântico, e seguia para noroeste, com uma velocidade de oito quilómetros por hora.

Uma tentativa para «semeiar» o furacão com partículas de iodato de prata fora marcada para o fim da semana. Mas a tempestade ameaçava então as Bahamas e os cientistas não desejavam tentar a experiência a não ser que o furacão se encontrasse distante de terra.

Os cientistas recelam que essa «sementeira», nunca antes tentada em tal escala, possa alimentar a fúria do furacão em vez de domá-la.

Supõe-se que as partículas de iodato de prata apanharão humidade e congelarão, reduzindo o calor que ajuda a fornecer ao furacão a sua força.

Se o «Faith» continuar distante de qualquer área terrestre, aviãos de reconhecimento descolarão de Miami para medir a fúria do furacão, antes de outros aparelhos da

base naval americana de Roosevelt Roads, em Porto Rico, voarem sobre o centro da tempestade e largarem o iodato de prata, numa operação que deverá durar 11 a 12 horas.

Um veloz carro
no estilo
do automóvel
de James Bond
ilude a Polícia

ROUEN (França), 30 — (R.) — Um veloz automóvel negro, que se supõe ter transportado contrabando de bebidas alcoólicas através da fronteira francesa, escapou por duas vezes à perseguição da Polícia, no decurso deste fim de semana, ao libertar nuvens de fumo negro como fazia o carro de James Bond.

A Polícia disse que o dono do automóvel, de 26 anos de idade, que foi identificado pelo registo do automóvel, se chama a si próprio «o James Bond da garrafa». Julga-se que o «Citroën D. S.» é o mesmo automóvel que recentemente atravessou as barreiras da fronteira belga, ferindo diversos funcionários da Alfândega.

Há dois anos atrás, a Polícia aprendeu outro automóvel estilo James Bond. O carro tinha diversos «extras», incluindo matrículas que mudavam automaticamente, um tubo de escape que podia espalhar óleo na estrada e um sistema que largava pregos destinados a fazer parar os perseguidores.

O «FUHRER» ROCKWELL
SAIU EM LIBERDADE

CHICAGO, 30 — (F. P.) — George Lincoln Rockwell, «fuhrer» do Partido Nazi Americano, apresentou-se ontem à Polícia, que lhe passou um mandado de captura por desordens da via pública, consequentes da manifestação por ele organizada a semana passada contra os negros, em Chicago.

Com as mãos algemadas, Rockwell recolheu durante alguns momentos ao calabouço, saindo depois em liberdade mediante caução de 25 dólares.



novos êxitos

FIM de
SEMANA
com a
MORTE

de
erle stanley gardner

preço 15 00

edição
LIVROS DO BRASIL
r. dos caetanos, 22 lisboa

Regulada a concessão do subsídio eventual de custo de vida aos servidores dos corpos administrativos

A Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior enviou à Imprensa Nacional, para publicação no «Diário do Governo», um decreto-lei que autoriza os corpos administrativos do continente e das ilhas adjacentes a conceder aos seus servidores, a título provisório, a partir de 1 de Setembro, o subsídio eventual de custo de vida sobre os vencimentos, de harmonia com semelhante subsídio atribuído, por diploma do ministro das Finanças, a todos os servidores do Estado, civis e militares. É o seguinte o

texto do decreto-lei do Ministério do Interior:

«Pelo Decreto-Lei n.º 47137 de 5 do mês corrente, foi concedido, a título transitório, a todos os servidores do Estado, civis e militares, em exercício no continente e ilhas adjacentes, um subsídio eventual de custo de vida sobre os vencimentos, abrangendo, pois, os funcionários administrativos dos governos civis e das administrações de bairro.

Impõe-se, conforme se determinou no art.º 7.º do citado diploma, estabelecer os termos em que o regime prescrito para os servidores do Estado deverá aplicar-se aos servidores dos corpos administrativos.

Para esse efeito, há que ter em consideração, em primeiro lugar, as possibilidades financeiras dos corpos administrativos, evitando que os encargos com o pessoal excedam determinado limite, de modo a não se cercarem demasiadamente os recursos para fazer face a despesas de outra natureza, sacrificando os interesses essenciais que lhes cumpre satisfazer. Deve, porém, observar-se que, das 304 Câmaras Municipais do continente e ilhas adjacentes, só 35, no ano de 1965, despenderam com o pessoal mais de 40 por cento da receita ordinária e própria do mesmo ano (excluindo reembolsos e reposições), e, de entre essas, só 8 ultrapassaram a percentagem de 45, nenhuma delas atingindo 50 por cento, ou seja o limite normal consentido pelo artigo 676.º do Código Administrativo, embora com referência às despesas a orçamentar com o pessoal e em relação à receita ordinária efectivamente arrecadada no ano anterior. Note-se, aliás, que o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 40014, de 31 de Dezembro de 1954, permitiu, em casos devidamente justificados, que tal limite fosse elevado até 60 por cento.

Outro aspecto a considerar é o âmbito da aplicação do regime de subsídio eventual aos servidores dos corpos administrativos. Nenhuma dúvida poderia suscitar-se quanto àqueles cujas remunerações-base se encontram fixadas por diploma legal, não tendo sido alte-

(Continua na 17.ª página)

Os transportes colectivos de Braga

BRAGA, 30 — A Câmara Municipal ainda não tomou qualquer decisão quanto à transferência para uma empresa particular, das suas concessões nos transportes colectivos do concelho. Ainda esta semana deverá haver uma reunião especial, na qual será apreciado o estudo dos técnicos encarregados do exame das propostas e só então tomará a sua deliberação.

Comerciantes e industriais presos ou processados por especulação

Foram processados pela Fiscalização da Inspeção-Geral das Actividades Económicas diversos comerciantes e industriais, entre os quais Joaquim Mário dos Reis, de Setúbal, agente distribuidor de refrigerantes, por aumento injustificado dos preços; Joaquim Augusto Figueiredo, do Porto, por especulação no preço de venda de chouriço de carne, no qual cobrava a mais 15\$00 em cada quilo; e Mercar a Estrela de Mosca, Lda., de Mosca, representada pelo seu sócio gerente Ernesto Dias, por especulação no preço de venda de presunto sem osso — mais 11\$70 em cada quilo.

Foram presos em flagrante delito de especulação na venda de carnes os talhantes José Gomes Cardoso, de Braga, Francisco Manuel Amorim, de Póvoa do Varzim, e Eurico Alves de Oliveira, de Vila Nova de Famalicão, aos quais os tribunais arbitraram coações de 15 000\$00, 10 000\$00 e 10 000\$00. Também por especulação, foram autuados muitos talhantes em diversos pontos do País.

Na comercialização da batata verificaram-se igualmente cinquenta e dois processamentos por especulação, comércio irregular e falta de documentos, estes considerados como actos preparatórios da especulação.

O Chefe do Estado visitou vários pontos turísticos da Madeira

FUNCHAL, 30 — (A. N. I.) — O Chefe do Estado, que se encontra instalado, com sua esposa, na vila da Ribeira Brava, na residência particular do governador do distrito autónomo do Funchal, comandante Camacho de Freitas, aproveitou o dia de ontem para repousar, iniciando hoje a sua visita a vários pontos de interesse turístico da ilha.

O almirante Américo Thomaz e sua esposa, acompanhados pelo casal Camacho de Freitas, dão um passeio ao Paul da Serra, visitando depois as regiões da Bica e do Rabçal, e almoçam na casa que a Junta Geral do Distrito mantém naquela zona da serra. Abre essa casa para um extenso vale, cercado de serranias e frequentemente percorrido por nuvens baixas.

NA SAPATARIA

ZEBU

NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51



Na presença do secretário nacional da Informação, o novo inspector-geral dos Espectáculos assina o auto de posse

Tomou posse no S. N. I. o novo inspector-chefe dos espectáculos

Num dos salões do Palácio Foz foi esta manhã dada posse, no cargo de inspector-chefe dos espectáculos, ao sr. dr. José Maria Alves, que passa, assim, a ocupar a vaga deixada pelo sr. dr. João Duque, recentemente nomeado presidente do conselho de administração da R. T. P.

O novo inspector-chefe dos espectáculos foi empossado pelo sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, que estava ladeado pelos srs. drs. Barbieri Cardoso e José Maria Mesquita e Carmo, respectivamente, presidente da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos e presidente da respectiva corporação. Estavam presentes numerosos empresários e representantes de casas distribuidoras de filmes, individualidades ligadas ao sector do espectáculo, entre as quais o sr. dr. Manuel Teles, presidente da União de Grêmios dos Espectáculos.

Lido e assinado o auto de posse, o sr. dr. César Moreira Baptista manifestou a sua satisfação por conferir aquela posse, aproveitando a oportunidade para acentuar e agradecer a colaboração prestada ao S. N. I. pelo anterior inspector-chefe dr. João Duque.

Em seguida, fez o elogio do dr. José Maria Alves, reafirmando o prazer que lhe causava vê-lo numa função que exige ponderação, bom-senso, inteligência e firmeza, pois o empossado possuía todas essas qualidades.

— Foi ótimo que o sr. subsecretário de Estado adjunto da Presidência do Conselho o tenha escolhido — acentuou.

A terminar, disse estamos a viver momentos especiais em que é pre-

ciso ter os olhos bem abertos e o espírito atento, em conformidade com as realidades nacionais, acrescentando esperar do novo inspector-chefe uma frutuosa colaboração, para poder levar ao Governo as sugestões conducentes a novas medidas a tomar relativamente às actividades ligadas ao espectáculo.

Em resposta, o sr. dr. José Maria Alves, depois de agradecer a presença de todos, fez algumas considerações sobre a função do espectáculo — das actividades culturais mais susceptíveis de influir para o bem ou para o mal — e terminou por agradecer as palavras do secretário nacional e afirmar que toma posse do cargo com vontade de acertar.

Foram totalmente alteradas as condições de circulação dos velocípedes cuja velocidade máxima se fixa em 40 km/h

As alterações ao Código da Estrada, de que largamente nos temos ocupado, entram em vigor depois de amanhã. Como é do conhecimento geral, foi profundamente remodelado tudo o que se refere ao uso de velocípedes — aos quais cabem muitos dos desastres verificados no País. Nenhuma lei, no entanto, pode eliminar o acidente de viação, na medida em que o factor mais importante é, sem dúvida alguma, a atenção do condutor. Há que ter em conta, sobretudo, as possibilidades do veículo e do, as possibilidades de veículo utilizado e as de quem o conduz, bem como as condições em que se encontram as vias. Uma condução segura tem de resultar, necessariamente, da conjugação destes três factores.

Como os acidentes com velocípedes se sucedem num ritmo um tanto ou quanto acelerado, houve que adoptar medidas drásticas, quando da redacção das presentes alterações do Código da Estrada. Os artigos 38.º e 54.º visam este tipo de veículos e os seus condutores, respectivamente. O disposto no n.º 1 do primeiro artigo engloba os velocípedes sem motor ou providos de um motor auxiliar, desde que tenham pedais ou dispositivos análogos. Os números seguintes ocupam-se de veículos deste tipo com motor de cilindrada não superior a

Criada uma comissão de âmbito interministerial de saúde e sanidade veterinária

Foi enviada à folha oficial uma portaria conjunta do Ministério da Saúde e Assistência e da Secretaria de Estado da Agricultura, pela qual é criada a Comissão Interministerial de Saúde e Sanidade Veterinária, destinada a coordenar a actividade das Direcções-Gerais de Saúde e dos Serviços Pecuários, no que se refere à defesa da saúde pública.

Incumbe à comissão estudar os problemas sanitários, cuja solução dependa da acção daquelas duas Direcções-Gerais e elaborar os planos de actividade coordenada, para execução dos respectivos serviços; pronunciar-se sobre assuntos de ordem sanitária, que lhe sejam submetidos, por intermédio das duas Direcções-Gerais, ou por determinação ministerial; coligir e apreciar elementos relativos à execução dos planos de acção sanitária, da sua competência, e emitir parecer sobre os resultados obtidos; e submeter a despacho ministerial as suas informações, pareceres, planos e propostas.

Constituição da comissão

A nova comissão é composta por igual numero de membros das Direcções-Gerais de Saúde e dos Serviços Pecuários e terá a constituição seguinte: pela Direcção-Geral de Saúde, o director-geral, o director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge e o director do Serviço Técnico de Profilaxia das Doenças Infecciosas e Sociais; e pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, o director-geral, o director do Laboratório Nacional de Investigação Veterinária e o chefe da Repartição dos Serviços de Sanidade Pecuária.

A comissão, cuja presidência pertence a cada um dos directores-gerais, em regime de rotação anual poderá ainda promover a constituição de grupos especializados de

trabalho, permanentes ou temporários. As reuniões da Direcção-Geral de Saúde e Sanidade Veterinária terão carácter de trabalho, permanentes ou temporários. As reuniões da Direcção-Geral de Saúde e Sanidade Veterinária terão carácter de trabalho, permanentes ou temporários.

Actualização

No preâmbulo da portaria que extingue a função de director-geral das Direcções-Gerais de Saúde e Sanidade Veterinária, de 11 de Dezembro de 1965, diz-se:

«A defesa da saúde pública, que tem sido efectuada até ao momento, tem dependido da colaboração da Direcção-Geral de Saúde e Sanidade Veterinária, que, para além da sua competência, emitiu pareceres sobre os resultados obtidos; e submeter a despacho ministerial as suas informações, pareceres, planos e propostas.

As presentes alterações ao Código da Estrada, de que largamente nos temos ocupado, entram em vigor depois de amanhã. Como é do conhecimento geral, foi profundamente remodelado tudo o que se refere ao uso de velocípedes — aos quais cabem muitos dos desastres verificados no País. Nenhuma lei, no entanto, pode eliminar o acidente de viação, na medida em que o factor mais importante é, sem dúvida alguma, a atenção do condutor. Há que ter em conta, sobretudo, as possibilidades do veículo e do, as possibilidades de veículo utilizado e as de quem o conduz, bem como as condições em que se encontram as vias. Uma condução segura tem de resultar, necessariamente, da conjugação destes três factores.

PARIS
3 voos por semana — às 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras

FRANKFURT
2 voos por semana — às 2.ª e 6.ª feiras

LONDRES
1 voo por semana — às 4.ª feiras

VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

Para mais informações consulte o seu Agente de Viagens IATA ou a VARIG
Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 1 — Tel. 53 91 81 (8 linhas)
Porto — Praça do Município, 267, 4.º — Tel. 3 59 51

Serviços geográficos e cadastrais do Ultramar

Um decreto do ministro do Ultramar altera várias disposições dos decretos n.ºs 43 894 e 44 239, que, respectivamente, aprova o Regulamento da Ocupação e Concessão de Terrenos nas Províncias Ultramarinas e reorganiza os serviços geográficos e cadastrais e de agrimensura.

Normas a observar
Esses veículos são obrigados a

(Continua na 14.ª página)

ZEBU

RELOGIOS
De todas as marcas, máxima
garantia preços de concorrência

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 27

PASSEIO
NO B.
LISBOA

DO
Pa

«UM
(
TE
DO

Partidas

INFORMA

ma comissão interministerial sanidade veterinária

uma
rio da
creta-
pela
termi-
e Ve-
nar a
ais de
ários,
saude

ar os
olução
duas
as pla-
a, pa-
servi-
suntos
sejam
das
or de-
gir e
á exe-
sanita-
emitir
obti-
o mi-
s, pa-
ão

ta por
as Di-
s Ser-
consti-
ão-Ge-
ral, o
or de
e o
co de
fecção-
ão-Ge-
o di-
Labo-
igação
eparti-
de Pe-

dência
ctores,
anual
consti-
dos de

e alteradas dos velocípedes fixa em 40 km/h

na, em
strução
ara não
odo, te-
motor.
acima
ão são
m mo-
to em-
ndrada
r velo-
h. Ora,
mais de
dos co-
r pelas
a ma-
motores
erior a
ngloba-
consti-
reículos
cípodes
e que
motores.
motores
bora o
cm3 de
a qual-
acteris-
cípodes

gados a

U

S
áxima
cia
IA

GINA CENRAL

trabalho, permanentes ou tempo-
rários. As reuniões efectuar-se-ão
na Direcção-Geral a que pertence
o presidente da comissão em exer-
cício.

Actualização de medidas

No preâmbulo do diploma, que
extingue a comissão mista dos
funcionários técnicos das duas Di-
recções-Gerais, criada por portaria
de 11 de Dezembro de 1950, afir-
ma-se:

«A defesa da saúde pública, pa-
ra ser efectiva, exige o permanen-
te concurso de diversos departa-
mentos do Estado e uma estreita
colaboração daqueles que têm por
missão específica intervir em ma-
téria sanitária. Com esse objecti-
vo e, para protecção e promoção
da saúde humana, se tem manti-
do, desde há anos, uma proveito-
sa cooperação entre as Direcções-
-Gerais de Saúde e dos Serviços
Pecuários. E da intervenção con-
junta dos respectivos técnicos
surtiram resultados muito apre-
ciáveis. Como exemplo, pode ci-
tar-se a comissão mista de funcio-
nários técnicos dos dois departa-
mentos, incumbida de estudar,
num plano de conjunto, as medi-
das profiláticas atinentes ao com-
bate das androzoonoses, denomi-
nadas bruceloses, instituída por
portaria dos Ministérios do Interi-
or e da Economia de 11 de De-
zembro de 1950.

As presentes circunstâncias epi-
demiológicas aconselham a actua-
lização das medidas que a mencio-
nada portaria se propôs alcançar
e justificam que se crie uma nova
comissão de estudo e de coordena-
ção, com atribuições de maior la-
titude. Só assim se poderá conju-
gar a acção dos dois serviços pú-
blicos, proporcionando-lhes meios
de estudarem e resolverem múlti-
plos problemas sanitários, que re-
querem mútua intervenção».



David, herói de tenra idade, será assistido durante a vida fora, caso necessite,
pela Operação Plus Ultra. Poderá estudar, por exemplo, sem dar despesa
aos pais. Aqui o vemos, rodeado por pessoas de família, á sua chegada ao
aeroporto da Portela.

Um menino chamado David (representante de Portugal na Operação Plus Ultra) chegou a Lisboa e vai a Roma

Chegou a Lisboa, esta manhã,
na carreira aérea do Porto, o jo-
vem David Teixeira da Silva, de
Chaves, eleito pelo júri nacional
da Operação Plus Ultra, como re-
presentante de Portugal nesta
campanha europeia, destinada a
revelar e a premiar o valor huma-
no das crianças.

Qual foi o acto heróico de Da-
vid?

Uma criança de um ano e poucos
meses estava prestes a ser truci-
lada pelo comboio. Viu-a David
— e logo correu para o inocente.
Acontece, todavia, que tropeça e
cal. O comboio, então, já se en-
contrava mais próximo. Mas Da-
vid não desanima. Ergue-se, avalia
a situação e precipita-se para a
via férrea. Leva a criança de ro-
dão no preciso momento em que
o comboio passa a toda a veloci-
dade!

David, um tanto admirado com
a atenção de que é alvo (há o
«flash» das máquinas, o ruído da
película a correr, nas câmeras, as
perguntas dos jornalistas...), mos-
tra-se recatado, um sorriso nos lá-
bios e nos olhos. Acompanha-o o
pai, o sr. Délio Alvarez da Silva.
O garoto segue no dia 1 de Se-
ntembro para Madrid, onde se jun-

tará com outros pequenos heróis
procedentes de vários países euro-
peus. Estarão juntos durante trin-
ta dias, numa viagem de férias
que, certamente, será um episódio
inesquecível. Vida fora, se lembra-
ção desse encontro, originado pelas
mais puras intenções...

Em San Sebastian, os pequenos
heróis serão recebidos pelo gene-
ral Franco. Em Roma, Paulo VI
lhes falará... Na Galiza (última
etapa da viagem) serão acolhidos
pela Escola Naval de Marin, da
qual serão nomeados guarda-mari-
nhas honorários. Haverá praia e
haverá campo... Amizade, cultura
e diversão. Em suma — um súbito
contacto com a vida de além-fron-
teiras. Boa viagem, David!

Iniciativa da Sociedade Espan-
nhola de Radiodifusão e da Ibéria,
a Operação Plus Ultra é dirigida
entre nós por Rádio Clube Portu-
guês. Assim, o jovem David foi re-
cebido no aeroporto pelos srs. Al-
varo Jorge, da Direcção do R. C. P.,
e Alejandro Polo, delegado da Ibé-
ria em Lisboa.

A marcha de Alcabideche na Feira do Artesanato

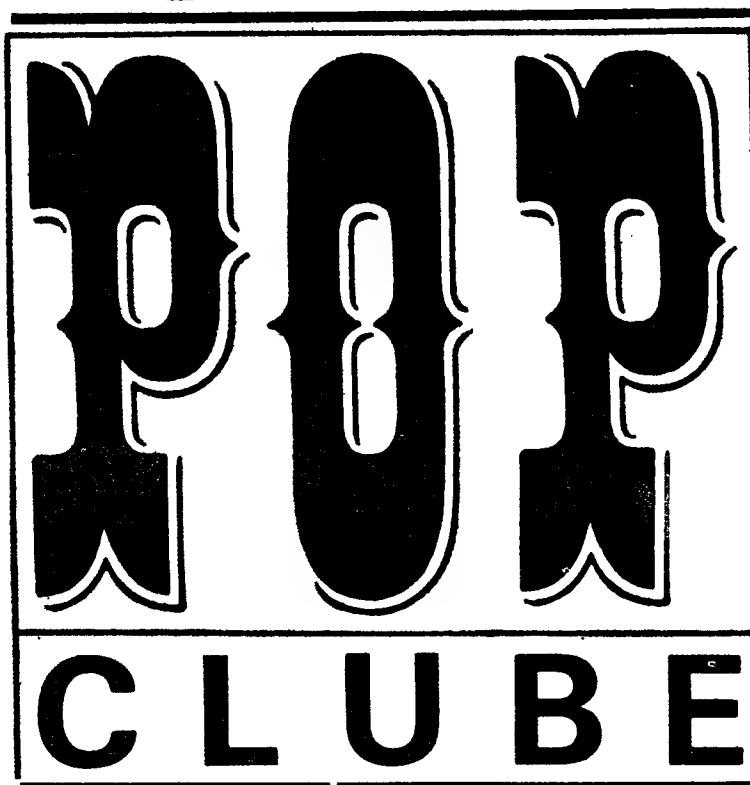
A III Feira do Artesanato Portu-
guês, que tem chamado ao pitores-
co pinhal do Estoril milhares de
pessoas, será esta noite animada
com a marcha de Alcabideche, a
primeira a exhibir-se no certame, e
a que se seguirá as restantes mar-
chas do concelho de Cascais.

A comissão do certame propôs
á Junta de Turismo da Costa do
Sol a aquisição de dez peças de arte
popular, a escolher por júri técnico,
mas sem intenção de concurso, pro-
curando-se não só estimular a pro-
dução artesanal, como fazer, de-
pois, a sua propaganda, dado que
os melhores embaixadores do arte-
sanato são os próprios produtos.

Para ser feliz
é ouro
que não tem preço

Os noivos entendem-se como
Deus com os Anjos. Há tranqui-
lidade no amor. O símbolo dessa
ternura de sentir é explicado pelo
anel que une dois corações. Para
ser feliz deste segredo precioso con-
sulte a Ourivesaria Santa Filomena
(em frente ao portão principal do
Jardim Zoológico).

ZEBU



ABRIU
BOITE HI-FI
AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 128A - TEL. 76 09 03



CARLOS ROCHA

PASSEIOS TURÍSTICOS NO BARCO «ESTORIL-SOL» LISBOA-CASCAIS-LISBOA

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros) PREÇO — 60\$00

«UMA HORA NO TEJO» (LISBOA VISTA DO RIO)

TERÇAS, QUINTAS-FEIRAS E SABADOS
10.10-11.20-14.50-16.17.10
DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
14.50-16.17.10

Partidas do Terreiro do Paço (Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 25\$00
INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 26 07 30

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado nas regiões do litoral do Douro e da Beira e pouco nublado nas restantes regiões, e o vento era fraco, predominando de norte.

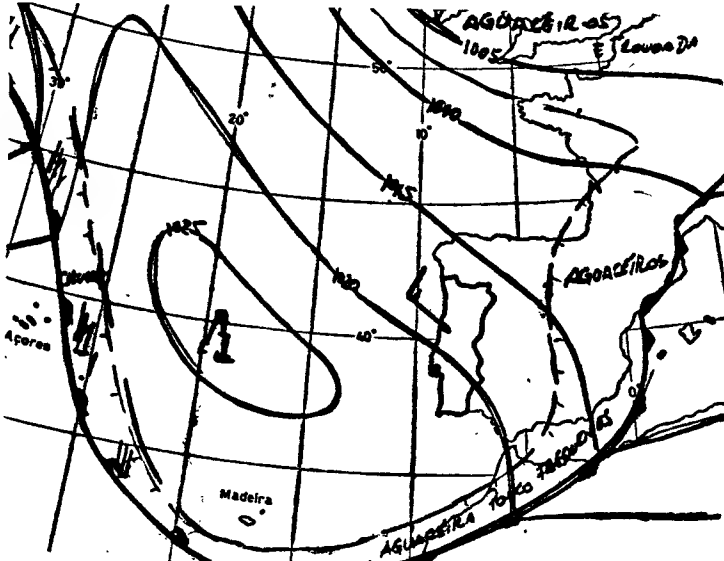
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Faria, 31,3; mínima: Montalegre, 5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 14; Faro, 22; Funchal, 22; Lisboa, 19; Portalegre, 15; Porto, 15.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, às 9 horas, 20,5; na água do mar, ao meio-dia, 18,6.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 24,7; mínima, 16,2. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 31,5; mínima, 18.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

- A — Anticiclone (alta pressão)
- B — Depressão (baixas pressões)
- Isóbaras (limb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 30 DE AGOSTO — Um anticiclone situado entre os Açores e a Península Ibérica influenciará o estado do tempo no continente português a partir da tarde de hoje.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



AMANHÃ
Nascer às 7 e 04
Ocaso às 20 e 10

MARES

Céu pouco nublado ou limpo e vento moderado de noroeste, podendo soprar em regime de nortada moderada, durante a tarde e a noite.

PREIA-MAR: Dia 30 — As 3 e 54 (3,7 m); 16 e 08 (4 m). Dia 31 — As 4 e 30 (3,8 m); 16 e 40 (4,1 m). Dia 1 — As 4 e 58 (3,8 m); 17 e 16 (4,1 m).
BAIXA-MAR: Dia 30 — As 9 e 21 (1,2 m); 21 e 51 (1,1 m). Dia 31 — As 10 (1,1 m); 22 e 23 (1,1 m). Dia 1 — As 10 e 31 (1,1 m); 22 e 57 (1 m).

FASES DA LUA

Amanhã Dia 8 Dia 14 Dia 21

BEBA

Pinga Real
vinho puro sem rival

VIÚVA DE ANTÓNIO LUÍS DA SILVA, LDA.
Rua da Cascalheira, 7 — Telef. 63 82 61 — LISBOA

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria dos Remédios Letra
RÉGUA, 30. — Faleceu a sr.^a D. Maria dos Remédios Letra, a esposa mais idosa deste concelho, pois no dia 7 do próximo mês completaria 102 anos. A anciã conservou sempre uma lucidez admirável, bem como uma actividade extraordinária nos trabalhos domésticos.

António Pais de Faria

SABUGOSA, 30 — Causou grande consternação o falecimento, às 4 da

Não está ainda identificado o homem que em Monforte apareceu com amnésia

MONFORTE, 30. — Aguarda-se, nesta vila, a chegada de um indivíduo que se apresentou na G. N. R. de Gouveia, para identificar o homem atacado de amnésia que se encontra aqui detido.

Supõe-se que seja seu filho, pois o nome de Maria Teresa B. Salvador é o de uma sua neta.

O detido, ao contrário do que foi noticiado, não trazia consigo qualquer quantia em dinheiro, e quando saiu do Porto apenas tinha pouco mais de cem escudos. Na viagem, em que percorreu 523 quilómetros só fez de boleia meia centena

VINHO A MAIS EM OLIVEIRA DO BAIRRO

OLIVEIRA DO BAIRRO, 30 — As vindimas estão à porta nesta região. As últimas chuvas vieram aproximá-las ainda mais e, embora a colheita seja menor do que as dos anos transactos, muitos produtores não têm onde pôr o vinho novo, pois as suas adegas ainda estão cheias com a última colheita. Como solucionar o problema, se a J. N. V. não lhes acode?

A direcção do Grémio da Lavoura deste concelho enviou, na semana passada, ao sr. ministro da Economia um telegrama, expondo-lhe a gravidade da situação. Espera-se sejam tomadas rápidas providências no sentido de evitar que esses vinicultores sejam forçados a entregar o fruto do seu trabalho ao desbarato, pois o vinho continua com pouca procura por parte dos comerciantes.

As actividades educativas nas províncias ultramarinas

Prosseguiram, hoje, no edifício do Ministério do Ultramar, os trabalhos do Conselho Coordenador das Actividades Culturais e Educativas das Províncias Ultramarinas, convocados para se pronunciarem sobre temas das suas atribuições, designadamente no que respeita ao ensino intensificado da língua portuguesa nos estabelecimentos de ensino e fora deles, a pareceres sobre livros apresentados para o ensino, a articulação das actividades das organizações da M. P. ao intercâmbio cultural e estudantil, à coordenação e impulso de programas-pilotos de desenvolvimento comunitário, à estrutura e regulamentação das escolas de artes e ofícios e a centros de formação profissional acelerada junto das escolas técnicas e de artes e ofícios e das empresas.

Durante a manhã, os relatores da reunião tiveram reuniões parciais com outros elementos do Conselho, com vista à elaboração dos relatórios de que foram incumbidos, os quais servirão de base para as conclusões a apresentar no final dos trabalhos. Também as comissões apreciadoras dos livros propostos começaram os seus trabalhos, no sentido de se pronunciarem sobre os projectos apresentados, com vista à escolha dos livros dos vários graus de ensino. Essas comissões têm a seguinte constituição: Ensino Primário — presidente, inspector Almeida Abrantes (Angola), e vogais, director escolar Vi-

matruga de hoje, do sr. António Pais de Faria, de 64 anos, industrial e proprietário em Angola, casado com a sr.^a D. Etelvina de Jesus Faria e que era grande benemérito desta região. O funeral realizou-se amanhã, às 10.30 horas, para o cemitério local.

FUNERAIS

Emídio Augusto Pinto Simões Pimentel de Figueiredo

LEIRIA, 30 — Da sua residência na Rua Mestre de Avis, 31, para o cemitério desta cidade, efectuou-se esta manhã, com grande acompanhamento, o funeral do sr. professor Emídio Augusto Pinto Simões Pimentel de Figueiredo, de 66 anos, natural de Moçamedes e há muitos anos a residir nesta cidade onde exercia o professorado na Escola Industrial e Comercial de Leiria, tendo sido também durante alguns anos professor contratado do então Liceu Francisco Rodrigues Lobo, nesta cidade.

O extinto, que era muito considerado pelo seu fino trato, foi uma figura de relevo e esteve frequentemente ligado a várias actividades artísticas e mundanas locais, exercendo também o cargo de delegado distrital adjunto da Mocidade Portuguesa.

Deixa viúva a sr.^a D. Albertina Rodrigues Varella Pimentel Figueiredo e era pai do sr. Emídio Au-

gusto Varella de Figueiredo, tenente de Cavalaria da G. N. R. em Lisboa, casado com a sr.^a D. Maria Rosalina Pimentel Figueiredo, e das sr.^{as} D. Maria Rosa Pimentel Figueiredo Varella Teixeira Nunes, casada com o sr. José Teixeira Mendes, agente técnico de engenharia em Moçambique; D. Maria Rosalina Pimentel Figueiredo Varella Valadas Calado, casada com o sr. Fernando Valadas Calado, tenente dos Serviços Especiais da Aviação, e D. Maria do Céu Pimentel Figueiredo Varella Azevedo Monteiro, casada com o eng.^o António Manuel Azevedo Monteiro.

SUFRÁGIOS

D. Bárbara Maria de Oliveira Lopes

Celebra-se amanhã, às 9 e 15, na capelinha da Rua Morais Soares, a Praça Paiva Couceiro, missa do 30.^o dia sufragando a alma de D. Bárbara Maria de Oliveira Lopes.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 73 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 2772 - 28 00 27

AS ALTERAÇÕES AO CÓDIGO DA ESTRADA

(Continuação da página central)

transitar o mais próximo possível das bermas ou passeios, mesmo nos casos em que, no mesmo sentido, sejam possíveis duas ou mais filas de trânsito, não podendo em caso algum seguir a par. Proíbem-se os condutores de transportar objectos capazes de prejudicar a condução ou constituir perigo ou incómodo para os outros utentes e, também, de se fazerem rebocar ou de rebocar qualquer veículo com excepção dum carro destinado a transporte de carga. São ainda obrigados a utilizar uma luz branca ou amarela à frente e de, à retaguarda, terem uma luz vermelha. Devem ser providos de um reflector também pintado de branco numa extensão de 25 cm a contar do extremo inferior.

E' de salientar o facto de os velocípedes só poderem transportar o respectivo condutor. A partir de 1 de Setembro não será permitido, como até agora, o transporte de uma criança até 5 anos de idade, pois re-

graceceu-se perigoso tal uso. Esta regra não se aplica aos velocípedes com mais de um par de pedais, cuja lotação é expressa pelo numero dos mesmos, desde que sejam capazes de accionar o veículo.

E, quanto às normas próprias dos velocípedes com motor auxiliar, é de frisar que dentro das localidades é proibido aos condutores imprimir ao motor acelerações excessivas ou repetidas, especialmente no arranque ou em ponto morto. Os motores dos velocípedes deverão oferecer as necessárias garantias de segurança e do seu funcionamento não deve resultar perigo ou incómodo para as pessoas, nem danos nos pavimentos, especialmente pela produção de fumo ou vapores e pelo derramamento ou perda de qualquer substância. Deverão ser providos, igualmente, de um dispositivo destinado a tornar silencioso o escape.

Além destas prescrições, chama-se a atenção, ainda, para o facto de deverem ter colocada, em local bem visível, uma chapa com o seu numero de matrícula. Essa placa de identificação será de fundo amarelo e de medidas diferentes das prescritas nas normas anteriormente vigentes.

Recorda-se que se a velocidade for superior a 60 km/h — a permitida é de 40 — prescreve-se a apreensão do velocípede.

Condições para a obtenção da licença de condução

As licenças de condução são concedidas após aprovação num exame constituído por uma prova prática de condução e por um interrogatório sobre regras e sinais de trânsito e normas que condicionam a admissão dos velocípedes ao trânsito nas vias públicas, sendo fixada em 12 e 16 anos a idade mínima para a condução deste tipo de veículos.

A lei contempla, também, o caso dos indivíduos domiciliados no estrangeiro que pretendam conduzir velocípedes no nosso País, determinando que usem a licença exigida nas respectivas terras. Se ali não for necessária qualquer licença, ser-lhes-á passado um documento que os habilite à condução.

Criou-se, assim, um regime constituído por uma fase inicial, em que os veículos que devam classificar-se como ciclomotores ficam sujeitos às normas próprias dos velocípedes, e por um período de transição, que se seguirá a essa primeira fase, e durante o qual esses veículos devem ser matriculados como ciclomotores.

Ao aumentar-se o limite de idade mínima para a condução de veículos desta natureza instituiu-se um quadro de transição. Assim, para motociclos a idade mínima é de 16 anos durante o ano de 1966 e 17 anos durante o ano de 1967; para ciclomotores, respectivamente, 14 e 15 anos para os anos de 1966 e 1967; e, finalmente, para velocípedes com motor, 14 anos para 1966 e 1967, e 15 anos em 1968.

A TÉCNICA E A HUMANIDADE

É hoje um facto inofensível que a ciência e a técnica marcam a vida humana para grande parte da Humanidade. Para esses homens é parte integrante do quotidiano o usufruto das conquistas da ciência e da técnica. Mas, com frequência, soam gritos sobre os «perigos da ciência» provenientes de «conhecimentos perigosos». É esta uma questão, não poucas vezes levantada, que importa examinar criticamente.

Mesmo um exame superficial mostrará a distorção latente em tais juízos. A ciência é o estudo das leis por que se regem os fenómenos, é a pesquisa da verdade fenomenológica. Pode a verdade ser perigosa? A técnica é a adaptação do conhecimento científico à solução dos problemas práticos

O COMPORTAMENTO DOS GATOS E RATOS

• Reacção a diferentes compostos injectados no cérebro

Verificou-se que podia ser desencadeado um determinado comportamento estimulando directamente o cérebro por meio de substâncias que, ou aí aparecem normalmente, ou são semelhantes, mas preparadas artificialmente (sintetizadas). A reacção dependia tanto do local onde era injectada como do tipo de substância empregada. Assim, o cérebro do gato não reage como o do rato quando é injectada a acetilcolina em regiões anatómicamente comparáveis; enquanto nos ratos é estimulada a sede, nos gatos provoca um acesso de fúria, ou medo, ou, ainda, um estado de dormência. Hernandez-Peón (no México) verificou que o sono podia ser induzido utilizando acetilcolina ou carbacol, enquanto que o estado de alerta o era por meio de noradrenalina. Viu, ainda, que existiam zonas, como a área preoptica, que eram sensíveis aos dois tipos de substâncias, dando um estado de alerta quando aplicada a noradrenalina e provocando o sono quando injectada a acetilcolina. Outra zona que dava reacção semelhante era a substância cinzenta da espinal medula, à altura da 8.ª vértebra do pescoço.

Noutra série de experiências foram observadas as reacções de algumas daquelas zonas do cérebro a impulsos eléctricos.

Enquanto que impulsos prolongados e lentos levavam a dormência, os curtos e rápidos conduziam a vigília. Esta série de experiências levou, ainda, a admitir a existência de um centro na parte anterior do cérebro que regularia o sono leve, e um na parte posterior, que se encarregaria do sono pesado. Hernandez-Peón, aplicando pequenas e grandes doses de acetilcolina ou carbacol naquelas duas regiões, verificou que com as pequenas quantidades obtinha um sono leve, e com as grandes um sono pesado, em qualquer das zonas. Isto leva a pensar que a profundidade do sono depende da intensidade do estímulo.

«Umschau», 1966

UM NOVO COMETA

O primeiro cometa do ano foi descoberto no dia 7 de Agosto, no Observatório de San José (Califórnia), por um jovem cientista de Harvard, Stephen Kilston que lhe deu o seu nome.

O cometa pode ser observado com telescópio, na constelação de Hércules, ao princípio da noite. A sua magnitude ultrapassa 10,6. Contrariamente a Ikeya Seki, descoberto no ano passado por um japonês, o cometa Kilston não possui «cabeleira».

e criação de novas possibilidades à vida humana. Pode a técnica ser perigosa? Neste contexto programático genérico evidentemente que não. Mas é exactamente aqui que é levantado o problema.

A técnica visa a progressiva melhoria das condições de vida da Humanidade. Mas essa mesma técnica pode ser desvirtuada, quando aplicada ao desenvolvimento de meios anti-humanos. Foi o conhecimento dos fenómenos nucleares, isto é, da cisão nuclear, que permitiu a construção das bombas nucleares, que desde Hiroshima pesam dramaticamente sobre a Humanidade. Mas é o conhecimento da cisão nuclear que permite a construção de reactores nucleares que são na actualidade, indubitavelmente, uma das mais sólidas aquisições humanas no campo da produção de energia.

O conhecimento do fenómeno da cisão nuclear é ciência. É a descoberta de um fenómeno físico, o conhecimento da verdade num dos aspectos do comportamento de certo tipo da matéria. A construção de reactores nucleares, e produção de energia eléctrica a partir deles, é técnica. A produção de bombas nucleares é técnica também, mas técnica usada para fins anti-humanos. Logo condenável. Não é a técnica que está em discussão, é sim o desvirtuamento contido na sua aplicação a fins anti-humanos, porque a técnica, produto, como é, da actividade humana, só deve visar o bem e o progresso da Humanidade. É, sim, a mentalidade daqueles que assim a utilizam que se torna condenável e não pode deixar de ser denunciada. O erro assa-se a homens, não ao produto da sua actividade, ao acto. Quando o homem constrói um automóvel que, por incuria de um indivíduo, atropela mortalmente outro homem, o crime é da exclusiva responsabilidade do condutor, não do automóvel nem do conjunto de conhecimentos que permitiram construir o automóvel.

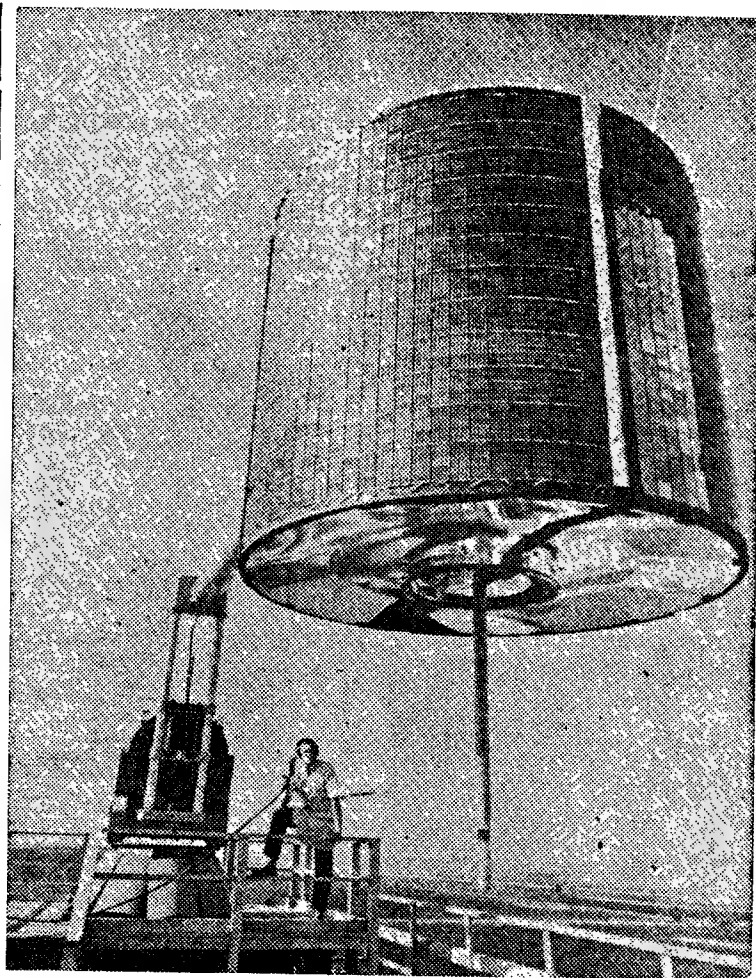
Porque então jogar com falaciosos «perigos da ciência»?

Cabe aqui apontar que o exemplo pertinente à utilização da energia nuclear é muito particular, já que dessa nova fonte energética teve a Humanidade o conhecimento primeiro por via do

holocausto de Hiroshima e Nagasaki. Criou-se, inevitavelmente, uma auréola de pavor em torno da energia nuclear. Mas, e nunca será demasiado salientá-lo, o trabalho inicial da equipa de E. Fermi, precursora incontestável do estudo e aplicação da reacção de cisão nuclear em cadeia (base física da produção de energia nuclear), foi o estudo do *contrôle* da reacção em cadeia. Toda a capacidade e todos os conhecimentos desse punhado de cientistas insignes visaram, a partir do conhecimento do fenómeno físico, a sua concretização num dispositivo prático, ou seja, a criação de um primeiro modelo de reactor nuclear. Pois bem, as bombas nucleares filiam-se num campo inteiramente distinto, ou seja, a concretização da reacção em cadeia *incontrolável*, uma linha divergente daquela investigação de Fermi, e cronologicamente posterior. São unicamente as vicissitudes da política de guerra que explicam terem, em curto lapso, sido desviados os esforços para o desenvolvimento da aplicação militar, em detrimento do estudo da aplicação pacífica.

Não há, pois, perigos intrínsecos à ciência e à técnica. Há sim uma mentalidade que importa sanar para que não mais sejam possíveis desvirtuamentos como os até aqui praticados. A ciência e a técnica são o caminho do progresso da Humanidade e como tal têm de ser defendidas.

MACHADO JORGE



O satélite de telecomunicações «Early Bird»

Satélites artificiais: sua utilização

No estado actual da Ciência, bastariam três satélites, colocados numa órbita circular e convenientemente espaçados, para assegurar não só a transmissão dos programas radiofónicos e televisivos como todo o tráfego telefónico, telegráfico e telex do nosso planeta. A rentabilidade do sistema é indiscutível. Indiscutíveis as suas vantagens: rápida informação, contactos permanentes, a educação de massas pelo ensino audiovisual.

Mas o interesse dos Estados construtores pelos satélites de teleco-

municações não se confina a estas perspectivas. Os satélites de telecomunicações são, em todos os sentidos, uma prodigiosa arma política: dentro de alguns meses, os satélites terão a energia suficiente para dispensarem o sistema de amplificação instalado na Terra, actualmente ainda necessário para captar os fracos sinais emitidos pelos satélites. Então, os Estados poderão exercer um rigoroso «controle» sobre as emissões que chegam aos seus territórios; atendendo à existência de certas emissões «misteriosas», há Estados francamente interessados neste aspecto. Por outro lado, os satélites de telecomunicações exercem já hoje um importante serviço de espionagem. Alguns, por exemplo, asseguram, ao abrigo de ouvidos indiscretos, as comunicações entre Wasington e os seus delegados no Vietnam; outros estão equipados para, com a maior precisão, detectarem qualquer explosão nuclear; outros, ainda, captam conversas telefónicas ou radiofónicas; a Marinha americana dispõe de alguns que assinalam e prescrevem a navegação de submarinos em qualquer ponto do Globo, ou de qualquer navio ou avião, com uma precisão da ordem do meio quilómetro; outros podem fotografar, com pormenor, um foguetão e a respectiva base de lançamento, como podem avaliar a produção de uma central atómica, através do cálculo da quantidade de radiações emitidas.

Com tantas aplicações, não admira que os satélites ainda não tenham sido utilizados exclusivamente com fins pacíficos, num sentido verdadeiramente construtivo.

Mas, a par do problema propriamente político, e da actual militarização dos satélites, um outro se levanta. Num compreensível desejo de iniciativa, logo em 1962, os Estados Unidos empreenderam esforços para criar um sistema comercial de comunicação por satélites: a «Sociedade dos Satélites de Comunicação (C. O. M. S. A. T.)», encarregada do conjunto dos problemas da exploração comercial. As negociações neste sentido levaram à conclusão de duas convenções, em 1964, uma sobre a organização e estrutura do sistema de comunicação, outra sobre as questões concretas de carácter comercial, financeiro e técnico que a exploração

do sistema pressupõe. Assinaram-nas os E. U. A., o Japão, a Austrália, o Canadá e os países da Europa Ocidental (com excepção de Portugal e da Austrália, e incluindo o Vaticano).

Particularidade curiosa, os E. U. A. subscrevem 61% do capital da C. O. M. S. A. T.; com o direito de voto correspondente, têm, assim, assegurados os seus «interesses nacionais».

A Declaração das Nações Unidas aprovada por unanimidade na 18.ª sessão da Assembleia Geral (1963), assentava, fundamentalmente, em que a utilização do cosmos deve ser feita «para bem e no interesse de toda a Humanidade». Por isso, alguns Estados se opuseram às duas convenções referidas, por entenderem que as suas disposições vão contra os princípios estabelecidos na Declaração de 1963. Logo em 1964, duas propostas, uma checa, outra soviética, à Comissão das Nações Unidas para o Cosmos, foram rejeitadas pelos E. U. A. Pretendiam aqueles países que no quadro da Declaração das Nações Unidas se elaborasse uma convenção relativa aos princípios jurídicos que deveriam definir as obrigações dos Estados nas suas actividades espaciais, e que verdadeiramente fosse criado um sistema de comunicação internacional, com participação igualitária de todos os Estados. E notavam que, entregues a uma sociedade privada que só procuraria lucros para o capital investido, os satélites não cumpriram a sua missão educacional — fundamental, mas pouco rendosa para uma sociedade como a C. O. M. S. A. T. Acresce que as condições da C. O. M. S. A. T. são inaceitáveis pelo Terceiro Mundo.

Os problemas levantados são, pois, problemas de colaboração entre Estados, garantias internacionais que assegurem uma utilização do sistema adoptado, por todos os países sem discriminação, etc. As soluções propostas não convinham, porém, aos E. U. A., por isso as rejeitaram.

Certamente, os satélites de telecomunicações acabarão por ser dedicados integralmente ao desenvolvimento da ciência e ao progresso da civilização na Paz. Entretanto, disfarçados de «pássaros da alvorada» («Early Birds»). Titans, etc., andam espíes no Cosmos...

Uma ilha artificial

A National Science Foundation acaba de assinar contratos com três sociedades (a Electric Boat Division da General Dynamics, a M. Rosenblatt and Son Inc. e o Westinghouse Defense and Space Center) para o estudo de uma plataforma flutuante, a deriva no Ártico. Esta ilha de um género ainda inédito, deverá poder abrigar quarenta e cinco pessoas: equipagem de manobra e de manutenção, bem como pessoal científico. O objectivo deste projecto de plataforma é dispor de uma estação de estudos das regiões árticas que não tenha os inconvenientes das bases estabelecidas sobre o gelo.

Nansen foi o primeiro que voluntariamente se deixou andar à deriva com os gelos, a bordo do seu navio, o *Fram*, especialmente concebido para resistir à influência do gelo.

De Setembro de 1893 a Junho de 1896, o *Fram* foi assim arrastado desde o norte do mar de Kara até ao largo do Spitzberg. Aproveitaram-se estes meses de viagem lenta, tendo sido efectuadas observações científicas sistemáticas, com muita regularidade, em diversos domínios (meteorologia, topografia dos fundos submarinos, biologia, fisiologia humana, ...).

Mais recentemente foram instaladas estações directamente sobre os gelos costeiros pelos soviéticos e pelos americanos. A primeira foi estabelecida no Pólo Norte sob a direcção do russo Papanine em Maio de 1937; deslocou-se durante duzentos e setenta e quatro dias até às proximidades da Gronelândia. Porém, só em 1946 foram des-

cobertas (ou antes, identificadas, já que parece terem sido assinaladas pelos exploradores polares no séc. XIX) as ilhas de gelo, enormes extensões tabulares que se deslizam da plataforma costeira.

A sua superfície relativamente plana torna mais fáceis a instalação de uma estação e a aterragem dos aviões; quer americanos quer soviéticos aí estabeleceram várias bases a partir de 1950. Apesar das suas enormes dimensões — a primeira ilha assinalada, T-1, media mais de 500 km2 e a terceira, T-3, 780 km2 — e da sua espessura (cerca de 50 m) estas ilhas são frágeis: fraccionam-se, quebram, devendo então ser evacuadas com toda a urgência, em condições muitas vezes difíceis. Por isso o seu equipamento e aparelhos devem ser suficientemente leves para serem transportados à mão em caso de necessidade. Além disso, estas ilhas de gelo têm um inconveniente suplementar para os trabalhos científicos: a sua massa é origem de perturbações locais que falseiam as medições precisas necessárias aos estudos de meteorologia e de troca de energia entre a plataforma e a atmosfera.

A plataforma artificial recentemente projectada deverá poder resistir às enormes pressões dos gelos (Nansen tinha resolvido o problema, dotando o *Fram* de um casco arredondado, graças ao qual a plataforma, ao congelar, levantara o navio em vez de o esmagar).

Será também preciso prever um sistema capaz de fazer fundir o

(Continua na 17.ª página)

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Agosto de 1936 publicava:

«BUCARESTE, 30 — O afastamento de Titulesco é julgado com severidade pela oposição nacional camponesa. Todos os jornais desta facção põem em destaque o papel desempenhado por aquele político na cena internacional, e o «Dimineata» escreve que Titulesco simbolizava a política de colaboração com a Sociedade das Nações, com a França e com a «Pequena Entente». Outros jornais afirmam que ninguém esperava o que se passou».

ANEDOTAS

■ Uma turista francesa faz uma careta ao provar um delicioso pastel de bacalhau na Rua do Ferregial de Baixo. A cozinheira do restaurante interpela-a com desconfiança:

— A «madame» não está habituada á cozinha com óleo?
— Com óleo? — espanta-se a francesa. — Em Paris nós cozinhamos com gás!



● Um cavalheiro entra numa mercearia e compra um chouriço,

que ostenta o letrero: «100 % carne de porco». No dia seguinte, volta á loja e diz ao empregado:

— Mande analisar o chouriço que você me vendeu, e provou-se que não tem carne de porco alguma...

— E então? — replica o outro.
— Nos biscoitos para cães, há carne de cão?



● Atormentado pelas dores de dentes, o Silva queixa-se a um amigo. Este, para o consolar, diz-lhe:

— Quando isso me sucede, vou para casa, a minha mulher beijame e, geralmente, a dor passa-me.

— Não custa nada experimentar... — afirma o doente. — A propósito, a tua mulher estará em casa agora?



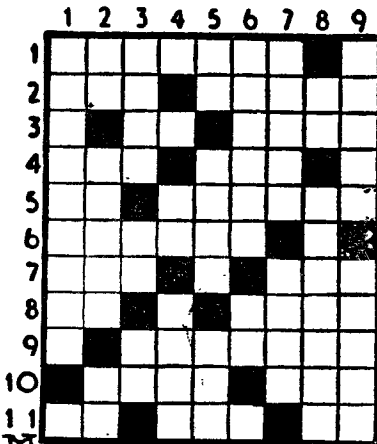
EFEMÉRIDES Agosto

- 1750 — Dia 30 — Morre Mar-graff, inventor do açúcar de beterraba.
- 1914 — Ataque aéreo a Paris, desencadeado pelos alemães na primeira guerra mundial.

Ra. 5 — Arearom. 6 — Ali. Rim. 7 — Assomar. 8 — Os. Amola. 9 — Renega. Al. 10 — Tiara. Aca. 11 — Ossa. Abar.

VERTICAIS: 1 — Atola. Porto. 2 — Repara. Seis. 3 — Nu. Sela. Nas. 4 — Igais. Era. 5 — Amar. Saga. 6 — Elo. Aroma. 7 — Mar. Mimo. Ab. 8 — Apar. Malaca. 9 — Salão. Ralar.

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4209

HORIZONTAIS: 1 — Atolar. 2 — Moléstia. Desconto. 3 — Preposição. Cá. 4 — Rio de Três-os-Montes, afluente do Douro. Não cozinhado. 5 — Artigo (pl.). Flagele. 6 — Apoiada. 7 — Partida. Prenda. 8 — Preposição e artigo. Agravado. 9 — Acade. 10 — Parva. Eia! 11 — Conceda. Além. Atmosfera.

VERTICAIS: 1 — Que insinuam amor. 2 — Bosta! Em segunda mão. Medida inglesa equivalente a cerca de 30 cm. 3 — Artigo medida linear, o mesmo que a vora (1,10 m.). Nota de música. A si. 4 — Imperfeita. Covil. 5 — Aqui. Por unidade. Óxido de cálcio. 6 — Abrange. Poeira. 7 — Espinha dorsal. Serra do distrito de Santarém. 8 — Pronome pessoal. Regressa. 9 — Longue. Limpar metais.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4208

HORIZONTAIS: 1 — Car. Psia. 2 — Al. QUEM 3 — Poluir. Cá. 4 — Trair. Mim. 5 — Ut. NADA. 6 — Dofem. 7 — Ocasional. 8 — Amola. 9 — Mudar. TEM. 10 — Ag. NADA. 11 — Sério. Sós.

VERTICAIS: 1 — Captado. Mês. 2 — Alor. Ocou. E. 3 — Lauta. Dar. 4 — Quit. Agi. 5 — Puir. Miar. 6 — Ser. Om. 7 — im. Marmotas. 8 — Cid. Oleado. 9 — Afamar. Amas.

(Provérbio: QUEM NADA TEM, NADA É)

(NOVA MODALIDADE)

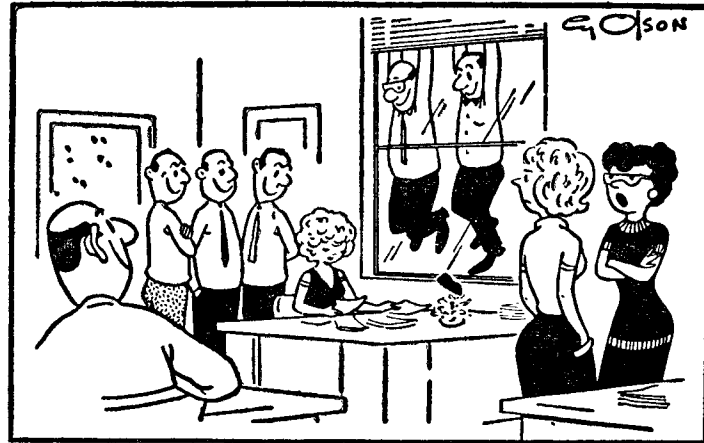
PROBLEMA N.º 8054

HORIZONTAIS: 1 — Antiga capital do reino de Israel. 2 — Remediar. 3 — Antes de Cristo. Sinal gráfico. Símbolo químico do frânco. 4 — Creme. Estrada magnética que ia de Roma a Brindes. 5 — Doutora. Seguiam. 6 — Fundear. 7 — Animal da classe dos aracnídeos. 8 — O mais. Pronome pessoal. Símbolo químico do érbio. 9 — Cova natural e pouco funda com água. Parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele. 10 — Que dura um ano. 11 — Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Raspa.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Bélgica. Império insular da Ásia Oriental. 2 — Rosto. O lado do vento. 3 — Artigo definido. Bofetada. Cabelos brancos. 4 — Assassina. Mar. 50 — Agência telegráfica de Imprensa. Rio da Rússia. 6 — Amofina. Devorar. 7 — Caminhar. Nome dum jogo. Olé. 8 — Vender a crédito. Artigo definido (ant.). 9 — Estavam. Antiga cidade da Polónia, hoje arrabalde de Varsóvia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8053

HORIZONTAIS: 1 — Arno. Emas. 2 — Teu. Alapa. 3 — Op. Imoral. 4 — Lasca.



— Não só distrai o pessoal masculino do escritório, como até o pessoal cá de cima...

CURIOSIDADES

● O sanatório para bebedores

Em Lippereiche, cerca de Bielefeld, foi inaugurado o maior e mais moderno sanatório da assistência pública, com uma capacidade para 120 pessoas.

A clínica especial dispõe de aparelhagem da mais moderna, que permite o diagnóstico e tratamento exacto dos males do fígado, característicos dos bebedores. Os enfermos submetem-se voluntariamente, a uma cura de abstinência durante seis meses.

● Três séculos no fundo do mar

O famoso navio de guerra sueco «Wasas», do século XVII, afundado no porto de Estocolmo quando partia para a sua primeira viagem, foi trazido para a superfície numa das maiores operações de salvamento marítimo já realizadas em todo o Mundo.

Os salvados, que incluem as mais ricas peças históricas e arqueológicas, incluindo toda a carcaça do barco, que esteve submersa durante trezentos anos, transformaram-se numa das maiores atracções turísticas da capital sueca. Foram reunidos num museu inteiramente construído para tal fim e farão parte de exposições no Japão, nos Estados Unidos, na França, na

Bélgica, na Holanda e, também, nos países escandinavos.

● Ferramentas para canhotos

Há em Inglaterra uma fábrica, pertencente á firma Left-hand, Limited (Mão Esquerda, Lda.), que produz ferramentas próprias para os canhotos.

É uma industria florescente, pois a sua produção espalha-se não só por todo o mercado britânico, mas por todos os países do Mundo.

● Quem escreve mais cartas

São os Alemães quem mais cartas escreve em todo o Mundo.

No movimento de correspondência (9,7 milhões de remessas), a Alemanha Ocidental figura em terceiro lugar entre os diversos países com mais intenso serviço de correios.

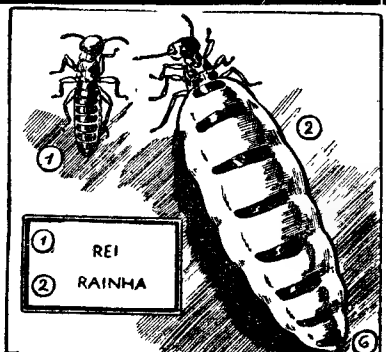
● Os formigueiros humanos

As estatísticas demográficas, á base do último recenseamento, revelam que a Itália tinha 53 milhões de habitantes em Janeiro findo. O aumento da população em 1965 foi de 517 mil correspondendo a cerca de um por cento e ao acréscimo de um habitante por minuto.

Se este ritmo se mantiver, no fim do século a população da Itália será de 75 milhões de habitantes.

FACTOS REAIS

AS TÉRMITES



5 — A térmita foi descoberta há duzentos anos, apenas, através de uma descrição do explorador inglês Henry Smeathman, publicada depois de este voltar de África, onde estudou, de maneira extremamente cuidadosa, o insecto em causa. Smeathman abriu caminho a outros pesquisadores, que, por sua vez, se debruçaram sobre os curiosos seres. Aperceberam-se que estes viviam não sómente em África, mas também na Europa, América do Norte e Japão, repartidos por mil e duzentas espécies diferentes.

6 — As térmitas têm uma rainha, que possui aposentos próprios na termiteira. Reina como grande senhora, enquanto o rei desempenha um papel subalterno,

e é extraordinariamente gorda. O seu quarto tem colunas de sustentação, cercadas por células muito vastas, que servem de abrigo a larvas e ninfas durante o período de desenvolvimento. Perto desse local encontram-se as caves de reabastecimento, com os víveres, constituídos na sua maior parte por madeira e ervas cortadas. Depois do rei e da rainha, vêm, por ordem de importância, as térmitas-operárias, que são as mais numerosas na termiteira e têm como principal tarefa prover ao reabastecimento e, também, ao conforto das outras formigas-brancas.

7 — As operárias possuem antenas maleáveis, que desempenham o papel de aparelhos de sonda e de medida. E as suas peças bocais

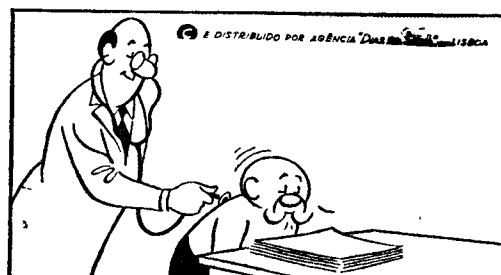
servem de tesouras, prensas, brocas, escovas e pincéis. As mandíbulas permitem-lhes, na verdade, levar a bom termo um elevado numero de tarefas, tornando-as sapedores, pedreiros, etc. Embora consumam, sobretudo, madeira, não deixam de explorar o húmus. Quando resolvem construir galerias, fazem-nas suficientemente espaciais para dar passagem a duas filas de formigas-brancas, o que permite utilizar os corredores nos dois sentidos.

8 — As habitações destes animais chegam a ter quatro metros de altura. O cone principal é cercado de outros, mais pequenos — uma espécie de torres á volta de uma fortaleza. A muralha da termiteira tem cinquenta centímetros

de espessura. Esta construção não é feita de uma só vez, mas, sim, lentamente. A medida que a população cresce — obra devida unicamente aos soberanos — torna-se necessário aumentá-la. Quando se impõem obras de ampliação, as operárias começam por demolir cada um dos pedaços que compõem o ninho e, depois, reconstruem-no em proporções mais avantajadas. A medida que a rainha se torna mais corpulenta, há que alargar as câmaras. Ignora-se como as outras formigas-brancas conseguem transportar a soberana, que, obesa, é incapaz de fazer qualquer movimento sózinha.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



RÁPIDAS IMPRESSÕES DE VIAGEM... Paris!... O meu eterno amor!... por GRACIETTE BRANCO

Quando a grande nave aérea se libertou do solo, navegando no espaço, ainda o céu de Portugal era uma cúpula de ouro e azul, da qual nos aproximávamos, num voo magnífico, numa ascensão sublime, quase irreal... Já tudo, lá em baixo, era brinquedo de crianças, casinhas de tectos rubros, «maquetes» de futuras construções...

Subitamente, porém, — após uma distração de segundos, em conversa agradável — vimos que o «Boeing» vogava sobre um mar de nuvens, fofas, macias, como grandes montões de puro algodão em rama... Elevando o olhar, topamos com um Sol dourado, límpido, como se um segundo céu nos estivesse mostrando o seu milagre de luz, as suas reverberações faiscantes, mais puro do que o Sol habitual que costuma iluminar-nos «lá em baixo»...

Entrávamos no mistério que as nuvens nos escondem, numa clareza olímpica, sentindo que a própria alma se evadía do contacto da Terra, para viver em êxtase, um deslumbramento, talvez uma sensação de renascimento espiritual...

Algo de imponderável nos subjugava, isolando as nossas impressões num egoísmo individual de êxtase, fechando-nos no nosso próprio encantamento, e quando o avião ganhou altura, toda a vida terrena se afastava, naquela barreira de nuvens, naquela ascensão de estranha independência, que nos tornava senhores, donos absolutos de um mundo novo, de um Céu só nosso, de um Sol encontrado em atmosferas novas...

Depois, surgiu um espectáculo irreal e inesquecível. Os fortes raios solares, incidindo em algumas nuvens impregnadas de água, produziram vagos mas múltiplos arcos-íris, de uma beleza espantosa!

Houve instantes em que — abs-traídos no «êlan» do êxtase — sentíamos francamente que a vida era bela, que o mundo era maravilhoso, libertado de preocupações, longe das correntes que nos amarram aos constantes e quotidianos afazeres...

Já perto de Orly, o «Boeing» começou cortando as nuvens e, subitamente, foi aparecendo o território francês, pois toda a bela Espanha nos foi vedada pelo tapete de nuvens...

Aproximávamo-nos, agora, descendo suavemente, do belo aeroporto de Orly e víamos — bem destacadas e coloridas — as pequenas aldeias e vilas, com seus telhados rubros e adoráveis jardins miniatu-
ras...

A aterragem foi magnífica e Orly — com as suas grandiosas instalações, as suas salas multiplas, os seus «bureaux» inacabáveis e estupendos —, constituiu um autêntico espectáculo, que não se percorre e admira em poucas horas...

Em Paris — no fascinante Paris — caía uma chuva miudinha, saltitante, doce e suave, que nem conseguia molhar...

Das amplas janelas do nosso hotel do Boulevard des Italiens, saboreávamos a graça sempre nova de Paris, cujos tentáculos são mãos amorosas e meigas, que nos enleiam, nos prendem, nos abraçam, nos envolvem, num amor sempre cheio de mistério, numa paixão que nos penetra a alma, enlouquecendo-nos de êxtase...

Os dias passados em Paris são sempre extraordinariamente belos, sobretudo para quem sabe «sentir» Paris com olhos de artista e para quem se reencontra em cada recanto, em cada Praça, em cada monumento, em cada museu, em cada igreja. É como se tivéssemos deixado, sempre lá, a nossa alma e a encontrássemos bem abraçada à cidade...

Não somos, no entanto, só nós que nos damos a Paris! É ele próprio que se nos dá, que se nos entrega, completamente, em beijos e sorrisos de amorosa intimidade...

E não é percorrendo Paris, de pés a lés, entrando nas suas cate-drais, nos seus famosos museus, nas suas igrejas, nas suas variadíssimas casas de diversão, de arte e de esturdição, que fica a conhecer-se Paris... A alma de Paris anda liberta em voos de luz, palpita e existe nos mínimos factores da sua atmosfera embriagante, no estranho e secular segredo das suas patines, em qualquer coisa de muito

(Continua na 23.ª página)

MAÇÃO



**Maria da Conceição Antunes Mirrado
FALECEU**

Seus filhos José Pedro Mendes Mirrado e Maria Augusta Antunes Mirrado e sua nora Ludovina de Brito Mendes Mirrado, participam que foi Deus servido chamá-la a Sua divina presença e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 31, pelas 10 horas, para o cemitério de Mação.

MAÇÃO



**Maria da Conceição Antunes Mirrado
FALECEU**

FABRICA MIRRADO SUCS., cumprem o doloroso dever de participar às pessoas das suas relações, o falecimento da sua Associada, Ex.^{ma} Senhora Dona Maria da Conceição Antunes Mirrado e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 31, pelas 10 horas para o cemitério local.

Subsídio eventual de custo de vida para os servidores dos corpos administrativos

(Continuação da página central)

radadas desde Janeiro de 1959, isto é, relativamente a todos os que se encontram abrangidos na tabela A anexa ao Código Administrativo e no mapa do pessoal das juntas gerais dos distritos autónomos das ilhas adjacentes, aprovados, em nova redacção, pelo Decreto-Lei n.º 42 122, de 28 de Janeiro de 1959.

Nos demais casos, de ordenados ou salários fixados por deliberação dos corpos administrativos ou dos conselhos de administração dos serviços municipalizados, a intervenção tutelar do ministro do Interior, a partir de 1954, tem sido exercida no sentido de assegurar que as mencionadas remunerações não excedam os quantitativos em vigor para o pessoal das mesmas categorias e classes, ou de categorias equiparadas, dos serviços do Estado, sendo certo que nem sempre esses limites foram, sequer, atingidos, por falta de iniciativa dos órgãos de administração local autárquica, devida, certamente, a deficiência de recursos. Admitindo, porém, que, em casos excepcionais, a pressão das circunstâncias tivesse levado a consentir em remunerações que não se afastam das presentemente adoptadas nas actividades privadas similares, deixando, assim, de se justificar a concessão de subsídio eventual de custo de vida, julga-se preferível que esta não seja imposta, constituindo, antes, mera faculdade.

Mantém-se o regime do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 40 014, que garante a necessária uniformidade de critério nesta matéria.

Nestes termos:
Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º 1. É concedido, a título provisório, a partir de 1 de Setembro de 1966, a todos os servidores dos corpos administrativos abrangidos na tabela A anexa ao Código Administrativo e nos mapas do pessoal vitalício e contratado das juntas gerais dos distritos autónomos das ilhas adjacentes, aprovados, em nova redacção, pelo Decreto-Lei n.º 42 122, de 28

de Janeiro de 1959, subsídio eventual do custo de vida de percentagens iguais às fixadas no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 47 137, de 5 de Agosto de 1966.

2. Nos casos em que não se verifique coincidência com os vencimentos que actualmente correspondem aos grupos estabelecidos no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 42 046, de 23 de Dezembro de 1958, a taxa do subsídio eventual de custo de vida será a que se aplicar ao grupo com vencimento mais próximo.

3. A importância obtida com a aplicação das taxas do subsídio será arredondada para escudos, por excesso.

4. Quando não houver direito à totalidade do ordenado ou salário, a taxa do subsídio incidirá sobre o abono efectivo, com o arredondamento previsto no numero anterior.

Art.º 2.º 1. São autorizados os corpos administrativos e os conselhos de administração dos Serviços Municipalizados a conceder aos servidores dos quadros do pessoal maior dos serviços especiais e do pessoal menor, especializado e operário, não abrangidos no artigo 1.º deste diploma, subsídio

eventual de custo de vida, nos mesmos termos prescritos naquele artigo.

2. Aplica-se às deliberações dos conselhos de administração o disposto no § único do artigo 170.º do Código Administrativo.

3. A faculdade concedida por este artigo caduca trinta dias após o início da vigência do presente decreto.

Art.º 3.º O subsídio eventual de custo de vida é inalienável e impenhorável, apenas fica sujeito a incidência do imposto do selo e não se considera para quaisquer efeitos integrado no ordenado ou salário.

Art.º 4.º O Governo promoverá que as providências a adoptar com vista à reforma administrativa e à melhoria das condições económico-sociais dos servidores do Estado se tornem extensivas aos quadros e aos servidores dos corpos administrativos, bem como à eficiência dos respectivos serviços.

Art.º 5.º Ficam os corpos administrativos autorizados a aprovar no ano de 1966 orçamento suplementar, além dos permitidos pelo artigo 680.º do Código administrativo, para dar execução ao presente diploma.

FRIGORÍFICOS

DESDE
1.850\$00



**A ESCOLHA
PERTENCE-LHE
A OFERTA
É NOSSA...**

**BOSCH-FRIMATIC
FRIGECO-INDESIT
G.E.-KELVINATOR
PHILIPS-ZOPPAS
IGNIS-ETC.
GRANDES FACILIDADES
DE PAGAMENTO ATÉ
36 MESES**

QUALQUER MARCA OU MODELO QUE NOS COMPRAR PODERÁ FICAR-LHE INTEIRAMENTE

GRÁTIS MEDIANTE O NOSSO
SORTEIO MENSAL

**SENSACIONAL CAMPANHA DA
FRINEVE**

A PRONTO OU EM PRESTAÇÕES VENDEMOS SEMPRE MAIS BARATO

CONSULTE-NOS E VERÁ!...

RUA CONDE REDONDO, 62-A - TELEF. 470 12-4 8125 - LISBOA

**CONHEÇA PORTUGAL
VIAJANDO DE COMBOIO**

**Excursão ao Bom Jesus do
Monte, Braga, Guimarães,
Porto e volta**

No próximo domingo 4 de Setembro, a C.P. proporciona-lhe mais uma esplêndida oportunidade de conhecer, por pouco dinheiro, o berço da nossa nacionalidade e a Roma portuguesa.

Não guarde para amanhã o que pode fazer hoje. Telefone para 36 14 82 ou 86 77 85 e reserve nas estações do Rossio ou de Santa Apolónia, lugares para a grandiosa excursão ao BOM JESUS DO MONTE, BRAGA, GUIMARÃES, PORTO E VOLTA. Viagem em comboio automotor «FOGUETE» (1.ª classe e ar condicionado) e ainda atraente circuito por estrada com almoço no Hotel Parque, no BOM JESUS DO MONTE. Lotação limitada.

Consulte o seu jornal diário se pretender saber preços e horários de partidas e chegadas.

LEIRIA



**JÚLIA DA CONCEIÇÃO MOITA PEREIRA
FALECEU**

Joaquim Manuel Pereira, Joaquim do Espírito Santo Moita Pereira, mulher e filha, António José Moita Pereira e mulher, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, mãe, sogra e avó, confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja e que o funeral se realiza amanhã dia 31, pelas 9 horas, para o cemitério local.

AGÊNCIA NOGUEIRA & PINA

PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO CAPITAIS
PROPRIEDADES

Adm. PREDIAL

Rua Assunção, 40, 2.^o
Tel. 324058 e 367143

— VENDAS —

MORADIAS

420 c. — CAS-
CAIS, constru-
ção moderna,
c/ 5 assoalh.,
coz., 2 c. banho,
dispensa, quarto
de criada, e
marquise.

550 c. — CAR-
DAVELOS, cons-
trução recente,
c/ 8 assoalh.,
coz., 2 c. banho,
dispensa e
marquise. Quintal
e garagem.

VENDE:

ORCOSI

R. 1.^o de De-
zembro, 45. Telefones:
367444/323172.

1.400 c. —
BAIRRO DA
ENCARNAÇÃO,
construída em
1964, composta
de cave, r/chão
e 1.^o andar. 17
divisões, quintal
e garagem.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.^o de De-
zembro, 45-3.^o
Telefs.: 367444
e 323172



ANDARES

250 contos —
Lumiar, acaba-
mentos de 1.^o
em prédio de
grande volume,
c/ 3 assoalh.,
coz., c. banho
e despensa.
650 contos —
Av. Novas em
prédio de luxo,
revestido a evi-
nel, c/ 5 div.
assoalh., coz., 2
c. banho des-
pensa e roupei-
ros.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.^o de De-
zembro, 45-3.^o
Telefs.: 367444
e 323172

MORADIAS

Com 2 pisos, 6
cas. soalhadas, 2
cas. banho, dispen-
sa, cozinha e gran-
de área quintal
perto Cam. Ferro
a Mem Martins.
Vende-se. Tratar
pelos telef. 58958-
45019.



PROPRIEDADES

LOJAS ALUGA-SE

— 2 lojas, alugam-
se em conjunto
ou separadas, s/
trespasse. Rua He-
róis Quionga, n.º 6
(próx. do Chile).
Chaves no 1.^o Esq.
Trata C. do Car-
mo, 6, 2.^o Esq.
Sala B. Tel. 367878.

ABAT-JOURS

FABRICANTES

Av. António Serpa, 9-A, 9-B
(ao Campo Pequeno)

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer
marca ou modelo, no seu próprio
interesse não o faça sem ver no
LISBOA-STAND. Fac. troca e pag.
Rua Passos Manuel, 17-D-E

AUTOMO-
VEIS america-
nos e europeus
como novos e
em conta. Rua
Actor Taborda,
13-A.

TAUNUS 12-M,
66; Austin 1100,
66; Volkswagen,
65, 63 e 59; Cor-
tina G. T., 64;
Vauxhall VX
4/90; N. S. U.-
Prinz, 4, 64;
Mercedes 190, 63;
Taunus 12-M, 64,
63 e 60; B. M.
W.-700, LS., 64;
Austin 1100, 63;
Zephyr 4, 62; An-
glia (mista), 63;
D. K. W.-1000,
62; Fiat 600 D,
63; Opel Rekord,
64, 61 e 58; Kar-
mann Ghia 60;
Renault Floride,
60; Opel Kapitän,
60.
Fac. pag. e tro-
cas.

CRISAUTO

Lda., Av. João
Crisóstomo,
n.º 13-A

ALFA-ROMEO
Giulietta T. L.,
ult.º mod.º; Aus-
tin 850, de luxo,
1964; M. G. Mid-
get, 1963; Opel
Rekord, 1963,
1955; Isard Glas,
s. 1004; Coupé,
1963; Simca Ely-
sée, 1960; Fiat
500, 1959; Utilitá-
ria Isabella, 1961;
Fiat 600 Multi-
pla.

Fac. troca
e pag.º

MARCELO

Av. João Cri-
sóstomo 47-C

AUTOMÓVEIS
e FURGONE-
TAS de diver-
sas marcas e
modelos.

STAND CHILE
R. Actor Antó-
nio Cardoso,
11-C-D

AUTOMÓVEIS

ALUGUER

CONDUTOR

Novos, escritório L

Sta. Bárbara, 5-B

Telefone 734657

PEUGEOT 403

Diesel, 1962, ex.º

aberta; Furgoneta

Mercedes 319.L a

gasoil. Fac. troca

e pag.º. Av. João

Crisóstomo, 47-C.

AUTOMÓVEIS

Várias marcas e Modelos re-
centes e outros, revistos e c/
garantia. Facilidades até 40 me-
ses. Condições especiais para
férias.

STAND MONTE CARLO

R. Arroios, 19-A-19-B

ALUGUER:



NÚMEROS TELE-
FÓNICOS PARA
SERVIÇOS DE

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras
Av. João Crisóstomo, 89.
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B.
- 58.0330 — Jomil-Auto — Rua Ponta
Delgada, 40-A-B.
- 76.9848 — Zé Carlos — Av. Barbosa
du Bocage, 1.
- 42.890 — Taxis Universo, Lda.
Av. República, 26.
- 55.3843 — Auto-Argos
P. Olegário Mariano, 62.
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da
Fonseca, 56-L.
- 53.1919 — SILVA E TIAGO — R.
St. Bárbara, 81-L.
- 72.7654 — Auto-Monumental do
Areeiro, Lda. — Av. Padre
Manuel da Nóbrega, 10-B.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Car-
valho Araújo, 102-A.
- 53.9168 — BRUNAUTO, LDA.
53.9345 — Rua Joaquim Bonifácio,
10-A.



Automóveis de aluguer
sem condutor

Preços inferiores aos das tarifas
oficiais em vigor

CARROS NOVOS

Telefs. 580330-49612

Rpa Ponta Delgada, 40-A-B

SEJA DO SEU TEMPO!

LEIA

motor

SAI AS QUINTAS-FEIRAS

RESTAUROS

MODIFICAÇÕES

Em todos os estilos de lustres.

AV. ANTÓNIO SERPA, 9-A - 9-B

(Ao Campo Pequeno)

CONCURSO FOTOGRÁFICO

FERROVIÁRIO

Termina impreterivelmente em

31 de Agosto corrente o prazo pa-

ra a entrega das fotografias des-

tinadas ao grandioso Concurso Fo-

tográfico Ferroviário promovido

pelo «Boletim da C. P.», para co-

memorar a conclusão da electrifi-

cação da linha do Norte até Cam-

panhã e simultaneamente os 50

anos da estação do Porto (S. Ben-

to).

Lisboa, 25 de Agosto de 1966.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica

Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. —

Telf. 77 16 39. (Ao Campo Pequeno).

CAPITAIS

OFERECEM-SE:

EMPRÉSTIMO
SOBRE AUTOMÓVEIS

Máximo sigilo

No prazo de 1 hora

TELEFONE 32.84.91

TEM PRÉDIO?

TEM CARRO?

OU TEM DINHEIRO

SOLTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172

1.^o DE DEZEMBRO, 45

DINHEIRO

SOBRE PRÉDIOS

OPERAÇÕES RÁPIDAS, EM
CONDIÇÕES SEM PARALELO

Consulte o nosso Departamento de
Empréstimos Hipotecários

NORTENHA

Lisboa—Praça da Alegria, n.º 58, 2.^o

Telefs. 362228 - 366731 - 366812

FRIGORÍFICOS

5 ANOS GARANTIA

130 litros 2.450\$00

150 » 2.750\$00

175 » 3.600\$00

215 » 4.200\$00

CASA

M. L. FERREIRA

Rua de D. Estefania, 48-1.^o-E.

Telefs.: 45019-58958

EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS

FAZEM-SE SOBRE PROPRIEDADES EM LISBOA, ARRE-
DORES E PROVÍNCIA, 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80,
100, 250, 500, 1000 CONTOS E QUANTIAS SUPERIORES
E INTERMÉDIAS AO JURO DA LEI, MÁXIMO SIGILO

TRANSACÇÕES RÁPIDAS



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 22 000 000\$00

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

FUNDADA HÁ 32 ANOS

LISBOA: ROSSIO, 3, 2.^o

TELEFS. 369384/5/6



Em Férias

LEIA O

Diário de Lisboa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»

ACEITAM-SE ASSINATURAS

PARA UM MÍNIMO DE OITO DIAS

(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

ESCOLA ACADÉMICA

INTÉRNATO E EXTERNATO

Fundada em 1847

COMPLETAMENTE REMODELADA

Ensino Primário. Curso Unificado da TELESOLA equivalente ao
1.^o Ciclo dos liceus e ao segundo ano do Ciclo preparatório. Habl-
itações mínimas: exame da 4.^a classe primária. Curso liceal e
comercial (diurno e nocturno)

Largo do Conde Barão, 47 — Telef. 662430 — LISBOA

Automóveis s/condutor

Veja os n.ºs preços
e carros a entregar
ou impecáveis. Av.
João Crisóstomo, 8.
Tels. 50060-51047

FOURGON

Mercedes 319-D,

1500 kg de carga;

Peugeot 403, a

gazoil, ex.º aber-

ta, 1962; Jeep

Land-Rover, 1951.

Fac. troca e pag.º.

MARCELO

Av.º João Crisósto-

mo, 47-C.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

«MADEMOISELLE X»

por CLAUDE DUPRÉ

RESUMO — Paul Levert vai visitar a sua amiga Yvette, que alugou um quarto independente no 6.º andar do prédio onde mora a sr.ª Godieuz, a qual vive num andar mais abaixo. O quarto da rapariga está frio como gelo: fundiram-se os fustíveis. Como o quadro se encontra no apartamento da sr.ª Godieuz, Paul resolve entrar de qualquer maneira. Uma vez lá dentro, reparados que foram os fustíveis, aparece inopinadamente a sr.ª Godieuz. Aterrorizada pela presença de um desconhecido, desmaia e cai pesadamente no chão, batendo com a cabeça num móvel. Paul vai buscar um frasco de água de colónia à casa de banho. Quando volta para ao pé da velha senhora, esta não dá acôrdo de si. Está morta.



esta hora os escritórios que há no prédio estão fechados. Se a miuda gritar não há problema, ao passo que aqui seria um escândalo dos antigos... Uma última vista de olhos ao apartamento da sr.ª Godieuz. Tudo em ordem. Descem as escadas em silêncio. A porteira ainda não chegou. Daí a momentos o carro de Paul arranca. Estão salvos!

8 — Paul gula velozmente, como se fosse um automóto. Depressa, depressa, é preciso chegar a casa quanto antes! Com a velocidade com que vai nem repara numa luz vermelha. Um apito estridente chama-o á ordem. «Pára, pára!», diz Yvette. «Vem aí o sinaleiro!», A rapariguinha abriu os olhos. «Bolas, só faltava mais esta!», exclama Paul. O sinaleiro pede-lhe os documentos, que ele procura febrilmente no «tábili». Yvette tenta segurar de qualquer maneira a rapariguinha. E se ela diz qualquer coisa? Se ela grita? «Está tudo perdido», pensa Yvette.

(Continua)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



6 — Paul continua a dominar a rapariguinha, forçando-a a não emitir qualquer som. De repente abafa um grito: a desconhecida mordeu-o. O rapaz não tem outro remédio se não dar-lhe um soco. Ela revira os olhos e descai suavemente para o soalho. Por fim o visitante (quem seria?) cansou-se de esperar. Ouvem-se os seus passos pelas escadas abaixo. Paul dirige-se ao salão e coloca a rapariguinha no divã. Yvette, aturdida, seguiu-o. «Que horror, Paul! E agora?» Mas já o rapaz recuperou o sangue-frio: «Quanto á senhora Godieuz, não há nada a fazer. Por isso...» Acrescenta entre dentes: «Vamos cavar daqui. Sem perder tempo. Ninguém deve saber que entrámos clandestinamente na casa da velha. Estás tu a ver! Com os meus antecedentes havia de ser bonito! Quem acreditaria que foi um acidente?»



POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 15

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e electrocardiografia — As 5.ª feiras ás 15 h



PERFEITO EM TODA A LINHA

viva
VAUXHALL

EXPERIMENTE AS VANTAGENS DO MODELO 1966

IDEAL PARA AS SUAS FÉRIAS

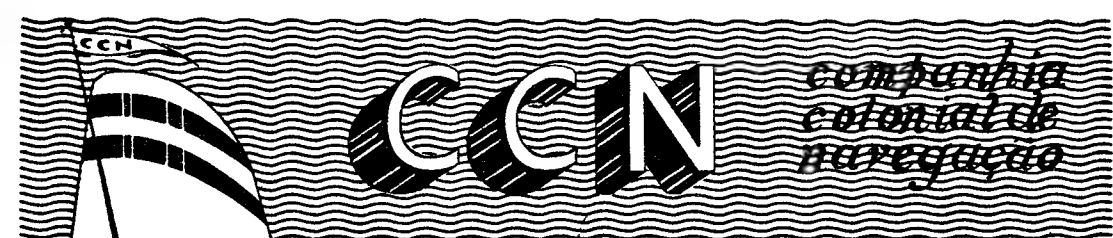
ESC. 59.832\$00 (taxas incluídas)

EM EXPOSIÇÃO NA FEIRA POPULAR



AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA Av. Duque de Loulé, 93 Tel. 538956-COIMBRA-LEIRIA



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«GANDA»

a sair em 10 de Setembro

«LOBITO»

a sair em 12 de Setembro

«LUANDA»

a sair em 20 de Setembro

«PATRIA»

a sair em 21 de Setembro ás 12 horas

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 5 a 8 de Setembro.

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 8 de Setembro.

Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 14 a 17 de Setembro.

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 15 a 17 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

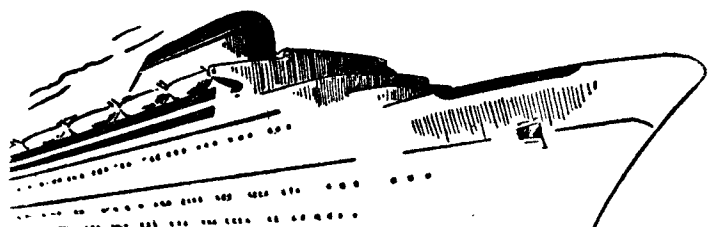
«SANTA MARIA»

a sair em 16 de Setembro e 21 de Outubro ás 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36921/8 — PORTO: Rua Infante D Henrique, 9 — Telef. 23342



«ITALIA»

SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE - GENOVA

PARA: **AMÉRICA DO SUL**

«AUGUSTUS»

17 de Setembro

Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

PARA: **MEDITERRÂNEO**

«AUGUSTUS»

3 de Setembro

Barcelona
Cannes
Génova
Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F., 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C., LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 8 84 21

Da terceira à quarta guerra mundial

Dizem os leitores...

(Continuação da 1.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

trar algo de melhor bastante mais perto e por preço mais em conta. Na realidade a guerra do Vietnam é uma batalha quente da guerra até agora fria que travam entre si os Estados Unidos e a China, da mesma forma que a guerra da Coreia era, há dezasseis anos, uma batalha quente da guerra fria russo-americana.

Se a providência e as armas nucleares impediram até esta última de acontecer, o facto é que ela manteve a humanidade à beira do abismo durante dezoito anos: desde 1945, data em que Staline tentou intimidar o Irão e a Turquia, até 1963. A assinatura, nesta última

data, do tratado de Moscovo, constituiu de certo modo um armistício, já que a U. R. S. S. preferiu assim a conclusão de um acordo com os «imperialistas» a manutenção de uma frente comum com a segunda nação socialista do mundo.

Esta guerra fria era, como as duas guerras quentes que a precederam, um conflito mundial. Adquiriu essas proporções quando os americanos acorreram em auxílio dos ingleses, então incapazes de atingirem sózinhos o objectivo que durante séculos dominara toda a sua política: impedir uma potência europeia, fosse ela a França, a Alemanha ou a U. R. S. S., de estabelecer a sua hegemonia no continente e no Próximo Oriente.

Uma dupla vitória...

Os Estados Unidos foram os principais vencedores das duas primeiras guerras mundiais. De facto, não só o seu inimigo baixou a cabeça, como a sua própria força militar, económica e financeira se desenvolveu consideravelmente, muito mais que a dos aliados. A impiedade territorial, originada pelo seu afastamento geográfico, fez dos Estados Unidos o arsenal e o banco de duas coligações anti-alemãs, o que estimulou a sua produção e canalizou até ao outro lado do Atlântico recursos imensos em divisas. Estas duas experiências tiveram ainda outro efeito, o de popularizarem entre os americanos a ideia de que eles eram os melhores e os mais capazes, e de que apresentavam todos os requisitos necessários para serem os polícias desinteressados de um mundo destinado a prolongar as imperfeições originais enquanto se não inspirasse nos seus métodos.

A terceira guerra mundial — a guerra fria — teve consequências semelhantes. O desafio da U. R. S. S. levou os americanos a colocar cargas duplas no espaço e a iniciar a corrida às armas estratégicas. A fortaleza americana tornou-se, pelo menos do exterior, inexpugnável e perfeitamente ao abrigo da chantagem nuclear. Porem, que, diga-se de passagem, pode muito bem conduzi-los um dia, caso venham a conhecer demasiadas desilusões, a um novo isolamento.

Ainda não chegámos a esse ponto. Após quase vinte anos de riva-

lidade com a U. R. S. S., os Americanos convenceram-se de que são responsáveis pela paz universal, e que em ocasiões precisas, paralisada a O. N. U. por um veto, não devem hesitar em intervir para fazer respeitar os seus interesses, que eles não têm dúvida em tornar coincidentes com o interesse geral. De uma maneira ou de outra, fizeram-no na Guatemala, em Cuba, em S. Domingos, no Congo, no Líbano, no Irão, na China e no Vietnam. E como, além do mais, grande parte do planeta não pode sobreviver sem os seus fornecimentos de géneros alimentícios e sem a sua ajuda financeira, servem-se disso para acausar as críticas.

O seu indiscutível êxito reside no facto de que, com excepção do Vietnam em 1954, quando a maça foi cortada em duas metades, todas as crises russo-americanas se saldaram pelo regresso ao statu quo ante. A maior delas, a que teve Berlim por ponto de fixação, única também em que os Russos jogaram na carta da sua superioridade militar, redundou num malogro cuja amplitude não pôde ser dissimulada pelos festejos do quinto aniversário do Muro. No decorrer da «grande semana da verdade», nas Caraíbas (Outono de 1962), os Estados Unidos forçaram a U. R. S. S. a admitir o valor do seu aparelho de dissuasão. A grande força de Kennedy foi, nessa ocasião, a de saber dominar-se na vitória, persuadindo os Russos de que também ele não tinha a intenção de tentar impor-lhes um recuo fatal ao seu prestígio.

A escolha dos russos

Walter Rostow, que dirigia então os serviços de planificação do Departamento de Estado, dizia-nos pouco depois dessa crise: «Agora os Russos têm de escolher uma de duas coisas: arruinarem-se para tentar alcançar o nosso nível de armamentos — sem a certeza antecipada de o conseguirem — ou fazerem a paz». É hoje evidente que os Russos optaram pela segunda hipótese, mediante o que ambos os campos, enquanto o problema alemão não for solucionado, continuarão a alimentar uma certa desconfiança mútua, e os seus técnicos respectivos gastarão biliões (e talentos) no estudo do antimísil, a arma-milagre que, impossibilitando por completo as represálias, asseguraria a impunidade ao agressor.

O caso do Vietnam nada tem a ver com esta terceira guerra mundial, que terminou sem recurso às armas. O conflito vietnamita provém essencialmente da determinação de Saigão e Washington em estabelecerem uma fronteira permanente no paralelo 17, tornado em 1954 como uma simples linha de demarcação enquanto se não realizavam as eleições, marcadas para um prazo máximo de dois anos. A F. L. N., naturalmente ajudada pelo Norte, tratou de empreender a reunificação com os mesmos métodos que haviam permitido ao Vietminh apoderar-se do poder em Hanói. Métodos que pouco diferem dos empregados para eliminar os Franceses da Argélia. O paradoxo da política americana está em que o governo de Washington forçou Paris a negociar com a F. L. N. argelina, ao passo que recusou negociar com a F. L. N. vietnamita enquanto era tempo. Porquê? Porque esta é comunista e aquela não.

Na época de Estaline, quando o «campo» socialista obedecia ao mínimo dos seus gestos, tal distinção poderia de facto ser válida. Hoje em dia, quando há tantas versões do comunismo quantos os partidos que dele se reclamam, e os incidentes na fronteira sino-soviética se contam por centenas,

combatem cada vez mais o povo vietnamita e o esmagam com as suas bombas, enquanto um numero crescente de vozes se ergue contra elas e um numero decrescente de países poderá estar disposto a bater-se a seu lado.

Os Americanos comparam esta guerra à crise de Berlim. «Aguentaremos o tempo que for necessário — dizem — para que a gente de Hanói e os seus aliados compreendam, como em tempos Kruchchev compreendeu, que nada poderão contra a nossa determinação». É a chamada tática do long haul, cuja paternidade deve imputar-se, salvo melhor opinião, a Foster Dulles. Se o conflito actual fosse com os Russos, haveria largas possibilidades de êxito: a dado momento estes sempre achavam forma de sair de um impasse que ameaçava tornar-se perigoso.

De resto, também no caso do Vietnam os Russos procuraram exercer uma acção mediadora. Conseguiram-no em 1954, já que se deve a Molotov a escolha do paralelo 17 como linha de demarcação. Por agora não puderam ainda fazer ouvir os seus conselhos aos Americanos e aos Chineses. Estes acham que têm uma oportunidade de humilhar o «tigre de papel», que chamam ao Imperialismo de Washington, e pensam aproveitar-se disso. Quanto aos dirigentes de Hanói, recordados das condições em que negociaram no ano de 1954, sob pressão dos Russos e com a esperança de uma reunificação por intermédio das prometidas eleições, receiam perder na mesa de conferência o que ganharam no campo de batalha.

As opções que restam

Enquanto a China não for efetivamente arrastada para o conflito, pode perguntar-se em que medida a prova de força diminuirá ou não o seu sentimento de superioridade. É também possível que os efeitos do desaparecimento de Mao, que acabará por produzir-se, sejam comparáveis aos da morte de Estaline: quinze dias depois já Molotov começava a fazer uma série de gestos destinados a tranquilizar o mundo ocidental. Mas como a China não é a U. R. S. S., e como de resto há quase dez anos que ela prega a Moscovo o sermão da intransigência, há muitas possibilidades de os seus dirigentes estarem a falar a sério. Eis porque os dirigentes americanos, em vez de governarem «à semana», baseando-se na experiência de uma guerra que nada tem a ver com a actual, devam mostrar claramente ao seu povo, como termos de escolha, as opções que continuam abertas (para nos servirmos de um termo caro a Mac Namara):

— Prosseguir a escalada, o que, quase com certeza, levará a um conflito aberto com a China, conflito que não terminará sem recurso às armas nucleares. O problema não é tanto o de saber-se como reagirá a U. R. S. S. — tudo indica que ela optará pelo partido da prudência, que não deixou de seguir ao longo do seu meio século de existência — mas o da imagem que apresentará ao mundo os Estados Unidos: uma nação

A razão pela qual Pequim se não comporta como Moscovo é muito simples. A U. R. S. S. é um país territorialmente satisfeito, preferentemente defendido pelo seu potencial nuclear, universalmente reconhecido como uma das duas superpotências do mundo moderno. Atingiu entretanto um nível de desenvolvimento tal que seria suicídio participar numa guerra. Quando Kruchchev exercia a sua chantagem atómica, estava a fazer um bluff: daí o pânico que revelou quando da crise das Caraíbas. A China encontra-se numa situação substancialmente diferente. Há dezasseis anos que os Estados Unidos a impedem de recuperar, com a Formosa, uma fracção do seu território nacional. Uma vez que a China considera a sua civilização (de ontem ou de hoje) muito superior a qualquer outra, o clube dos Grandes afasta-a decididamente. Acresce que ela dispõe de reservas humanas tais que acredita numa vitória final sobre as nações mais ricas.

Foi a partir de Outubro de 1957, logo a seguir ao lançamento do primeiro Sputnik, que abriu o grande debate entre Pequim e Moscovo. Tratava-se de saber — para retomar a expressão de Kruchchev quando, de regresso da América, visitou Pequim em 1959 — se «chegara o momento de experimentar pela força a solidez do sistema capitalista». A esta pergunta respondera ele com um «não» e Mao com um «sim» — ambos categóricos. O divórcio dos dois países provém, antes de mais, da oposição das suas respostas a este problema essencial.

que, duas vezes em meio século, não hesita em esmagar populações miseráveis sob o peso das suas bombas de apocalipse, conservará o mínimo direito de exercer a liderança moral do mundo ocidental, como continua a desejar?

— Prosseguir enquanto for necessário, quer dizer, talvez durante mais vinte anos, respeitando os limites actuais do jogo, numa guerra cruel que só pode degradar progressivamente os valores tradicionais da sociedade americana, já submetida a uma provação muito rude pelo desencadear da violência racial;

— Concluir que esta guerra não pode ser ganha e abandonar a tentativa de controle de todo o país, recuando para algumas posições costeiras inexpugnáveis e declarando que as tropas americanas permanecerão no Vietnam enquanto o adversário se não dispuser a uma negociação com base na neutralização;

— Ou então, derradeira hipótese, propor à China a única negociação que talvez a interessasse, já que ela comportaria, em troca da neutralização do Vietnam do Norte, a satisfação das suas reivindicações: procura de uma solução para o problema da Formosa e admissão incondicional na O. N. U. e no Conselho de Segurança. Mao Tse-Tung não poderia recusar tal sugestão sem erguer contra si a opinião mundial, a qual veria também, nessa nova atitude dos Estados Unidos, a prova de que este país é capaz de outras audácias que não uma escalada militar.

Atingido este ponto, nada impediria a U. R. S. S. de tentar descobrir os meios de transformar o armistício numa autêntica paz com os Estados Unidos, e talvez, quem sabe, numa provável aliança, caso a China retomasse por sua conta (como Washington afirma) os sonhos de dominação que no decurso dos séculos animaram uma após outra todas as grandes potências.

ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Pessoal da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

Um decreto do ministro do Ultramar, publicado na 1.ª série do n.º 198 do «Diário do Governo», fixa as bases gerais de reorganização da previdência do pessoal da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela, a regulamentar na província ultramarina de Angola

seu sítio durante séculos? Resistiu ao terramoto, mas em 1837 não pôde resistir a outro vandalismo pior, sendo, felizmente, recolhido na igreja.

«E porque não protegê-lo, conforme nos mostra um desenho de Domingos Sequeira, com um tabuleiro quadrangular, coberto por um pavilhão com tecto piramidal, apoiado em pilares de cantaria?»

Um problema para as donas de casa

Recebemos da sr.ª D. Maria Helena dos Santos Rodrigues a seguinte carta sobre um problema de flagrante interesse colectivo, que apontamos à atenção das entidades competentes:

«Sr. director — Exponho a V. um caso, que sei ser de importância para todas as donas de casa que, como eu, lutam com a falta de pessoal, e vêm-se obrigadas a ir às compras. A nossa capital tem poucos mercados, e quem não tem a sorte de morar perto de alguns, vê-se em sérios apuros para se abastecer. Temos a solução dos lugares de hortaliça e dos vendedores ambulantes, mas os primeiros são sempre exploradores, e só os segundos vendem a preços mais razoáveis, e são esses geralmente preferidos, e a quem as donas de casa compram. Compram, sim, mas com grande dificuldade, e é este o motivo da minha carta.

«Por várias razões que desconheço, os pobres vendedores não podem estacionar, e são constantemente escorraçados pela Polícia, quando não levados à esquadra e multados. Esta determinação, não só prejudica quem vende, como, também, quem compra, e afigura-se-me, além disso, de uma falta de lógica flagrante, posto que não se pode vender ou comprar em movimento!»

«Gostaria de perguntar a quem instituiu tal determinação, que prejuízo haverá em que os vendedores estacionem junto ao passeio, constituindo assim uma «mini-praça», e que tão necessário é para quem vive afastado dos mercados. Será por sujarem as ruas? Por prejudicarem o trânsito? As próprias autoridades poderiam determinar as ruas para esse efeito, e então multariam (e com razão) os vendedores que abandonassem no pavimento os detritos das suas mercadorias. E até poderiam marcar um horário para esse estacionamento: das 9 às 11, por exemplo.

«Todas as donas de casa exultariam, pois quantas vezes saem para as suas compras, e não encontram um único vendedor! Fugiram os pobres, ao grito de «lá vêm eles!», e ficamos nós sujeitas ao lugar de hortaliça, onde temos que comprar, geralmente, com mais vinte por cento, no mínimo».

Acórdãos proferidos pelo Supremo Tribunal Administrativo

Em apêndice ao «Diário do Governo», foram agora publicados os acórdãos proferidos pela 1.ª secção (contencioso administrativo) do Supremo Tribunal Administrativo, durante o primeiro trimestre de 1965.



Alice Fernandes Mendes

FALECEU

Mário Carlos Mendes, Serafim Carlos Fernandes e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, cunhada e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 31, às 11 horas da Igreja de São João de Deus para o cemitério do Alto de São João.

A FUNERARIA LISBONENSE
Telef. 84 00 98

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS DE ABASTECIMENTOS

HOSPITAL DE S. JOSÉ

CONCURSOS PARA O 4.º TRIMESTRE DE 1966

Batatas	Concurso Público n.º 96
Peixe congelado	Concurso Público n.º 97
Azeite e óleo de mendobi	Concurso Público n.º 98
Vinho e Vinagre	Concurso Público n.º 99
Hortaliças	Concurso Público n.º 100
Carne de Carneiro	Concurso Público n.º 101
Carnes diversas	Concurso Público n.º 102
Banha, Chouriço e Toucinho	Concurso Público n.º 103
Frutas	Concurso Público n.º 104

Os concorrentes devem pedir nestes Serviços de Abastecimentos das 9 às 11,30 ou das 14 às 16 horas de qualquer dia útil, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas) as respectivas condições.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicados nas Condições Especiais.

Lisboa, 29 de Agosto de 1966.

Pe'lo CHEFE DOS SERVIÇOS

a) Joaquim Coelho Flor

DESPORTOS

Em Budapeste principiam hoje os 8.^{os} Campeonatos Europeus de Atletismo

BUDAPESTE, 30. — (Por Mike Hughes, da Upi — A. N. I.). — Durante os próximos seis dias, Budapeste vai ser o palco dos oitavos campeonatos europeus de atletismo, em que participam atletas de trinta países.

No princípio de Agosto, todos os olhares estavam voltados para Kingston, na Jamaica, onde se realizavam os jogos do Commonwealth e do império britânico. Agora a acção regressa à Europa e tudo leva a crer que mais de um «record» mundial será batido.

A lista de participantes, especialmente nas provas de concursos, parece o «quem é quem» do atletismo.

Há o russo especialista do salto em altura Valério Skvortsov, o rus-

so Gennadiy Bliznetsov, especialista do salto à vara, o Inglês Lyn Davies, «astro» do salto em comprimento e o seu rival soviético, Igor Ter-Ovanesyan, o polaco, Josef Schmidt, rei do triplo salto, o checo, Ludvik Danek, especialista no lançamento do disco, e o húngaro, Gyula Zsivotsky. Todos eles «ases» entre os melhores do atletismo.

Danek e Zsivotsky podem melhorar os seus «records» mundiais, mas o húngaro terá de estar na sua melhor forma para conseguir ganhar.

Nas corridas, o francês Michael Jazy, antigo recordista mundial da milha, tenta conquistar a medalha de ouro dos 1500 metros e, possivelmente, a dos 5000 metros.

A Bélgica continua a depositar as suas esperanças em Gaston Roelants, especialista nos 3000 metros obstáculos que parece interessado em ganhar os dez mil metros, agora que tem uma medalha de ouro olímpica, para acompanhar o seu «record» mundial na prova de obstáculos.

Os países em competição são: Albânia, Áustria, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Dinamarca, República de Pankov, Finlândia, França, Alemanha Federal, Gibraltar, Inglaterra, Grécia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Malta, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Eire, Islandia, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Rússia, Jugoslávia e Hungria.

A Alemanha estará representada por equipas separadas de Pankov e da República Federal — o que pela primeira vez acontece, desde a guerra, numa grande jornada internacional de atletismo.

Os russos, como habitualmente, têm a equipa mais numerosa, com cerca de uma centena de elementos, ao passo que Portugal, Gibralt-

ar e Malta só têm um concorrente.

A desistência das irmãs russas Tamara e Irina Press e de Tatyana Shchelkanova, e da romena Ilona Balas constituiu a única sensação, antes do início dos campeonatos.

No caso das irmãs Press, o motivo oficial para o seu afastamento foi a «doença da mãe», ao passo que para os casos de Tatyana e de Ilona Balas foram evocadas lesões.

No entanto, a versão que corre na «aldeia» em que estão instalados os atletas, é que o quarteto teve medo de ser submetido ao exame médico, ordenado pela IAAF.

Entretanto, os atletas mostram-se satisfeitos com as instalações para treinos.

A cerimónia oficial da abertura dos campeonatos está marcada para hoje, às 15 e 30 (hora de Budapeste), no estádio de Nep.

O presidente da Hungria, Istvan Dobi, proferirá a alocução de boas-vindas aos 850 atletas que representam os 30 países.

O Benfica defronta hoje em Toronto a equipa de «The Falcons»

Depois de ter disputado dois encontros em Nova York, com uma saltada ao México, no intervalo desses dois jogos, o Benfica encontra-se em Toronto, na Canadá.

Al terminarem os «encarnados» esta sua digressão, defrontando a equipa da colónia italiana, «The Falcons», que no Canadá desfruta da melhor reputação.

O Benfica deixou Nova York, em seguida ao seu encontro de anteontem, e horas depois estava



Uma fase do encontro Benfica-Sporting

Benfica, Belenenses e Cascais vencedores na 6.ª jornada do «Regional» de hóquei em patins

O Campeonato Distrital de Hóquei em Patins prosseguiu com quatro dos seis encontros do programa da sexta jornada, os quais forneceram os seguintes resultados:

Benfica-Sporting	8-1
Em reservas	5-5
C. U. F.-C. Ourique	2-2
F. Benfica-Belenenses	1-5
Em reservas	5-3
Cascais-Salesiana	4-2
Em reservas	6-2

A jornada completar-se-á com os encontros Lisgás-Oeiras, hoje, no

«Rink» Fernando Adrião, e Sintra-Paço de Arcos, amanhã, em Sintra. De salientar a expressiva marca obtida pelos «encarnados» sobre os seus velhos rivais, que há uns tempos atrás seria surpreendente.

Os resultados dos restantes jogos podem considerar-se normais. Jogaram e marcaram:

BENFICA — Ramalheite; Nogueira, Alexandre (1), Livramento (3), Jorge Vicente (3), Garrancho e Casimiro (1).

SPORTING — Teixeira; Reis, Salema (1), Geraldo, Ponte, Adriano e Barata.

C. U. F. — Vítor Domingues; Joaquim Manuel, Zézinho, José António, Leonel (1) e Afonso (1).

C. DE OURIQUE — José Pereira; Moreira, Julio, Catarino (1), Barreto (1) e Campos.

F. BENFICA — Ferreira; Tiburcio (1), Jordão, C. Silva, Figueiredo, Rodrigues e Alves.

BELENENSES — Abel; Nunes, Saraiva (2), Vítor Garcia (3), Armando, Vítor Santos e Jaime.

CASCAIS — Magalhães; Fidalgo (2), A. José (1), Sombreiro, Freitas (1) e Quim.

J. SALESIANA — Alves; Bastão, Peneiras, Duarte (1) e Ramos (1).

Helénio Herrera distinguido pelo «Super-Sport»

MILÃO, 30. — (F. P.). — Os prémios do melhor treinador e do melhor jogador para a época 1965-1966 foram atribuídos, pelo semanário «Super-Sport», ao treinador Helénio Herrera, do Internazionale de Milão, e ao avançado do F. C. Nápoles, o argentino Omar Enrique Sivori.

A «Bola de Prata» foi concedida «ex-aequo» ao alemão Helmut Haller (Bolonha) e ao brasileiro Venecius de Menezes (Lanerossi), transferido este Verão para o Internazionale como segundo melhor jogador do campeonato da Itália da divisão nacional.

Miguel Arcanjo é hoje homenageado

Miguel Arcanjo, o dedicado «internacional» do F. C. do Porto, tem, esta noite, a sua festa de homenagem e de consagração pelos serviços devotada e esforçadamente prestados ao clube das Antas.

Arcanjo terá a rodeá-lo logo à noite o carinhoso aplauso de todos os portistas, o «muito obrigado» da massa associativa, a qual não esqueceu as tardes de glória proporcionadas pelas fulgurantes exibições do inesquecível defensor central angolano.

O encontro de homenagem, entre o F. C. do Porto e o Belenenses, que principiará às 21 e 45, servirá igualmente de novo exame, não só para os «azuis brancos», como para os «azuis», aquilando-se, assim, as possibilidades futuras dos seus grupos.

NOTÍCIAS DE PUGILISMO

● FRANCFORT, 30. — Por via aérea chegou a esta cidade vindo de Chicago o campeão mundial de boxe dos pesos-pesados Cassius Clay a fim de iniciar os seus treinos para o combate em que porá em jogo o seu título contra o alemão ocidental Karl Mildenberger, e que se efectuará em 10 de Setembro próximo.

● BUENOS AIRES, 30. — (A.N.I.). — Anuncia-se que o pugilista argentino Horacio Accavallo, campeão mundial dos «mínimos», assim, combate, em Outubro, com o campeão japonês, Kiyoshi Tanabe. O combate não conta, porém, para o título.

Hector Vaccari, empresário de Accavallo, disse que o combate se disputa no Japão no dia 4 de Outubro e será de dez assaltos.

● BUENOS AIRES, 30. — (A.N.I.). — O empresário Juan Lectoure anunciou que oferecera quarenta e cinco mil dólares ao pugilista coreano Kim Kim-Soo, campeão mundial dos «meios-médios», para pôr o título em jogo, num combate com o argentino Jorge Fernandez, a disputar na Luna Park, em Buenos Aires.

Lectoure acrescentou que não recebera ainda resposta do pugilista coreano, e que se este não quiser vir à Argentina está convencido de que Fernandez não se importará de ir combater à Coreia.

Manuel de Oliveira no «Europeu» de atletismo

BUDAPESTE, 30. — (F. P.). — O português Manuel de Oliveira, 4.º dos 3000 metros obstáculos, nos últimos Jogos Olímpicos, depois de ter ganho a série qualificativa terá bastante dificuldade em se qualificar para a final da referida prova dos campeonatos da Europa, cujas séries (3 séries e 4 qualificados) terão lugar em 1 de Setembro e, a final, em 3.

Quando dos últimos jogos realizou na final 8 m 36 s. Este ano não fez melhor que 8 m 45 s 6/10. Ora, dos 27 inscritos nos 3000 metros obstáculos, em Budapeste, 21 realizaram menos de 8 m 45 s. Assim, seria necessário que o português tivesse progredido bastante quando das últimas sessões para poder esperar a participação na final.

Além disso, encontrará nos campeonatos da Europa dois dos corredores que o precederam na final olímpica: o belga Gaston Roelants, medalha de ouro, e o britânico Maurice Herriott. Para julgar exactamente as possibilidades de qualificação do português, é necessário esperar pelas séries dos 3000 metros obstáculos.

PROVAS DA A. F. L.

A actividade da A. F. L. principia já no próximo domingo com os encontros da 1.ª jornada das «Taças de Honra» (II e III Divisões).

Depois, suceder-se-ão os outros torneios do bem elaborado e vasto calendário de provas, que inclui: Taças de Honra — I Divisão (4 conc.); II (4 conc.); III (4 conc.).

Campeonatos Distritais — I Divisão (14 concorrentes, em duas categorias); II (14 concorrentes em duas categorias); III (inscrição livre, numa única categoria). Juniores — I Divisão (24 concorrentes); II Divisão (inscrição livre). Reservas, para clubes da I e II Divisões Nacionais (8 concorrentes). Amadores, Aspirantes e Juvenis (inscrição livre).

Provas Extraordinárias — Torneio de Reservas, reservado às equipas melhor classificadas no «distrital»; torneios seniores, juniores, aspirantes e juvenis, de inscrição livre para todos os clubes que, na altura, tenham inactivas as suas equipas; «Taça de Lisboa» (por eliminatórias).

As Divisões em 1966-67

A constituição das várias Divisões, quer de seniores, quer de juniores, com vista aos próximos «distritais» está já estabelecida. Assim:

I Divisão — Casa Pia Atlético Clube, C. D. dos Olivais, C. F. «Os Bucelenses», C. F. Estrela Amadora, F. C. de Alverca, G. D. Estoril Praia, G. S. de Loures, Odivelas F. C., S. F. Palmense, S. G. Sacavenense, S. L. e Olivais, U. D. e R. de Algués, U. D. Vilafrankense e Vitória C. L.

II Divisão — A. D. de Oeiras, C. D. Arroios, C. D. da Charneca, C. D. Império do Cruzeiro, C. F. Benfica, C. F. «Os Montelavarenses», C. F. de Santa Iria, G. D. União Ericeirense, G. D. de Vialonga,

Linda-a-Pastora S. C., Sporting Clube de Linda-a-Velha, Sporting Clube de Lourel e Zambujalense F. C.

Juniores (I Divisão) — Alhantra S. C., Atlético da Malveira, Atlético C. P., Casa Pia A. C., C. D. dos Olivais, C. F. «Os Belenenses», C. F. Benfica, C. F. Estrela Amadora, Clube Oriental de Lisboa, F. C. de Alverca, G. D. S. Cascais, G. S. de Loures, Império C. P., Odivelas F. C., S. C. U. Torreense, S. F. Palmense, S. G. Sacavenense, S. L. Benfica, S. L. e Olivais, S. U. Sintra, Sporting C. P., U. D. e R. de Algués, U. D. Vilafrankense e Vitória C. L.

Centros de Iniciação Desportiva e Recreação

Conforme noticiámos, estão em pleno funcionamento ao longo da nossa costa, vários Centros de Iniciação Desportiva e Recreação, orientados pelo I.N.E.F. e custeados pelo Fundo de Fomento do Desporto.

Esses centros estão a exercer, mediante inscrição, nas nossas praias, uma acção educativa salutar junto das crianças.

As várias modalidades educativas, físicas, desportivas, recreativas, plásticas e musicais, têm despertado o maior interesse e representam uma novidade educativa entre nós.

Alguns dos referidos centros organizaram já exposições dos seus trabalhos; e, ainda recentemente, foi inaugurada a primeira exposição infantil no Casino Peninsular da Figueira da Foz, sob a orientação do sr. professor Julio Tuna.

TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 1966

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE A BATALHA DAS ARDENAS — no MONUMENTAL

TIVOLI
As 3 da tarde
e 9.30 da noite
8. MES
34.ª SEMANA
Um espectáculo
maravilhoso em
1000-00 em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO JORGE
As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)
Integrado no
Festival 007
007... ORDEM PARA MATAR
com Sean Connery e James Bond

EDEN
As 15.15, 18.30
e 21.30
(M. 17 anos)
Que horrível ser se ocultava naquele
macabro poço?
O PALÁCIO MALDITO
com Vincent Price, Debra Paget e Lon Chaney

MONUMENTAL
As 21.30
ESTREIA
M/ 12 anos
Diferente de tudo o que viu até
hoje!
A BATALHA DAS ARDENAS
com Henry Fonda — Robert Ryan
— Dana Andrews

ALVALADE
As 15.45 e 21.45
(M. 6 anos)
Uma das mais humanas histórias de
amor jamais filmadas
O RAPAZ E O TOURO
com MICHEL RAY
CINEMASCOPE — TECHNICOLOR

estudio 444
As 15.30,
e 21.45
(Adultos)
19.ª SEMANA
DE SENSACÃO!
do mais extraordinário e vibrante
documentário sobre o ilegal mercado de
carne humana
**AS ESCRAVAS
AINDA EXISTEM**
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO

POITEAMA
Telef. 32 63 05
As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
Um filme de brutal
acção guerreira
HOMENS QUE SÃO FERAS
com Tom Tryon e Pat Hogan
Implacável caça a um pele-vermelha
que fez tremer uma nação
Technicolor (M. 12 anos)

EUROPA
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Telef. 66 10 16
ANJINHOS E VIGARISTAS
com Paul Meurisse e Bernard Blier
MUNDIAL
As 15.15 — 18.15
21.30
(Adultos)
Integrado no festi-
val do filme
italiano

A BELA DE ROMA
de Luigi Comencini
com Silvana Pampanini e Alberto Sordi
AVISO:—Este filme manter-se-á
em exibição até às «matinéas» do
dia 2.

AVIS
As 21.45
(Adultos)
Humphrey Bogart reaparece
num filme sen-
sacional e empolgante!
SEM CONSCIÊNCIA
Um grande êxito de outros tem-
pos, agora em cópia nova!
AR CONDICIONADO

ESPLANADA PORTUGUESA
Telef. 4 76 63
As 21.30
(M. 12 anos)
**SANSÃO, O TERRÍVEL
BATALHÃO SUÍÇA**

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21.15
(M. 17 anos)
**A HISTÓRIA DE UM GRANDE
AMOR —
ROCHEDOS HUMANOS**

UMA VIDA POR VIVER
MÁSCARAS DE CERA

IMPERIO
As 15.15 e 21.30
(Adultos)
O filme mais repre-
sentativo
da Escola de Nova York
LUZ QUE CEGA

estudio
As 15.30, 18.30
e 21.45 (Adultos)
15.ª SEMANA
O maior filme de sempre
AFRICA ADEUS

ROMA
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
Nathalie Wood
e Richard Beymer
Platéia 72 77 78
Balcão 72 91 92
ho excepcional filme de Robert Wise
distinguido com 10 «Oscars» pela Aca-
demia Americana!

WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)
Tela de 70 mm. — A preços normais
AR CONDICIONADO

CONDES
As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)
Telef. 32 25 23
Montgomery Wood
na história cruel de uma vingança
ADEUS GRINGO
(ADÍOS GRINGO)
com Evelyn Stewart e Peter Cross
Eastmancolor e scope
Ar condicionado

ODEON
As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
Uma excepcional
maravilha que fala
ao coração
Telef. 32 62 83
O VEU AZUL
com Jane Wyman e Charles Laughton
Uma história deliciosa dirigida à sensi-
bilidade das mulheres
(M. 12 anos)

OUTROS ESPECTÁCULOS
TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A mulher
do roupaço» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A fa-
mília Sam» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «Quando é
que tu casas com minha mulher?» (17
anos).
CINEMAS
CAPITÓLIO (Terrage) — As 21 e 15: «O
preço de um homem» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «Duelo no Rio
Bravo» (12 anos).
IMPERIAL — As 21: «A cabana do Pal-
Tomaz» (17 anos).
JARDIM — As 21: «Mundo Cão N.º 2»
(17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «A carga dos ve-
lados» (17 anos).
OLÍMPIA — As 19: «O indomável» (17
anos).
ORIENTE — As 21: «Com a maldade na
alma» (17 anos).
PARIS — As 21: «Os os fracos se rendem»
(12 anos).
PROMOTORA — As 21: «As mulheres e
o rebelde» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Louco por garotas»
(17 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Zorikan, o
destruidor» (12 anos).
CASTANHEIRA — As 21 e 30: «O tumulo
do Faraó» (17 anos).
D. JOÃO V (Damaia) — As 21 e 15:
«A vida amorosa de Moll Flanders»
(17 anos).

● Na Linha de Cascais
OIRAS — Oeiras-Cine — As 21: «Os
novos aristocratas» (17 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — As 21
e 30: «O jogo do assassino» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — As 21: «Jessi-
ca» e «Os assassinos do bairro» (17
anos).
ESTORIL — Cine-Esplanada — As 21 e
30: «Sinfonia para um massacre» (17
anos).
CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «O
rancho do amor» (17 anos).

● Na Linha de Sintra
AMADORA — Recreios Desportivos — As
21 e 15: «O voo da Fénix» (12 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — As 21 e 15:
«A espada do Cid» e «Violetas imperi-
ais» (12 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — As 21
e 30: «A seita do Texas» (12 anos).
ERICEIRA — Casino — As 21 e 30: «O
desporto favorito dos homens» (17
anos).

● Na Outra Banda
ALMADA — Incrível — As 21 e 15: «O
meu sangue corre frio» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — Cine-Copaca-
bana — As 21: «A queda do Império
Romano» (12 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — As 21
e 15: «Arrepto-me todo» e «Sinais es-
condidos» (17 anos).

Impressões de viagem

(Continuação da 17.ª página)

subtil e imponderável, que nos
abraça e perturba, que nos faz sen-
tir, na nossa própria subjectivida-
de, o intimismo e a fascinação de
uma multidão de artistas, de bo-
mos, de românticos, de enamorados,
de excêntricos, de milionários
e de miseráveis, de naufragos de
sonhos, de desgraçados extraordi-
nariamente felizes e de «grands
seigneurs» notavelmente desgraçados
— que impregnaram a cidade
com os seus risos, as suas lágrimas,
as suas fortunas e as suas
fomes, as suas rimas, as suas as-
pirações, as suas glórias e as suas
derrocadas... Todas as infinitas
sensibilidades artísticas que cruzam
o mundo, em todas as direcções,
amaram, viveram e sofreram,
neste maravilhoso Paris, e, de
deixaram — plasmados na atmosfera
— as suas ansiedades e os seus
rumores.

Paris é a voz jamais extinta da
Piaff, da Lucienne Boyer... Paris
é o gesto libertino e maravilhoso da
Juliette Greco, das suas mãos de
milagre, da sua voz de murmúrio...
Paris é Pigalle, é St. Ger-
main des Prés, Montmartre — é o
mistério e o amálgama do sonho
com a realidade...

Paris é a cidade da beleza, da
arte, do amor, do universo inteiro.
É a cidade onde as palavras são
sorrisos e os sorrisos são beijos,
que escaldam o sangue e dão asas
de seda às imaginações escaldan-
tes... Paris é a cidade onde nos
encontramos e nos descobrimos a
nós próprios, sem enganos, sem
mentiras, onde a vida nos abre
uma porta de ouro que nos permite
o prazer de viver e onde até as
pedras nos falam e as árvores dos
«boulevards» nos murmuram se-
gredos... Paris é a nossa verdadei-
ra residência, a casa própria dos
nossos espíritos, libertos e sine-
rosos!

E agora, adeus Paris!... O avião
vai partir!... Até brevemente... Segui-
mos a caminho da Alemanha...

VIDA MUSICAL

O Ensemble Instrumental André Colson no X Festival de Sintra

Qual será a importância e a ex-
tensão do papel da música (de Jorge
Peixinho) no espectáculo teatral
com que está prestes a encerrar-se
o X Festival de Sintra? De
qualquer modo, deve considerar-se
como último concerto a apresen-
tação, ontem, no *Ensemble Instru-
mental André Colson*, (em Queluz,
o seu grande salão desta vez trans-
formado em verdadeira plateia de
sala de concertos, o que evita sen-
síveis desigualdades de audição pa-
ra o público, verificadas sobretudo
na visualmente admirável Sala dos
Cisnes do Palácio Nacional de Sin-
tra).

Entre o recital de violino e pia-
no por Sandor Vegh e Helena Sá
e Costa e o concerto pelo *Ensemble
I. André Colson*, as condições
de autêntica atracção da região ti-
nham sido aproveitadas para um
espectáculo de bailado, — no Par-
que Valências febrilmente ilumina-
do — e por um concerto de mu-
sica «espiritual» pela «Coral Ariette»
no quadro próprio da Igreja de
Santa Maria.

A célebre bailarina Rosella Hight-
ower tinha atraído enorme afluên-
cia, e defendeu-se corajosamente
das dificuldades criadas pelo palco
improvisado. Mas não houve proble-
mas semelhantes para a «Coral
Ariette».

Como convergência de qualida-
des e condições musicais intrínse-
cas, pode considerar-se o Grupo
André Colson e o seu programa
como a mais marcante manifesta-
ção musical do X Festival Inter-
nacional de Sintra. Logo na pri-
meira peça do programa, um bri-
lhante Concerto (op. 5 n.º 7, em
ré menor) de Albinoni, — dois
«Allegros» separados por um Adá-
gio de grande estilo e profundo
sentimento — as doze figuras do
grupo impuseram a sua classe; o
volume de som é doseado e gra-
duado na perfeição, a dicção é por-
menorizada com uma minúcia que
a naturalidade sublima. Em segui-
da, deliciaram-nos, no seu carácter
mais ameno, os nove «Airs à dan-
ser» do francês setecentista J. J.

Mouret. E no Concerto para viola,
em sol maior, de Telemann, a so-
lista, Jacqueline Legris, e o con-
junto imprimiram uma largueza e
uma seriedade toda a favor do
autor.

Na segunda parte, para Mozart,
O Divertimento para cordas K. 138,
talvez no 1.º e 2.º andamento seja
preferível a versão para solistas,
mas a técnica sem escolhos do
grupo brilhou no último andamen-
to, luminoso na sua alegre leveza.
E só virtuosos com muita cabeça
poderiam abordar os Seis Prelú-
dios para cordas de Jean Françaix,
extenso documento do nosso sé-
culo, na sua feição não vanguar-
dista mas desmoeçada e de uma
grande habilidade de escrita. Dá
oportunidade de aliciente maviosi-
dade ao violoncelo (Traugott Sch-
mohe) e reserva com muita origi-
nalidade um papel de exame ao
contrabaixo (Colette Neveu). Só
não compreendemos o título geral
de Prelúdios, discriminadas e bem
caracterizadas, em: Abertura, Ele-
gia (para o céu), Scherzo, Inter-
mezzo alla Tedesca (para o contra-
baixo), Sogno e Finale, o que não
achamos compatível com o referi-
do título de Prelúdios.

O sucesso foi enorme, não maior
do que o inteiramente merecido,
obrigando André Colson e as suas
exímias colaboradoras a uma extra
que foi uma festa deslumbrante
de execução de arcos.

FRANCINE BENOIT

Curso de Pedagogia segundo o Método Ward

Terminou no Centro de Estudos
Gregorianos, o Curso de Pedago-
gia Musical, segundo o Método
Ward, que se destinou à formação
de professores de música de clas-
ses infantis e primárias.
Realizado em regime de curso in-
tensivo, com seis aulas por dia,
funcionou com duas classes, de 1.º
e 2.º graus, regidas pela professora
D. Isabel Maria de Silva Nunes e
pela directora do Centro, D. Julia
de Almendra. O trabalho realizado
neste curso, apesar de intenso, de-
correu com grande interesse e bom
nível, de que resultou o melhor
aproveitamento.

Estiveram representadas as di-
oceses do Funchal, Algarve, Lisboa,
Leiria, Portalegre, Guarda, Porto e
Braga. Após a passagem de exa-
mes com provas escritas e orais,
seguir-se, para encerramento dos
trabalhos, a celebração de missa,
na capela particular da Congrega-
ção de «Nossa Senhora das Vító-
rias». Oficiou o aluno rev.º Manuel
Narciso Alves, da diocese de Por-
talegre, e colaborou uma «schola»,
constituída pelos alunos que fre-
quentaram o referido curso.

MUSEU MILITAR

O sr. dr. Müller Roschach, embaixa-
dor da Alemanha Federal, visita ama-
nhã, às 10 horas, o Museu Militar.
Será acompanhado pelo adido militar,
sr. coronel Roland Sermerich, e pelo
seu adjunto, sr. comandante von Eitzen.



DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR KONI DARA

MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS • REGULÁVEIS • REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Sociedade Geral de Importação, Lda.
Avenida António Augusto de Aguiar, 23-A — Telefone 731131

bom apetite

RESTAURANTE FIL
UMA JANELA ABERTA SOBRE A PONTE
ALMOÇOS • LANCHES • JANTARES
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS • A JUNQUEIRA
TEL. 63 90 48

Restaurante TATU
CAMPO GRANDE, 80 Telef. 765188
A MANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
5.ª-FEIRA
PATO NO FORNO
Servem-se casamentos e baptizados

café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 672229 - 666532

restaurante arameiro
PRÉMIO
DO S. N. I.
TRAV. ST. ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Telef. 36 71 85

RESTAURANTE BOLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
AMANHÃ
Bacalhau à Brás
Dobrada à moda do Porto
c/ feijão branco
Diariamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

**AUTOMOTORAS
DE FIM-DE-SEMANA
PARA O ALGARVE**
Comunica-nos a C. P. que até
aviso em contrário, efectuar-se-á
aos sábados a automotora para
serviço público, entre Barreiro e
Vila Real de Santo António-Gua-
diana, servindo o ramal de Lagos,
com partida da estação de Lisboa

(Terreiro do Paço) às 13.40 h. e
chegada às 18.55 h.; a Vila Real
de Santo António-Guadiana, às
19.55 h.; a Portimão, às 19.06 h.
e a Lagos, às 19.32, regressando
aos domingos, com partida do
apeadeiro de Vila Real de Santo
António-Guadiana, às 19.35 h.; às
Faro, às 20.31 h.; de Lagos, às
19.48 h. e de Portimão, às 20.13 h.,
com chegada a Lisboa (Terreiro
do Paço), à 1.30 h.

**RESTAURANTE
REFÚGIO DO TAVARES**
Casa especializada em
MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço à lista
Av. Braga, N.º 3 — Telef. 62475
P6VOA DE VARZIM

A polícia procura no «mundo dos espíritos» a solução do enigma das máscaras de chumbo

RIO DE JANEIRO, 30 — (A. N. I.) — A Polícia brasileira teve hoje de penetrar no «mundo dos espíritos», para procurar solucionar o mistério que envolve a morte de dois técnicos de televisão, cujos cadáveres foram encontrados com estranhas máscaras de chumbo a cobrirem o rosto.

Depois de passarem horas a ler cartas, a examinar livros de contabilidade, poeirentas revistas de electrónica e objectos pessoais que pertenceram a Miguel José Viana, de 34 anos, um dos mortos, os investigadores encontraram um livro intitulado «A insanidade vista sob um novo prisma», escrito pelo dr. Adolfo Bezerra de Menezes.

Os detectives resolveram ler hoje o livro, palavra por palavra, esperando encontrar algo que lhes permitisse desvendar o mistério da morte de Viana e do seu colega, Manuel Pereira da Cruz, de 32 anos.

RAIO LUMINOSO DE COR AZULADA QUE DESCE DO CÉU

Os cadáveres não apresentavam nenhum sinal de violência e a autópsia não revelou fosse o que fosse susceptível de causar a morte aos dois homens. Entretanto, os residentes na área onde foram encontrados os corpos, perto de Niterói, declararam ter visto descer do céu um rai luminoso de cor azulada mais ou menos no momento em que a Polícia pensa ter ocorrido a morte de Viana e do seu colega.

«Perguntei a um dos declarantes porque motivo não tinha avisado as autoridades do que vi, e ele respondeu-me ter julgado tratar-se de um «disco voador» — declarou Idivan Ferreira, detetive da Polícia de Niterói.

UM FACTO CONCRETO: O DESAPARECIMENTO DE CINCO MIHÕES DE CRUZEIROS...

Todavia, a despeito de todas as implicações sobrenaturais, o desaparecimento de cinco milhões de cruzeiros, que testemunhas dizem terem pertencido aos dois homens, sugere que o caso se reveste de aspectos muito mais normais.

O detetive-inspector José Venâncio Bitencourt continua a proceder ao interrogatório de Elco Gomes Correia, de 25 anos, também técnico de televisão, o qual, segundo se afirma, esteve na companhia dos dois homens pouco antes da sua morte. O inspector insiste em que Correia «esconde qualquer coisa».

Na verdade, este confessou, no domingo à noite, ter efectuado «experiências espíritas» em conjunto com os dois homens, entre as quais — segundo a expressão usada pela Polícia — «experiências telepáticas com vista à obtenção dos poderes da sexta hierarquia dos anjos».

UM POLICIA ACREDITA NO SOBRENATURAL

Correia continua preso, mas Harval Viana, irmão de uma das vítimas, afirma estar convencido da sua inocência, alegando: «Ele não é mais do que um garoto que monta antenas e ajuda os outros. Não pode ter o cérebro de um criminoso».

Um dos agentes da Polícia, Ciro Braga, não deixa de admitir a possibilidade de uma explicação sobrenatural, tendo alegado: «Ultimamente, tem havido por aqui muitas coisas inexplicáveis».

Reunião em Brazzaville de grupos que atacam a soberania portuguesa em África

BRAZZAVILLE, 30 — (A. N. I.) — Num ataque não discriminado dirigido aos Governos de vários países africanos pelo dr. Agostinho Neto, presidente do «Movimento Popular para a Libertação de Angola» — ou M. P. L. A. — acusando-os de falta de colaboração e de «desvio do espírito da revolução africana», foi a nota dominante no primeiro dia de trabalho da conferência antiportuguesa, que está a efectuar-se em Brazzaville com a participação de dirigentes de alguns dos movimentos que combatem a presença de Portugal em África.

O dr. Agostinho Neto agradeceu publicamente o auxílio de toda a ordem que tem merecido do Governo do Congo — Brazza — o qual tem permitido ao M. P. L. A. manter dispositivos de guerrilha junto à fronteira com o distrito angolano de Cabinda — mas insurgiu-se contra «numerosos estudos africanos que se têm alheado do auxílio devido à causa dos combatentes da liberdade».

O dirigente do M. P. L. A. manifestou claramente o seu desagrado por muitos desses estudos continuarem a reconhecer a existência do G. R. A. E. — ou Governo Revolucionário de Angola no Exílio — estabelecido por Holden Roberto em Kinshasa, e, aludindo aos golpes de Estado de carácter anti-comunista verificados nos últimos dez meses no Congo — Kinshasa, no Ghana e em outros países africanos, lamentou «as alterações que se têm registado no panorama político africano».

Além do M. P. L. A., estão representadas na conferência duas outras organizações antiportuguesas igualmente conhecidas pelas suas ligações com o comunismo internacional: o P. A. I. G. C. — ou «Partido de Independência da Guiné e Cabo Verde» — e a F. R. E. L. I.

GRACE DE MÓNACO (a caminho de Nova York) PASSOU POR LISBOA

— Lamento, mas desejo viajar sem qualquer publicidade. Os meus cumprimentos à Imprensa e os meus melhores votos ao povo português.

Foi com estas palavras e um sorriso amável que Grace de Mónaco respondeu a Maria Tereza, das Relações Públicas da P. A. A., que a pedido dos jornalistas tinha perguntado à princesa se autorizava ser fotografada e se acedia fazer qualquer declaração.

Grace Kelly viaja só. Muito elegante no seu «tailleur» escuro, ocultando os seus olhos com uns óculos também escuros, Grace cobria os lindos cabelos dourados com um lenço estampado.

A princesa segue para Nova York. Não revelou o motivo da viagem. Talvez Grace queira visitar os pais...

Seis pessoas feridas num acidente com um carro

Ontem, perto de Alcácer do Sal, um automóvel, que se dirigia de Alcácer do Sal para Lisboa, chocou violentamente com outro veículo, que circulava em sentido contrário, devido a ter-se rebentado um pneu. Ficaram feridos os seus seis ocupantes, que receberam tratamento no hospital de Alcácer do Sal, de onde vieram para a capital, sendo conduzidos ao Hospital de S. José, para complemento desse tratamento e para efeitos de radiografias.

O carro era guiado por Joaquim Fortunato dos Santos, de 35 anos, caixeiro-viajante, e nele viajavam os irmãos do condutor, Fernando Pereira dos Santos, de 18, torneiro, António Dolores dos Santos, de 21, pintor, residentes em Lisboa, na Calçada da Tapada, 144, porta 2, e D. Antonieta Custódia Pereira dos Santos, de 26, empregada de balcão, e seu marido, Domingos da Luz Mendonça, de 27, soldador, moradores em Cacilhas, na Rua Elias Garcia, 36-38, e a sobrinha deste casal, Maria Cecília Conceição Mendonça, de 11, residente em Mem Martins. O estado de todos é muito satisfatório.

Um morto e três feridos noutros acidentes

Foi removido para o Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morto ao Hospital de S. José, o corpo de Isidoro Joaquim Cantoneiro, de 72 anos, proprietário, morador em Pegões, o qual fora colhido por um «jeep» militar, no perigoso cruzamento daquela localidade.

Na sala de observações daquele hospital deu entrada, muito ferida na cabeça, D. Maria da Assunção Santos Palmeirão, de 35 anos, moradora na Rua Padre Inácio, 6-2, em Queluz, a qual foi colhida por um automóvel, naquela vila.

Também estiveram no Hospital de S. José, a receber tratamento a várias contusões, João Palmeiro Barbosa, de 51 anos, viajante, e sua mulher, D. Ilda de Jesus Palmeiro Barbosa, de 30, empregada de escritório, residentes em Lisboa, na Rua Neves Ferreira, 5-1, que, perto das Caldas da Rainha, foram vítimas de um acidente com o automóvel em que seguiam, contra o

FALECEU O JORNALISTA JOSÉ BARÃO

Ao princípio da tarde de hoje, fomos surpreendidos com a notícia da morte de José Barão, jornalista de longa carreira que soube conquistar, pelas suas invulgaridades profissionais e inteireza de carácter, gerais simpatias. Em reportagens da mais diversa índole percorreu o País de lés a lés, criando em toda a parte amizades duradouras e rara popularidade. Era um homem probo e de uma modestia invulgar — qualidades que podemos considerar raras, se atendermos a que José Barão era um profissional competente e de invulgar eficiência.

O nosso saudoso companheiro faleceu esta tarde, na Casa de Saúde das Amoreiras, onde dera entrada após o agravamento dos seus padecimentos. De facto, a falta de saúde levava José Barão a reformar-se recentemente, muito antes do limite de idade, depois de ter pertencido, durante 41 anos, ao quadro redaccional do nosso prezado colega «O Século».

José Barão, algarvio de nascimento, contava apenas 62 anos de idade, completados há uma dezena de dias. Era director e proprietário do «Jornal do Algarve» e foi presidente da Casa da Imprensa de Lisboa, que lhe fica a dever um certo numero de louváveis iniciativas de ordem cultural e social.

Casado com a sr.^a D. Ana Lopes, o nosso camarada era pai do jornalista António Baptista Barão; irmão da sr.^a D. Maria José Barão Teixeira.

O corpo de José Barão, segundo vontade do extinto, deverá ser trasladado para a Casa da Imprensa, de onde sairá amanhã o funeral, a hora e para local ainda a determinar.

A família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» sentidas condolências.



EM LUXUOSOS TRANSATLÂNTICOS

CRUZEIRO
AO MEDITERRÂNEO:
No «ANNA C»
Partidas todos os sábados, até 6 de Outubro
Duração 8 dias
Preços desde 3.450\$00

CRUZEIRO AO
MEDITERRÂNEO E GRÉCIA:
No «OLYMPIA»
e «QUEEN ANNA MARIA»
Partidas em diversas datas
Duração 16 dias
Preços desde 6.830\$00

EM AVIÃO
E AUTOPULLMAN
ESTADOS UNIDOS E CANADÁ:
Nova York, Washington, Pittsburgh,
Chicago, Detroit, Cataratas do Niagara
Partidas às 2.^{as}, 4.^{as} e 5.^{as} feiras
Duração 16 dias — 13.950\$00

ÁFRICA DO SUL:
Johannesburgo, Parque de Kruger,
Pretória, Durban, Cape Town
Partidas: 6.^{as} feiras
Duração 17 dias — 26.900\$00

EM AVIÃO
BRASIL:
Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Brasília, S. Salvador e Recife
Partidas: 3.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as} e sábados
Duração 18 dias — 27.500\$00

Antes de organizar as suas férias peça programas detalhados e o livro
VIAGENS STAR-66
Av.^a Sidónio Pais, 4-A
Telef. 53 89 71 — LISBOA

Pr. dos Restauradores, 14
Telef. 36 25 01 — LISBOA
Rua do Alecrim, 10
Telef. 36 95 03 — LISBOA

Av.^a dos Aliados, 210-220
Telef. 3 68 27 — PORTO
e ainda filiais no
ESTORIL, FUNCHAL e LUANDA

Utilize o Credi-STAR
Viaje agora e pague depois

DESLUSTRAGEM A SECO
Garanta absoluta, igualmente em
peça a seco com acabamentos por
faiaite. Bastará ligar a 223422, R. de
Prata, 156, s/1 (único no género).



Quinta-feira, 1 de Setembro, às 22 horas

Apresentação em Lisboa de Mestre

JOÃO NÚNCIO

A classe e o virtuosismo do maior cavaleiro
de Portugal descem à arena
pela 1.^a vez nestes últimos anos
para competir com um rojoneador espanhol

ANGEL PERALTA

Na lide integral à portuguesa
de 4 Toiros dos Herd. de D. Diogo
Passanha (Quinta de S. Pedro)

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM comandados por RHODES SÉRGIO

4 Toiros de
Oliveira (Irmãos) para

JOSÉ JÚLIO

AMADEU DOS ANJOS

BILHETES À VENDA
nos locais do costume
(Telefs. 76 15 39, 77 18 19, 3 07 69 e 32 17 12)

BOWLING

CINCO PISTAS AUTOMATIZADAS

CAFÉ • RESTAURANTE
SNACK-BAR • TABACARIA

MATERIAL E EQUIPAMENTO
APROVADOS PELA FEDERAÇÃO
MUNDIAL DE BOWLING

ENTRADA PRIVATIVA JUNTO A PORTA PRINCIPAL DO HOTEL

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

UMA TARDE DE VERÃO

por ALBERTO FERNANDO SILVA

E aquelas palavras inspidas não havia maneira de me entrarem na cabeça! Detestava a Botânica, os seus nomes, definições, tudo, enfim. Tinha o cérebro demasiado povoado de ideias para poder assimilar tudo aquilo: lia linhas sucessivas, sem pensar sequer numa só das palavras. Já por

várias vezes tinha tentado esvaziar o espirito, mas todas as tentativas tinham resultado num malogro. A corrente de pensamentos fluía irmanada com o sangue, creio até que as temporadas me latejavam, contudo os acontecimentos foram demasiado rápidos, para que a isso desse alguma importância. Só tinha um desejo: deixar finalmente aqueles livros e descansar. Queria ouvir musica, passear, sei lá?! Apenas qualquer coisa que me libertasse das células, raízes e folhas. Distraía-me com os mais simples assuntos: os braços da cadeira, o rebordo circular da mesa de café, já sem tinta, as pedras polidas da calçada. A esplanada estava cheia e ruidosa. Normalmente o barulho não me incomodava, porém eu, naquele dia, estava abstracto. O entrecostar dos copos, uma palavra mais alta, o mínimo rumor me fazia levantar os olhos e procurar a sua origem. Na rua, os carros faziam enormes bichas e aguardavam o sinal verde para se poderem lançar á conquista de mais uns metros, até novamente o vermelho os fazer estacar. Apitavam, enchiam o ar de vapores de gasolina queimada, mal cheirosos e tóxicos. Havia muita gente em movimento como numa cena agitada de um filme. Uma atmosfera rumorejante servia de fundo a tal quadro. Um automóvel, parado com uma roda em cima do passeio, fazia espessa fumareda negra e uma velhota que passou, ao aspirá-la, fez um esgar. Eram pessoas teimosas aquelas, prendiam-me a atenção e, por mais que tentasse, não conseguia libertar-me. Diabo de Botânica, diabo de gente, diabo de café!

No meio da rua havia umas árvores e bancos de jardim, que, naquela altura, estavam desocupados, pois estava um magnifico sol de Verão que ba-

(Continua na 3.ª página)

TEMPO DA MINHA RUA

I
O sol ameno de um dia de Primavera entra docemente no meu quarto, arrastando consigo os pregões das varinas e vendedeiras e todos os ruidos bulhçosos do despertar do dia na cidade.

As casas esfregam os olhos estremunhadas, as ruas parecem mais compridas, espreguiçando-se, numa vontade firme de despertar para a vida.

Aceito o convite, levanto-me, arranjo-me, tomo o pequeno almoço, despeço-me de meus pais e saio para a escola com a mala a tiracolo.

O ar fresco da manhã purifica-me, arranca todos os problemas da minha cabeça, os trabalhos imperfeitos, a chamada a aritmética, o olhar ríspido da professora, que nos faz sentir mentirosos mesmo quando falamos verdade; oh triste sentimento de culpa!

Sinto-me envolvido pela vida da cidade. Pessoas a entrar, a sair, a circular, janelas a abrir, rostos a distorcerem-se em sorrisos prazenteiros, persianas ruidosas como pestanas renitentes, tudo faz parte do rito dos dias iguais. Cumpro-o maquinalmente, mas com rigor, é o hábito da vida vivida.

Continuo a seguir o meu caminho marcado, até que entro na *minha rua*, mas não confundam, a *minha rua* não é a rua onde vivo, essa é de todos os que aí habitam, a *minha rua* é só minha, é esta onde existe algo de diferente das ruas dos outros. Aquela casinha tipicamente branca, no recanto tímido das escadinhas tombadas. Mas, além de ser branca, é curiosa, com telhas e bordais vermelhos a contras-

tar com o candeieiro verde, suspenso da sua parede cansada, janelas entreabertas, convidando-nos á descoberta por detrás das alroas cortinas vermelhas, com bolas brancas, que deixam ver os vasos do craveiro e do manjerico. Esta voz límpida e bem timbrada, como a manhã de Primavera, cantarolando um fado de branco castiço, com odor a cravo e manjerico. Aqui sim, aqui é a *minha rua*, aquela que é só minha.

Continuo a andar, agora mais lentamente, como que queren-

Por
**A. BARAHONA
DE ALMEIDA**

do conservar em meus pés o chão da *minha rua*. A brancura típica, a voz límpida, o aroma do craveiro e do manjerico vão-se esfumando na bruma fresca da manhã, na espessura alegre da cidade estremunhada...

— MENTIROSOS, NÃO ESTUDARAM PORQUE ANDARAM PARA AÍ PELAS RUAS, A JOGAR A BOLA E A FUGIR DOS POLÍCIAS, DEPOIS QUANDO FICAREM REPROVADOS NO EXAME NÃO SE QUEIXEM.

II
O despertador toca renitentemente, com arrogancia, consciente da sua invulnerabilidade, tornando ásperos e frios os lençóis, o travesseiro e a almofada. Estendo displicentemente o braço, travo a campainha, enfio os chinelos e abro as janelas de pau, deixando que a luz fosca de um dia baço de Outono penetre receosamente no meu quarto.

Arranjo-me, preparo o meu pequeno almoço, tomo-o, ponho o chapéu, pego na pasta e saio.

O ar humido da manhã pardacenta purifica-me, arranca todos os problemas da minha cabeça, o trabalho que o patrão me havia encarregado de fazer e que eu não fiz, por falta de tempo, o dia arrasante que vou ter com a transferência de capital do cliente que me maça há uma semana, os constantes e importunos reparos do patrão sempre a querer mostrar a sua autoridade, enfim tudo desaparece no ar humido da manhã.

Sinto-me envolvido pela vida da cidade. Autocarros, motos, automóveis, param, arrancam e circulam com o barulho típico do bocejo indolente: tudo faz parte do rito dos dias iguais. Cumpro-o maquinalmente, mas com rigor, é o hábito da vida vivida.

Continuo a seguir o meu caminho marcado, até que entro na *minha rua*, aquela que já não é só minha e onde existe algo igual ás ruas dos outros. Aquele arranha-céus de cores harmoniosas..., com matizados de amarelo, verde, azul e vermelho, destacando-se na saliência arrogante da curva orgulhosa no seu revestimento de alcatrão luzidio. As janelas fechadas, de vidro despertando-nos a curiosidade interior, mas estabelecem a barreira do nosso mundo. sómente se avista o átrio, ornado de imponentes cactos verdes plantados em canteiros cobertos de seixos. Esta musica melodiosa de um saxofone..., bem timbrada e plena de ritmo como a manhã de Outono..., é musica de jazz de matizados, amarelos, azuis,

(Continua na 4.ª página)

Desenho
de
**JORGE
AUGUSTO**

Dedica- tória

porque em teus ombros sobe o clarão
do fogo que em meu corpo já se ateia

e são guitarras as vozes que se ocultam
no silêncio veloz que te rodeia

porque doces claras cintilantes
pedras de mim disparo que adormecem

na orgia de teus lábios que não ousam
quebrar a teia que meus dedos tecem

porque também amiga o sonho te embriaga
com um vinho novo igual ao que alimenta

a espiga que em meu sangue de ternura
a pólvora semeia que rápido rebenta

e mais e muito mais loucuras nossas
por todas cantarei a luz que te desenha
os exactos relevos interiores

até que venhas descoberta enfim
beber de minhas mãos perdidamente
o puro sabor de catedrais antigas

MANUEL ALBERTO VALENTE

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

TERÇA-FEIRA
30 - AGOSTO - 1966



OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

RESPOSTA

Desde a escola primária tenho um companheiro de quem fui e, intimamente, ainda sou amigo. Quando eramos garotos tudo corria bem, mas ultimamente, pouco a pouco, começamos a tornar-nos muito diferentes um do outro. As nossas famílias mal se conhecem, e nunca se deram. No entanto, como eu ia a casa dele e ele vinha à minha, estou certo que os pais dele lhe deram uma educação e conselhos do mesmo género da educação e dos conselhos que eu recebi dos meus. Simplesmente, eu estou de acordo com os meus pais, e faço tudo para seguir o caminho que eles me indicam, e ele passou a seguir um caminho totalmente oposto. Em vista disto, temo-nos afastado um bocado. Foi, da minha parte, um afastamento progressivo, espontâneo, nada premeditado. Agora, comecei a ter consciência desse afastamento, e levantou-se-me um problema de consciência. Tenho procedido como amigo? Quais são os meus deveres? Mas se eu não quero seguir o caminho que ele escolheu?

Assim como tu te afastaste sem premeditação, talvez também o teu amigo tenha tomado determinada orientação sem propriamente a escolher, mas sim levado por um conjunto de circunstâncias de que não será responsável. O que te pergunto é o que farias se, em lugar de um amigo, se tratasse de um irmão?

Claro que és muito novo, também tens as tuas lutas e não podes deixar-te influenciar por ele. Mas estás bem escudado pela tua vontade, pelos teus pais, e certamente por muitos factores de que talvez nem sequer te apercebas. E ele?

Creio que o melhor que tens a fazer, é conversar com os teus pais. Eles certamente o estimam, pois que o conhecem de criança. Talvez eles estejam de acordo com este propósito: em vez de te afastares, procura atraí-lo a ti e acompanhá-lo, sem te deixares influenciar por ele. Se os teus pais estiverem de acordo, te ajudarem, e se os três conseguirem o vosso objectivo, terão cumprido admiravelmente uma autêntica missão de amizade.

TIAO

CÂNTICO

Amor,
Envolto nos teus braços,
Caído,
Sou guiado pela pureza do teu ritmo.

Hélice a cores de Estio,
Moinho em idade d'ouro,
Maré em reinos de pluma.

Antes de ti vivia em baldios
Agora dou-te o ar do meu jardim.

És esperança caída
Sobre a terra de faces em fogo
Promessas e nuvens,
Beijo do trigo perdido na areia.
Limiar constante da minha melancolia,
Monção do Verão...

Amor!

Pão de vidro saído do meu corpo,
Névoa de espírito que se aperta
Sobre o eco vermelho da minha alegria!

Jamais solidão:
Punhado de terra...
Ilhéu ao longo da vida,
Nada mais que uma ribeira morta
Sem verde sem céu.

É um Cântico!

As nossas mãos são raízes vivas
Onde a Felicidade se ramifica...

Mas até quando as minhas mãos
Sobre as tuas repousam...?
Até quando a tua cabeça
Tomba nos meus ombros?

Até quando...

Meu fruto ébrio de sol
Que dorme no vazio da relva
E floresce em tão longa planície.

JOSÉ DE LEMOS



Desenho de A. FERREIRA

Por um Domingo triste

por M. A. GONÇALVES DE VAZ

Era um dia húmido.

Um vento fresco de visita ao mar embalava coisas enquanto verticais de braço dado passeavam entre crianças loiras.

*Havia gente a mais.
Era domingo.*

Caras olhavam, palermas, um vendedor de indecifráveis, ao tempo que um cego apalpava a medo, o seu mundo cor de zisto.

Percebiam-se músicas.

Alguém disse — será que disse? — que se rezavam missas, tocavam sinos, saíam famílias para os campos arejar.

*O Mundo olhava o Mundo.
Eu... esperava.*

O amigo certo falava-me da vida e o dia segredou-me o tédio. Ela chegou. Não vinha só. Vinha com outra de sorriso leve.

Os risos incitavam-me na esperança.

Os corpos acompanham-me no sonho... no segredo.

Disse-se qualquer coisa à laia de prefácio.

Logo que sentados à mesa de um café quisemos conversar, uma força estranha prendeu-nos os sentidos, e frases soltas brincaram sem prazer.

Um dito qualquer chocando nos meus lábios, não estou bem certo, levantou-lhe os olhos e estes, naturais, fugiram apressados para lugar seguro.

Tristes olhos tristes! Reflecti. Um murmúrio suave de emoções percorreu os ares, e uma folha cor de lília descreveu, sensual, certas espirais, aterrando além do perceptível.

O vento, que se zangou com o mar, arrepiou os seres ainda

presos à carícia morna da tardezinha.

Um vertical esguio dizia adeus. Adeus sol... adeus... Adeus mundos da luz... Adeus azul imenso, azul real...

Uma vez ela falou. Disse qualquer verso que esqueci, porque lhe escutava a nostálgica conversa do olhar.

*Tristes olhos tristes!
O último raio de sol cantou nos céus. A hora da partida aproximou-se, e um criado pálido entornou, distraído, um copo de água.*

Disseram-nos adeus. Ela e a de sorriso leve entraram no magote, perderam-se na sombra.

Sorriso leve... olhar tão triste...

Percebiam-se silêncios. O Mundo amava o Mundo. Eu... senti que era domingo.

PÁGINA 2

30 - AGOSTO - 1966

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO



UMA TARDE DE VERÃO — por A. FERNANDO SILVA

(Continuação da 1.ª página)

tia de chapa nas varas de madeira verde sobreaquecida.

Tinha espalhado uns livros e umas folhas de papel sobre a mesa metálica e o empregado tivera dificuldade em encaixar o copo de água coberto de gotas de orvalho, e a estafada «bica». De um lado e de outro, mesas a abarrotar em frente, um estreito corredor e, além, uma rapariga que tirava apontamentos e articulava palavras surdamente. A minha esquerda estava um casal. Ela, de óculos escuros e enormes, como ditava a moda, mas que lhe desfiguravam a face minúscula, cabelo preto, que um laço também negro apertava atrás, muita laca, enormes brinços pretos e brancos, bebia uma laranjada. Era magra, usava um vestido também preto e branco, cingido ao corpo, os braços nus e uma pulseira dourada que lhe apertava o relógio ao pulso. A pele parecia ser de cor clara mas os cremes tinham-na bronzeado. Tinha os dedos finos e grandes, unhas pintadas de vermelho pálido e já por duas vezes a apanhara a olhar para o que eu estava a fazer. Ele, bebendo cerveja, embora também alto, era muito mais forte. Vestia um fato claro, de alpaca. Parecia aborrecido. Não pronunciara, que eu ouvisse, uma palavra, no entanto ela falava pelos dois.

Do outro lado apenas sei que estava um negro de sapatos de camurça. Tinha de prestar mais atenção ao que fazia ou no outro dia «estampar-meia» na chamada, o que veio a acontecer. Que calor! Era impossível estudar. O céu estava completamente azul, sem manchas e os carros gritavam, rugiam e as senhoras batiam com os saltos dos sapatos nas pedras da rua. Tentei pensar na minha... numa amiga e no momento em que a iria esperar. Em que poderia eu pensar se nem já nela me conseguia concentrar? Os carros iam agora a passo de carga, os aros dos faróis rebrilhando como as narinas dilatadas dos cavalos em galope. E os saltos na calçada! Santo Deus, o que era daquela vez?

— Dá-me licença? As outras mesas estão todas ocupadas...

Uma rapariga de cabelos louros, muito curtos, segurava no espaldar da cadeira na minha frente. Há uma coisa de que ainda hoje me admiro: não estranhei nada nesta atitude, fiquei extremamente calmo como se a conhecesse há muito tempo e isto em Lisboa é um pouco raro. Ali estava, parada, com uma capa de livros debaixo do braço.

— Senta-te, isto não é lá muito grande, mas, olha, arruma-te como quiseres.

— Obrigado.

Como se nada se tivesse passado, tornei a mergulhar nos campos floridos, mas era o mesmo que querer escalar uma planície, tanto mais que agora tinha um novo motivo a desviar-me a atenção. A rapariga era tímida. Fazia esforços para conseguir entalar um livro qualquer, mas não tocava nos meus. Ainda que tivesse vontade de lhe chamar «atadinha», nada disse e empilhei a minha «tralha». A garota era bonita: tinha os olhos cinzentos e o rosto pequeno e muito branco. A boca descolorida e o nariz eram bastante pequenos. Quando reparou que a estava a observar, baixou imediatamente os olhos para o livro, que eu via agora ser de química.

— Rico petisco! — Disse eu, querendo parodiar.

Olhou para mim, sorriu e encolheu os ombros. Afinal, para que dissera eu aquilo? Disse-o como poderia ter dito outra coisa qualquer, talvez falasse do tempo; fazia tanto calor, seria um bom assunto. Mas eu tivera por prémio o seu magnífico sorriso. Estava até disposto a dizer outra tolice, em troca de mais um riso angelico — mal eu sabia, o diabo que ali estava —, quando me lembrei de que tinha ido para ali estudar e de que ainda nada fizera, além de divagar. Porém, não seria dessa vez ainda que eu obteria melhores resultados. Um empregado veio atendê-la e, pouco tempo depois, trazia a laranjada que a sua voz apagada pedira, enterrando-se entre os livros. Encheu o copo até meio e eu reparei que as mangas do casaco branco estavam um pouco coçadas. Finalmente afastou-se. Sem pressas, a rapariga levou o copo aos lábios e bebeu um pequeno gole. Fiquei irritado com aquilo. Um golinho como os pássaros! Para ripostar, bebi o meu café de um trago.

— Em que ano estás?

Viva o luxo, por fim falara.

— Quinto — respondi. — E tu?

— Também. Como está no mesmo ano, podia emprestar-me o livro de Física?

— Podes tirá-lo, está aí.

A garota era perspicaz, já tinha visto o livro antes de me pedir. Era o género de raparigas, pelo menos então o supunha que nunca se arriscam. Delicadamente tirou o livro e eu

olhei as suas mãos finas e nuas que saíam das mangas da bata desbotada. Reparei ainda que roía as unhas. «Bolas, fez-se outra vez silêncio». Decididamente ela não queria conversar e eu não conseguia ler uma linha. Fechei o livro e bebi uma gota bastante razoável de água que mastiguei. Tentei armar em espartilho, fazendo cantar o copo, mas o fulano não quis. Por mais esforços que fizesse, por mais que rodasse o dedo humido pelo bordo do vidro, ele continuava mudo. Tentei reabrir a conyeração, com poucas esperanças nos resultados a obter:

— Então... que curso vais seguir?

— Medicina. — Ao fim de algum tempo, continuou. — E você, qual é?

— Talvez siga arquitectura. Ouve, faz um esforçozinho, mas não me trates por você, eh?

As faces dela ruborizaram-se, no entanto eu achei preferível não deixar esmorecer a conversa.

— E tens esperanças de passar este ano?

— Não muitas mas vou tentar. Tem tido... — eu fiz sinal de protesto — tens tido boas notas?

Bem, os louros eram meus. — Comme ci, comme ça. Nem boas, nem más, antes pelo contrário. Com essa vontade ao estudo deves ter umas notas estupendas. De que matéria gostas mais?

— Da de Ciências e, mesmo assim, as notas não são das melhores.

— Falsa modéstia!

— Depende do que entendas por boas notas.

Tinha um assunto: — Sim, tudo é relativo. Acho que tudo o que ultrapassar o 11 já são boas notas.

— Que dizes do 13?

— Do azar ou da sorte, é um bom numero e uma boa nota.

Ela nada disse. Bebeu a laranjada, aos poucos, escreveu alguma coisa num papel. O Sol derramava luz e calor que escorriam por entre a folhagem das árvores e os saltos estrepitavam na calçada.

— Como te chamas? — perguntei.

— Gilberta.

— Bonito nome.

— E tu?

— Jorge. Não digas que é bonito, porque o acho horrível, mas, que queres?, não tenho outro.

— «Arquitecto Jorge». Soa bem — disse a sorrir.

— Vai á fava.

Calou-se. Fora parvo em ter dito aquilo. Precisava de outro assunto ou ela ficaria calada, Jorge, onde estava a tua imaginação? Não a podia deixar calar. Os saltos na calçada. «Que hei-de dizer?». Uma mota a ladrar. «É isso, porque não me lembrei há mais tempo?». E os saltos na calçada e a mota e o cheiro da gasolina. «É isso, vá, fala».

— Bem, tenho de ir. — Então, ela cortava-me assim a palavra, agora que eu encontrara o que dizer! — Obrigada pelo livro.

Juntou as coisas, deu uma moeda ao empregado e recebeu o troco. Eu ficara sentado, colado á cadeira. Fora apanhado de surpresa e não me saía palavra, por muito que tentasse.

Levantou-se e arrumou a cadeira.

— Boa tarde e muito obrigado.

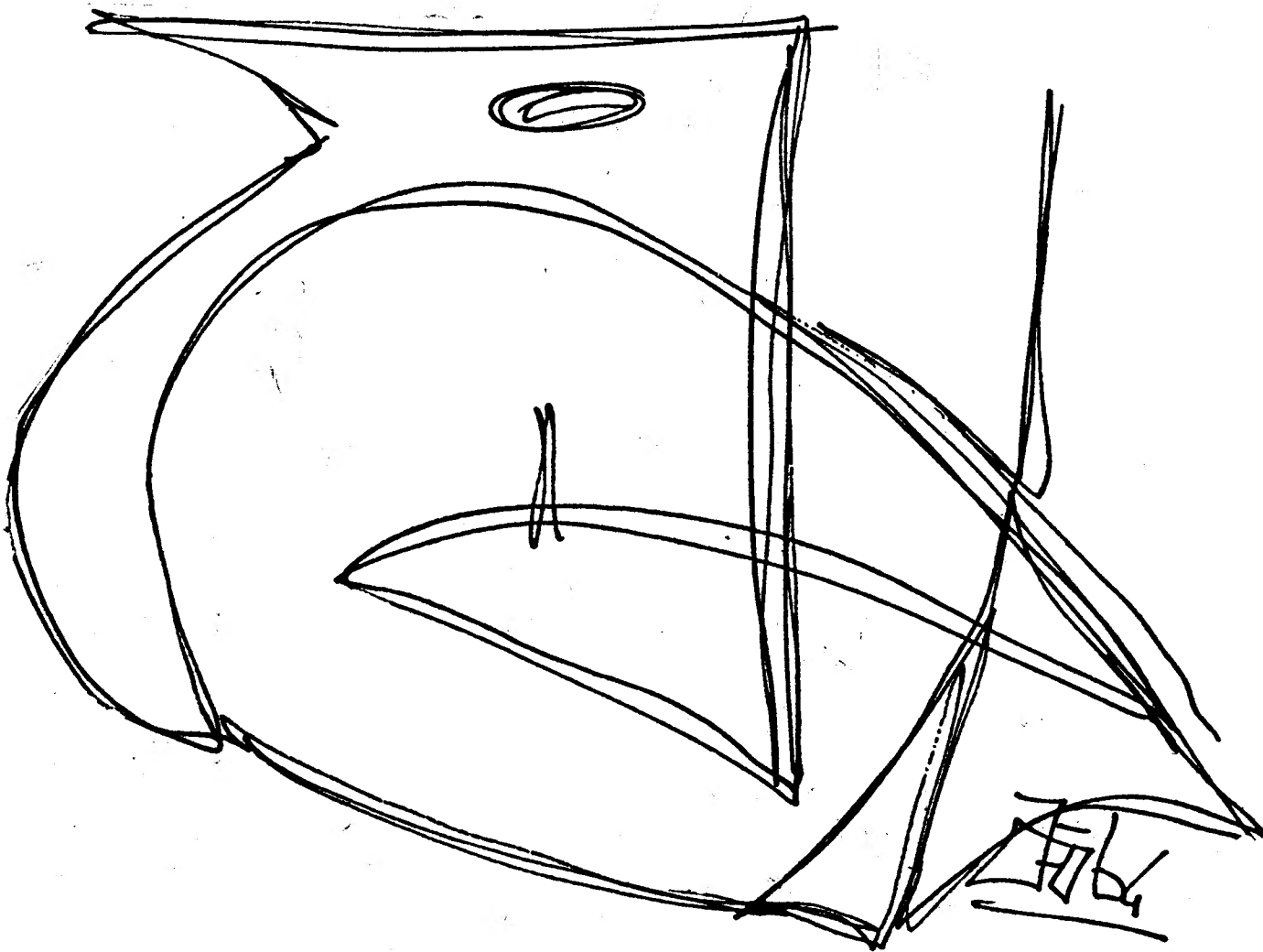
— Boa tarde.

As sílabas saíram-me atropelando-se e continuei sentado. Fiquei a vê-la descer a avenida. O cabelo louro, quase branco, acabou enfim por desaparecer. Tomei o livro que lhe emprestara e folheei-o. As árvores assemelhavam-se a passadores de onde vertiam quentes nacos de luz. Os saltos!... parecia milho que o calor fazia estalar. Um papel caiu do livro, baixei-me para apanhá-lo. Estava mais calmo.

ADEUS ANJINHO
TUA GILBERTA

Estava passado. Com que então, tímida. Sim, de facto fora anjinho, mas fora-o principalmente por não ter suspetado daquele falso pudor. Senti nascer em mim a revolta, contra ela e contra mim próprio. Amontoei os livros, paguei e larguei a correr pela rua. Desci a Avenida da Liberdade, vasculhei os Restauradores, rebusquei o Rossio e por fim, já sem esperanças, a Rua de S. Domingos, mas os cabelos louros tinham desaparecido. Francamente, Jorge, tinhas de admitir que foras bem enganado. Um anjinho ludibriado pelo demónio.

Durante uma semana fui todos os dias àquele café em busca do meu Prestes João que deixara tão interessante carta, mas, daquela tarde de Verão, nada mais resta do que o baque que baque dos saltos nas pedras polidas.



A POMBA DESENHO DE
JOÃO MANUEL SILVA MENDONÇA DE AZEVEDO

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

PÁGINA 3

30 - AGOSTO - 1966



A REVOLTA DAS ESTÁTUAS

O dia acordara; a noite morrera, para sempre...

O sol acordou ecos de manhã pré-histórica na planície inexplorada...

Inesperadamente, as estátuas espreguiçaram-se sobre os pedestais...

Com elas, acordavam também todos os ideais que haviam tombado, todos os que haviam ressurgido, e todos os que permaneciam ainda de pé...; todos os pensamentos, todas as ideias e todas as civilizações que haviam alimentado a chama do tempo, e cujas cinzas há muito habitavam o corpo petrificado das estátuas...

Chegara enfim o dia da vingança...

Acabara enfim o sono letárgico do esquecimento em que haviam mergulhado morais, filosofias e civilizações numa inextricável mistura com pedras e mármore...

Agora, ressuscitavam ao som imenso da vingança prometida...

A revolta das estátuas era uma revolta estranha.

Revoltavam-se contra os Homens, porque as criavam; porque com elas construíam ideais por cumprir, e o Presente, esse ficava sempre além, por viver.

Os Homens, pensavam as estátuas, vivem em permanente queda entre o Presente e um Futuro que nunca alcançam. Connosco é diferente: nada de temporalidades, e de eternidades metafísicas; cada momento que passa, vivemo-lo em suspenso, sugando-lhe cada mórda, esgotando-o completamente como recipiente de eternidade que é.

A nós o Sol. A nós o Amor. A nós o Presente. Gritavam as estátuas.

A Humanidade tornara-se uma engrenagem nas cidades putrefactas de automatismos.

A vitória foi fácil, e foi fértil o reino das estátuas; a vida reapareceu como outrora, revestida com o seu não sei quê de egoísmo e de espontaneidade. E as estátuas guerreavam, sofriam e amavam.

E as estátuas fizeram-se Homens.

E os Homens fizeram estátuas.

LUÍS MONIZ PEREIRA

TEMPO DA MINHA RUA

(Continuação da 1.ª página)

vermelhos e verdes com aroma de cactos majestosos. Aqui sim, aqui é a «minha rua», aquela que também agora é dos outros.

Detenho-me na paragem do autocarro que me levará ao emprego, antes dele, porém, vão chegando diversas pessoas entre elas algumas raparigas de calças justas a berrar com o fisco da manhã.

O autocarro chega, subo, parte, afasta-se, a vida sincopada do dia a dia começa, a musica de jazz perde-se na distancia e na barulho atordoante do motor do autocarro.

— São uns mandriões! Você, por exemplo, não fez o trabalho que lhe pedi, se calhar porque foi para o futebol, e depois dizem que sou exigente!

Hoje é domingo, combinei com dois amigos de infancia irmos ao cinema. Vem ter a minha casa. Proponho seguirmos a pé dado que não é longe e ainda temos tempo. Os nossos passos lentos soam nas calçadas vazias, dos domingos. Conversamos para quebrar a monotonia lugubre de seis pernas a marcar o ritmo. Por curiosidade vamos passar pela «minha rua», que também agora é dos outros. Começamos a recordar momentos ternos da infancia e ocorre-lhes a lembrança da casinha branca, tão típica no recanto típico...

Um os meus amigos diz: — Como o tempo passou rápido! Ainda ontem por aqui passámos com a nossa pasta a tiracolo...

O outro acrescenta, por sua vez:

— Sim, é verdade. E repara, que contraste entre este arranha-céus e a humildade sóbria da de antigamente; o tempo não perdoa...

Pela minha parte limito-me a passar e não dizer nada, a «rua» é «minha» e eu sou o mesmo.

ANTONIO BARAHONA DE ALMEIDA

APELO

Estrangeiro a cada limite
Receoso a cada tempo

Um novo ritmo é o vento

Estrangeiros renascemos
A carne ulcerada

Reviverá em nós
O eco das pisadas?

O elo é motivo
A tomada é consciente

Não podemos reter
As veias da gente

Sorrisos são urros
Apelos ao mar

E os pássaros limitam
O apelo meu olhar

LUÍS FILIPE DE CASTRO MENDES

LEMBRAS-TE DELA, DA VIRGÍNIA

Trabalhava nessa noite, absorvido nas folhas de papel pousadas sobre a mesa comprida do café, quando o meu amigo chegou:

— Vou a Queluz visitar os Ramos. Queres vir?

— Demoras muito?

— Não... amanhã tenho de me levantar cedo!

— Está bem! Vamos...

A ultima recordação que guardo da Virgínia é desagradável — não tem interesse para esta história, nem digna de ser esclarecida na consciência. Virgínia deve ser lembrada envolvida num clarão de pureza, assim à laia de santa que traz uma coroa sobre a cabeça e se veste de branco.

— Os Ramos estão muito mal, sabias?

Conhecia o desenrolar dos factos resumidamente, mas o suficiente para compor uma ideia nítida.

— Não, não sabia!

Virgínia traz um vestido vermelho de laçarotes, grinalda no carrapito, sorriso na boca larga. Aponta para mim e bate suavemente no peito. Na véspera Joana havia dito:

— Bater com a mão no peito significa que gostamos de vocês.

E Ricardo acrescentara:

— A Teresa bate pelo Pedro, a Virgínia por ti e Joana por mim!

Nessa altura talvez ela tivesse uns sete anos.

O meu amigo consulta o relógio e acelera o carro.

— Estou a ver que não chegamos lá antes das dez... é a hora fina das visitas. Nós a batermos à porta e o efeminado do Humberto a recolher à cama, com uma grande bebedeira. É o costume!

Virgínia desce a escada de madeira que conduzia ao quarto, envergando simples combinação branca. Estranha sensação, sentir orgulhoso e superior de alguém que é, ou julgava ser, muito íntimo.

Ao curvar-se deixa nuas as costas tismadas (que o sol da praia é muito forte), como segredo a mim desvendado, mistério que só a nós diz respeito. Nessa tarde no cinema, estiveramos de mãos dadas — descoberta de um mundo diferente que víamos pertencer a outros. Até ao fim do Verão seria um continuo desvendar de

coisas novas: uma delas traria a Virgínia um par de acoites e a falta de sobremesa ao jantar, e a mim o conhecimento dos actos misteriosos de que os companheiros mais velhos da escola falavam orgulhosamente.

Meu amigo teima, na conversa e na velocidade:

— Nós conhecíamos os Ramos, quando eles ainda vinham para cá, pela maneira como se apresentavam, por todo aquele luxo aparente. Para não fugir à regra, miséria no interior. Quem é que tu julgavas que pagava todos aqueles jantares e mariscos, na «Nau»? O Francisco, só ele. Uma vida destas, quando não há orientação nem medida acaba por redundar em fracasso!

Perguntara um dia a minha mãe:

— Mamã... (longa hesitação) como é que se pede namoro?

Meu pai parou a colher de sopa a meio caminho, olhou circunspecto os presentes, remirou a colher, hesitou, acabando por se servir o líquido.

A mãe riu... sorrisos diversos em cada boca e a raiva apertando-me a garganta.

— Não te preocupes! Quando lá chegares aprenderás. (Chistoso: guardel desde então, talvez, ódio à troca). Mas como os iria convencer de que eu havia «chegado lá»? Não conseguia pedir namoro a Virgínia, porque, ao certo, nenhum de nós sabia como era. Contudo foi desnecessário: Virgínia era a minha primeira namorada.

— A Virgínia estava para casar, não era?

— Creio que sim!

Meu amigo volta a olhar o relógio, preocupado com uma pontualidade que lhe não conhecia.

— Uma vez, quando lá fui a casa com a Isabel, vi um sujeito qualquer com ela. Nem sei quem era, no meio de tantas barbilhas e afundado em cabelo.

— Devia ser o noivo... ou o marido se ela não casou já!

Em Julho do ano seguinte, Virgínia volta à praia. Traz um longo rabo de cavalo e um fato de banho pálido. Acerca-se da minha construção de areia e admira-a, enquanto espero, curioso por ver a modificação causada com um ano de ausência. Sorri gaiteira-mente:

— Está bonito!

Virgínia continuava a ser a minha namorada.

Meu amigo suspira, aliviado:

— Estamos perto!... Ao fim e ao cabo as distancias correm depressa.

— ...

— A moça está diferente, sabes? Sofisticada, muito bem! Olha para as pessoas de alto, como apregoando diferenças. Sentimo-la falsa...

Nesse mesmo ano Virgínia perguntou-me:

— Como é que se beija?

A experiência não foi tão agradável como se supunha, mas levantou mais uma ponta do véu do mundo diferente da gente crescida. Repetimo-la. As noites assistiam a beijos furtivos trocados na ecadaria de pedra. Um dia chegou o rival, e Virgínia passou a distribuir seu amor por ambos. Era uma luta muda, traduzida em exhibições de futebol e natação.

Meu amigo estacionou o carro no parque e quedou-se silencioso, olhando a vivenda posta em nossa frente. Advertiu-me:

— Vais ver! Encontras uns Ramos opostos aos que conhecemos. E a Virgínia não é a moça de rabo de cavalo com quem brincavas, nem a tua pseudo namorada.

E dando uma gargalhada, abriu a porta do carro:

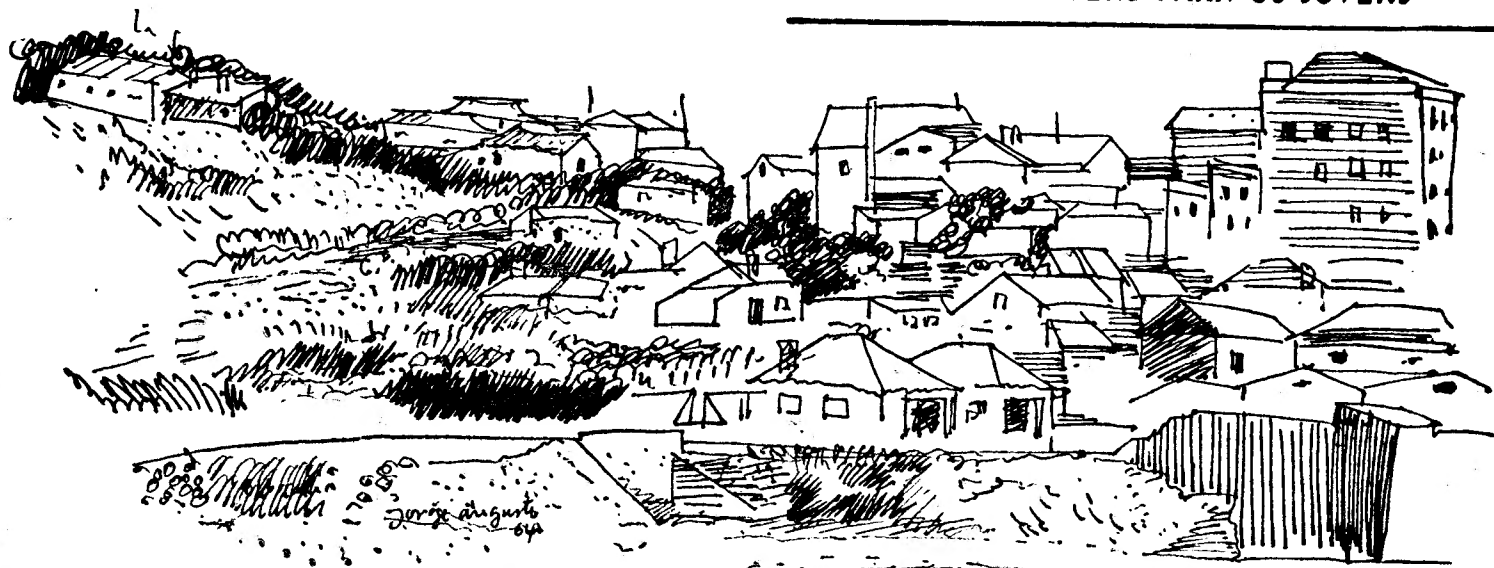
— Lembras-te dela, da Virgínia?

— Não!...

SÉRGIO GUIMARAES ANDRADE

Diário de Lisboa

Juvenil
DOS JOVENS PARA OS JOVENS



Desenho de JORGE AUGUSTO

PÁGINA 4

30 - AGOSTO - 1966

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO